



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GISELE DA SILVA OLIVEIRA

**IDEIAS DE ALUNOS QUANTO AO “NORDESTINO”
EM LONDRINA-PR**

Londrina
2020

GISELE DA SILVA OLIVEIRA

**IDEIAS DE ALUNOS QUANTO AO “NORDESTINO”
EM LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marcia Elisa Teté Ramos.

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

048 OLIVEIRA, GISELE DA SILVA.
IDEIAS DE ALUNOS QUANTO AO "NORDESTINO" EM LONDRINA-PR /
GISELE DA SILVA OLIVEIRA. - Londrina, 2020.
140 f. : il.

Orientador: MÁRCIA ELISA TETÉ RAMOS.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2020.
Inclui bibliografia.

1. ENSINO DE HISTÓRIA - Tese. 2. HISTÓRIA LOCAL - Tese. 3. NORDESTINOS EM LONDRINA - Tese. 4. EDUCAÇÃO HISTÓRICA - Tese. I. RAMOS, MÁRCIA ELISA TETÉ. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 93

GISELE DA SILVA OLIVEIRA

**IDEIAS DE ALUNOS QUANTO AO “NORDESTINO”
EM LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marcia Elisa Teté Ramos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Dr^a. Marlene Rosa Cainelli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 26 de junho de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Jeroni e Natalino que, apesar dos poucos recursos financeiros, sempre me incentivaram e possibilitaram meu acesso a educação. Sem vocês não teria conseguido.

Agradeço a professora Márcia Elisa Teté Ramos por ter acreditado no trabalho e por aceitar a orientação nas duas vezes em que passei pela banca de seleção. A sua compreensão e paciência foram essenciais pra ele estar hoje finalizado. Obrigado.

Agradeço a equipe do Museu Histórico de Londrina “Pe Carlos Weiss”, da Biblioteca Pública de Londrina “Pedro Viriato Parigot de Souza” que colaboraram imensamente para as pesquisas.

Finalmente agradeço ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina e a todos os meus professores.

Londrina, 17 de Junho de 2020.

OLIVEIRA, Gisele da Silva. **Ideias de alunos quanto aos “nordestinos” em Londrina-PR.** 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Historia Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Buscamos analisar neste trabalho as ideias de alunos a respeito da presença de “Nordestinos” na cidade de Londrina Paraná. Para isto o trabalho busca desconstruir e problematizar a narrativa encontrada em dois lugares de memória: A exposição de longa duração a respeito da história da cidade presente no Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” e, também, as edições de 1988,1997, 2001, 2006 e2008 da Coleção Viver e Descobrir. Para isto utiliza-se as obras de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011) e de Erving Goffman (1978) para problematizar o estereótipo do “nordestino” que esta cristalizado no imaginario nacional. Após esta reflexão é aplicado um questionário para identificar as ideias dos alunos a respeito do tema e problematizar os resultados obtidos.

Palavras-chave: Ensino de História. Estereótipo. Ideias de alunos. História Local. Educação Histórica.

OLIVEIRA, Gisele da Silva. **Students ' ideas about "northeast" in Londrina-PR.** 2020. 140 f. Dissertation (master's degree in Social history) – Londrina State University, Londrina, 2020.

ABSTRACT

We seek to analyze in this work the ideas of students about the presence of "northeast" in the city of Londrina Paraná. For this work seeks to deconstruct and problematize the narrative found in two places of memory: The long-term exhibition about the history of the city present in the Historical Museum of Londrina "Pe. CarlosWeiss "and also the editions of 1988.1997, 2001, 2006 and 2008 of the live and discover collection. For this we will use the works of Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011) and Erving Goffman (1978) to problematize the stereotype of "Nordestino" that is crystallized in the national imagination. After this reflection, a questionnaire is applied to identify the students' ideas about the theme and problematize the results obtained.

Key words: History teaching. Stereotype. Student ideas. Local history. Historical education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Cabine telefônica inglesa” situado no centro da cidade de Londrina.....	16
Figura 2 –	Módulo 1: Painel “Primeiros Passos”	33
Figura 3 –	Módulo 1: “Painel Os Primeiros Passos” Texto em detalhe.....	34
Figura 4 –	Módulo 1: “Painel Os Primeiros Passos” fotografia de autor desconhecido e legenda em detalhe	36
Figura 5 –	Módulo 1: “Painel Os Primeiros Passos” fotografia de autor desconhecido e legenda em detalhe	37
Figura 6 –	Módulo 1: “Painel Primeiros Passos” fotografia de Theodor Preising legenda em detalhe	37
Figura 7 –	Módulo 1: “Painel Primeiros Passos” fotografia de autor desconhecido e legenda em detalhe	38
Figura 8 –	Módulo 2: Vitruines “Imigração Diversidade na vida doméstica”	39
Figura 9 –	Módulo 2: Vitruine “Imigração Diversidade na vida doméstica”. Fonógrafo em detalhe.....	41
Figura 10 –	Módulo 2: Vitruine “Imigração Diversidade na vida doméstica”. Hashi em detalhe.....	41
Figura 11 –	Capa da edição de 1988.....	45
Figura 12 –	Capa da edição de 1997.....	50
Figura 13 –	Texto em detalhe	50
Figura 14 –	“Nasce Londrina” texto em detalhe.....	51
Figura 15 –	Capa edição de 2001.....	52
Figura 16 –	Texto em detalhe 2	52
Figura 17 –	Texto em detalhe 3.....	52
Figura 18 –	Texto em detalhe 4.....	53
Figura 19 –	Texto em detalhe 5.....	53
Figura 20 –	Texto em detalhe 6.....	55
Figura 21 –	Texto em detalhe 7.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de instrumentos coletados: Completos e Incompletos	81
Gráfico 2 – Sexo do participante	82
Gráfico 3 – Idade do participante	83
Gráfico 4 – Etnia do participante	83
Gráfico 5 – Religião do participante	84
Gráfico 6 – Renda familiar do participante	85
Gráfico 7 – Estado civil do participante	85
Gráfico 8 – Participantes com filhos.....	86
Gráfico 9 – Participantes que trabalham	87
Gráfico 10 – Escolaridade dos pais.....	88
Gráfico 11 – Participantes que pretendem continuar os estudos	88
Gráfico 12 – Horas semanais na internet.....	89
Gráfico 13 – O que o participante acessa na internet	90
Gráfico 14 – Cursaram o ensino fundamental I em Londrina	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Relação de origem e quantidade de objetos expostos nas vitrines“Imigração Diversidade na vida doméstica.....	40
Quadro 2	–	Grupos musicais e músicas prediletas	91
Quadro 3	–	Quais os filmes prediletos.....	92
Quadro 4	–	Quais os livros prediletos.....	93
Quadro 5	–	Programas de TV prediletos	94
Quadro 6	–	Quais os objetos costumam comprar	95
Quadro 7	–	Categorização da questão 18.....	97
Quadro 8	–	Categoria 1 questão 19	99
Quadro 9	–	Categorias 2, 3, 4, 5 da questão 19.....	100
Quadro 10	–	Categoria 1 questão 20 A	104
Quadro 11	–	Categorias 2 e 3 da questão 20 A	105
Quadro 12	–	Categoria 1 da questão 20 B	106
Quadro 13	–	Categorias 2,3,4 e 5 da questão 20 B	107
Quadro 14	–	Categorização da questão 20 C	108
Quadro 15	–	Categorias 1 e 2 da questão 20 D	110
Quadro 16	–	Categorias 3, 4 e 5 da questão 20 D	111
Quadro 17	–	Categoria 1 e 2 da questão 22	112
Quadro 18	–	Categorias 3, 4, 5 e 6 da questão 22.....	113
Quadro 19	–	Categorização da questão 23.....	113
Quadro 20	–	Categorização da questão 24.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMNP	Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
MHL	Museu Histórico de Londrina
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
EDUCAÇÃO HISTÓRICA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DO TRABALHO.....	19
CAPÍTULO 1 - A NARRATIVA E OS SILÊNCIOS SOBRE A HISTÓRIA DE LONDRINA: O MUSEU HISTÓRICO E OS LIVROS DIDÁTICOS	23
1.1 PEQUENA HISTÓRIA DA PEQUENA “LONDRES”	24
1.2 O MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA.....	27
1.2.1 O PAINEL “OS PRIMEIROS PASSOS”	33
1.2.2 As Vitrines “Imigração Diversidade na Vida Doméstica.....	39
1.3 A COLEÇÃO VIVER E DESCOBRIR	43
CAPÍTULO 2 - PRECONCEITO E ESTEREÓTIPO CONTRA O “NORDESTINO”	57
2.1 A INVENÇÃO DO NORDESTE COMO ORIGEM DO PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO NORDESTINO	57
2.2 REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE.....	57
2.3 ESTEREÓTIPOS, ESTIGMA E PRECONCEITOS	71
CAPÍTULO 3 - IDEIAS DE ALUNOS QUANTO AO NORDESTINO EM LONDRINA-PR	80
CAPÍTULO 4 - O NORDESTINO EM LONDRINA: UM TRABALHO COM ENTREVISTAS	116
4.1 CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA DE METON ARAÚJO DE SOUZA	119
4.2 CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA DE DALTON FONSECA PARANAGUÁ	126
4.3 CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA DE KEPLER PALHANO.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
ANEXO	141

1 INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir é fruto de algumas reflexões iniciais que se deram durante a graduação em História na Universidade Estadual de Londrina. A participação em projetos de extensão voltados ao ensino de história e a história local, a prática do estágio supervisionado, bem como o período de estágio no Museu Histórico de Londrina delinearão o objeto da pesquisa que se apresenta, a História de Londrina e o silêncio a respeito da presença e participação de “nordestinos” na história da cidade¹. Na especialização em Ensino de História na UEL, continuamos com a preocupação em relação ao reconhecimento da voz do nordestino na formação da cidade, para além da História Oficial².

Temos o ambiente escolar como campo para o desenvolvimento desta pesquisa, na sala de aula o trabalho se inicia com a coleta das ideias dos alunos do segmento 2 do Ensino Fundamental de uma escola pública de Londrina³, PR, a respeito dos nordestinos na história da cidade e tem como problemática: Existe um estereótipo a seu respeito? Os jovens reconhecem nas narrativas da cidade o nordestino como sujeito desta história? Após esta fase inicial realizamos um trabalho com algumas fontes históricas, tendo como principais duas entrevistas de “nordestinos”. Busca-se com isto desenvolver algumas reflexões a respeito do aprendizado de história, especificamente a local.

Desta maneira o trabalho se apresenta em três capítulos, o primeiro: *A Narrativa e os silêncios sobre a história de Londrina: O Museu histórico e os livros didáticos*. Aqui empreende-se um esforço em desconstruir e problematizar essa narrativa, e em seu desenrolar serão levantadas fontes auxiliares que serão levadas à sala de aula. Destacamos o Museu Histórico de Londrina e um livro didático de

¹ Aqui colocamos aspas, pois o conceito de nordestino é amplo e homogeneizador, o que será depois discutido. Em diante, considerar que todas as vezes que aparecer a palavra, existem aspas.

² Designamos História Oficial as narrativas mais tradicionais recorrentes em álbuns, jornais, discursos, exposições museais, monumentos, livros didáticos³ e em determinada historiografia⁴. Na História Oficial da cidade, em síntese, prevalece a narrativa histórica construída a partir dos álbuns e publicações comemorativas, especialmente aquelas produzidas durante as décadas de 1950 e 1960, que se pautam na ideia de desenvolvimento, progresso e empreendedorismo na formação da cidade pelas mãos dos chamados “pioneiros”, a despeito de outros grupos.

³ Londrina é um município brasileiro localizado no estado do Paraná, na Região Sul do Brasil, distando 381 km da capital paranaense, Curitiba. Tem uma população estimada em 563 943 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa do Estado e a quarta da Região Sul, depois da capital estadual, Curitiba, de Porto Alegre e Joinville. (Disponível em: <<http://www.fml.com.br/londrina.html>> Acessado em: 17 de Julho de 2019)

história correspondente ao primeiro segmento do Ensino Fundamental de autoria de Magda Tuma, que é graduada em História e em pedagogia, possui especialização em ensino de Geografia, é mestre e doutora em educação, e atua como professora da Universidade Estadual de Londrina no curso de pedagogia (TUMA, 2006). Tanto o Museu como os livros didáticos são tidos aqui como “lugares de memória”. Para Pierre Nora, lugares de memória, são lugares que,

(...) só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p.21-22)

No segundo capítulo, *Preconceito e estereótipos quanto ao nordestino* concentramos nossos esforços na compreensão do contexto político, social e cultural que a Região Nordeste do Brasil possui, para isto utilizamos a obra de Durval Muniz de Albuquerque (2011) como base para esta reflexão. Além disto, discutimos a questão do estereótipo que existe a respeito da região, mas que, principalmente atinge as pessoas vindas de lá. Nos adentramos no conceito de estereótipo e estigma, utilizando em especial Erving Goffman.(1978)

No terceiro capítulo: *O que pensam os alunos sobre os “nordestinos” na formação da cidade?* nos dedicamos a analisar as ideias dos alunos, a respeito da presença nordestina. Aqui temos como hipótese a existência de um estereótipo, estas ideias serão problematizadas e analisadas tendo como objetivo conhecer o que se sabe sobre o nordestino e como ele é visto. Depois de um primeiro estudo, faremos uma reflexão a respeito do ensino de história e como o uso de fontes orais pode contribuir para o seu aprendizado. Aqui partiremos das reflexões teóricas a respeito da história oral e possibilidades de uso em sala de aula, tendo como embasamento a metodologia da Educação Histórica.

As narrativas a respeito da história da cidade de Londrina estão pautadas sobretudo na ideia de progresso, da mesma maneira a “*pequena Londres*”⁴, figura no imaginário da população local e iniciativas do poder público contribuem para que estas ideias continuem arraigadas. Segundo Edson Holtz Leme:

“ a presença negra também é negligenciada quando se trata da história de Londrina, sempre no sentido de “europeizar a formação social da cidade, com a aprovação e anuência do poder público municipal”, sendo que “por diversas vezes, buscaram construir e inventar uma tradição britânica para a cidade”. Desta forma, se edifica a presença inglesa na cidade, mediante “absoluta ausência de registros de famílias inglesas no processo de colonização”, assim, legitimam o papel da CTNP e sua origem inglesa, resultando na ideia recorrente na sociedade até hoje de que Londrina tem origem britânica (LEME, 2013, p. 223)

Na cidade encontramos algumas referências a esta “origem europeia”:

Figura 1: “Cabine telefônica estilo inglesa” situado no centro da cidade de Londrina⁵



Fonte: LEME (2013, p. 223)

⁴ O nome da cidade faz referência a origem do capital estrangeiro que financiou o empreendimento que deu origem a cidade de Londrina. Uma das pretensões deste trabalho é a desconstrução desta ideia que está diretamente ligada ao eurocentrismo.

⁵ Fotografia: Edson Holtz, acervo pessoal, 2012. In: LEME, Edson José Holtz. O teatro da memória: O Museu Histórico de Londrina – 1959-2000. Tese de Doutorado, UNESP, 2013.

Elementos como este entre outros que estão visíveis à população da cidade em diferentes espaços nos dão margem para pensarmos sobre “qual história” ou “quais histórias” estão sendo apreendidas formal e informalmente.

A história local figura entre as temáticas do ensino de história principalmente nas séries iniciais, porém, como alguns estudiosos do ensino de história indicam ela se mostra um campo fértil para se pensar sobre o que é ensinado e como se ensina história, sobretudo quando tomamos como referência discussões mais recentes desta área. Questões como a da dimensão prática do ensino de história e do conceito de evidência histórica, figuram aqui como um dos pontos a serem discutidos no tocante ao ensino e aprendizagem de história.

Germinari e Buczenko (2012), destacam que a história local pode abrir a possibilidade de:

inserir o aluno na comunidade da qual é parte, criando a historicidade e a identidade dele; despertar atitudes investigativas, com base no cotidiano do aluno, ajudando-o ainda a refletir sobre a realidade que o cerca e seus diferentes níveis, econômico, político, social e cultural; o espaço menor possibilita ao aluno a visão de continuidade e diferenças com as evidências de mudanças, conflitos e permanências e; a história local pode instrumentalizar o aluno para uma história da pluralidade, onde todos os sujeitos da história tenham voz. (GERMINARI; BUCZENKO, 2012, p.132)

No mesmo sentido Raphael Samuel (1990) ao tratar de história local e história oral aponta que: “A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado”. Argumenta este autor que o sujeito está “inserido” em um lugar de fontes históricas próximas: “Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos” (SAMUEL, 1990, p.220)

Germinari e Buczenko (2012) apresentam que as discussões a respeito do potencial educativo da história local vêm sendo discutido desde a década de 1970 no Brasil com diferentes abordagens. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - meados da década de 90 do século passado) a história local é destacada tanto como eixo para a seleção de conteúdos quanto para métodos de ensino e aprendizagem. Da mesma forma as Diretrizes Curriculares do Paraná (2008) valorizam a abordagem da história local. No caso da Base Nacional Comum Curricular de

História (2017), a história local é tratada no segmento 1 do Ensino Fundamental, o que não se diferencia dos PCN. No entanto, para nós, é importante tratar da história local em outros segmentos, inclusive no Ensino Médio, por acreditarmos, como Samuel (1990), que no local o aluno tem proximidade com a fonte histórica, seja ela um monumento, vestígios, homenagens, acervos, imagens (como acima a cabine telefônica londrinense que reproduz a cabine de Londres), etc., que podem dar a dimensão da metodologia própria da História, ou seja, como materiais para realizar a problematização, criticidade, interpretação/explicação histórica.

Vilma de Lourdes Barbosa (2006) em seu artigo: *Ensino de história local redescobrimos os sentidos*, nos dá algumas pistas a este respeito ao tratar do ensino de história no sistema educacional brasileiro. Segundo ela principalmente no ocidente existe uma busca a referências europeias que legitimem discursos, o que acaba por contribuir para a existência de uma dualidade entre civilização e barbárie. O ensino de história sempre esteve ligado a este modelo principalmente pela influência da história francesa. Um ensino baseado no eurocentrismo acaba por “perpetuar” um passado uniformizado que exclui qualquer forma de participação comunitária ou de agentes sociais.

No caso de Londrina pode-se dizer que o mesmo ocorre no sentido em que o “valor europeu” está a todo tempo enraizado nos mitos de fundação da cidade. E a dualidade entre civilização e barbárie contribui para a formação de estereótipos e a existência de silêncios a respeito da história da cidade, como é o caso dos negros, das mulheres, dos povos indígenas e dos “nordestinos”.

Devido a esta história eurocêntrica, segundo Barbosa:

“para a maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de história carece de sentido ou utilidade; não se tem a visão de ciência e sim de uma matéria decorativa, estudo do passado, que só exige como vimos, a prontidão em declinar nomes, datas e fatos”. Ou seja, o aluno não consegue se identificar com os sujeitos que fazem história, “porque ocorre a enorme distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de história, já que o aluno se torna mero espectador de fatos, não necessitando esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração. (BARBOSA, 2006, p.58)

É em consonância com estas ideias e questionamentos que este trabalho busca diálogo e embasamento nas discussões da Educação Histórica focando seus esforços na análise das ideias de alunos e no uso de fontes em sala de aula.

Educação Histórica: fundamentação teórica e metodológica do trabalho

O uso de fontes históricas em sala de aula e a aproximação dos alunos da escola básica com a pesquisa científica em história está presente em boa parte das propostas curriculares. Margarida Oliveira e Itamar Freitas ao analisarem estas propostas produzidas no Brasil entre 2007 e 2011 apontam que os objetivos específicos são constituídos por “habilidades singulares ao ofício do historiador”. Dos conteúdos meta-históricos⁶:

Podemos observar as referências aos conceitos básicos (história-processo, história-ciência, fonte histórica, acontecimento, tempo, período, historicidade, sujeito histórico, duração, espaço, memória, narrativa, interpretação e anacronismo) e aos procedimentos canônicos que guiam a pesquisa e a escrita da história (observação, descrição, análise, comparação, interpretação, crítica e síntese) – ambos, objetos da formação inicial em história. (OLIVEIRA; FREITAS, 2012, p.280)

Uma das principais preocupações da Educação Histórica é justamente o aproximar a História-ciência daquela que é ensinada no ensino básico. Isabel Barca (2011) nos fala sobre o surgimento da História como disciplina curricular nos séculos XVIII e XIX com um caráter instrumental e numa perspectiva de consolidação dos imaginários sociais em prol do Estado-Nação. A autora aponta que o tipo de ensino se preocupava com a assimilação automática e fiel sobre o conhecimento do passado, tendo como exemplo grandes nomes, fatos e datas.

Barca (2011) aponta que é sabido que anteriormente ao século XX já se mostravam alguns autores preocupados com o processo de aprendizagem escolar, da mesma maneira Gago (2012) apresenta diferentes abordagens teóricas do processo de ensino-aprendizagem dando destaque as teorias behavioristas e as cognitivas:

Na linha behaviorista cita autores como Pavlov, Thorndike e o considerado neo-behaviorista Skinner. Nesta linha de pensamento a aprendizagem é vista como uma forma de condicionamento e resultado de uma associação entre estímulos específicos e respostas específicas. Aqui temos a aprendizagem como resultado de um condicionamento e todas as formas de comportamento podem ser apreendidas/medidas. (GAGO, 2012, p.13)

⁶ São as operações processuais do ofício do historiador: pesquisa e escrita da história. Na análise realizada apenas duas propostas não explicitam os conteúdos meta-históricos (AL e MG). (OLIVEIRA; FREITAS, 2012, p.279)

Em consonância com as ideias de Tavares e Alarcão (1989), Gago afirma que seguindo os pressupostos desta teoria o aluno é visto como um recipiente passivo e moldável, o professor é tido como especialista e tem a função de transmitir os modelos do saber, o processo de ensino-aprendizagem é definido pelos objetivos a se atingir.

Ainda pautando-se nos mesmos autores aponta que as teorias cognitivas podem subdividir-se em *Teoria da forma ou configuração*, e *Teoria de campo*.

Aqui o sujeito interpreta e organiza o que se passa a sua volta conjuntamente e não apenas de maneira isolada. A ideia é que o sujeito compreenda o significado do “porquê”, “para que” e do “como” fazendo com que ele compreenda as relações entre os diferentes elementos da situação em seu conjunto. Nestas o sujeito deixa de ser visto como passivo e passa a ser tomado como um sujeito ativo no processo de aprendizagem capaz de criar seu próprio mundo e de evoluir continuamente a medida da experiência que vai adquirindo e vivenciando. Gago aponta três pilares que sustentam as teorias cognicistas: a intuição *insight* (descoberta pessoal para resolver uma situação problemática), finalidade e estrutura, na medida em que o sujeito defina sua aprendizagem de forma a consegui-la. (GAGO, 2012, p.15)

Para tratar deste conceito a autora aborda o pensamento de três psicólogos específicos Piaget (1969) , Bruner (1960) e Ausubel (1968). Para o primeiro a aprendizagem é um processo de exploração, descoberta e reorganização mental em busca de equilíbrio através das fases de acomodação e assimilação. Para Piaget (1969) o grau de maturação do sujeito é fator determinante no processo de aprendizagem. Bruner (1960) é apresentado como pai do ensino pela descoberta. Para ele o conhecimento é adquirido a partir de problemas que se busca resolver. O conhecimento é organizado e relacionado com saberes previamente adquiridos e assim vai construindo gradualmente o conhecimento da realidade segundo um modelo próprio. Divergindo de Piaget (1969), Bruner (1960) afirma que qualquer saber pode ser apreendido em qualquer idade.

Gago (2012) aponta para o *Construtivismo social* que na década de 1990 insere-se nas teorias cognitivas considerando o educando um sujeito interpretativo e não passivo.

A ideia do construtivismo é o “ensinar a aprender” e a construção do conhecimento depende de fatores externos e internos. No construtivismo o indivíduo é uma construção própria que vai se desenvolvendo a partir do seu próprio sistema cognitivo, das suas experiências e vivências, e do ecossistema em que se insere. O seu conhecimento é reconstruído tendo por base todos esses fatores de ordem interna e/ou externa, não sendo, todavia, uma cópia da realidade. (GAGO, 2012, p.25)

O construir o conhecimento está diretamente ligado ao “processo científico de questionar e validar o que se sabia e o que se aprendeu. Ressalta-se que nesta perspectiva não existe um conhecimento definitivo, sendo assim o que interessa aqui é o processo de construção de conhecimento. Neste processo a autora destaca o papel dos conhecimentos previamente adquiridos pelos educandos a partir de seu meio social, conhecimentos estes que são adquiridos formal ou informalmente. Ainda ressalta que estas ideias prévias podem ser catalisadoras ou inibidoras da aprendizagem.

Os estudos que tomam como fonte as ideias de alunos tem mostrado como as inferências históricas são feitas a partir de fontes variadas tanto com crianças como com adolescentes. Neste sentido a interpretação de fontes históricas que refletem diversos “pontos de vista” constitui um elemento fundamental na progressão do conhecimento histórico. Neste processo é fundamental destacar que a diversidade de “pontos de vista” não deve ser confundida com a diversidade de suportes, e esta variedade procurou ser explicitada na seleção das fontes que serão levadas a sala de aula e estão na última parte deste trabalho.

O estudar história local além de atender a dispositivos de lei coloca a realidade social humana diante dos alunos das duas maneiras, tanto tratando de conteúdos substantivos como de meta-históricos (BARCA; GAGO, 2001)⁷. Neste trabalho busca-se ver se os alunos percebem a presença nordestina na história da cidade. A problemática se dá não apenas a informações históricas em relação aos nordestinos na região, mas sobre a compreensão de conceitos como o de alteridade. Partimos da hipótese de que em nosso contexto histórico ainda há preconceito em relação ao “nordestino”, ainda mais com as últimas eleições para presidente, pois a maior porcentagem de eleitores da oposição se localizou no Nordeste.

Em história propõe-se o desenvolvimento progressivo de uma argumentação lógica, e empiricamente fundamentada no cruzamento de fontes diversas, de forma a procurar a validade relativa das versões. Esta é uma tarefa genuinamente histórica, além de consentânea com as exigências de formação de uma consciência social neste ambiente atual de informação caótica,

⁷ Ver nota 4 (anterior). Os conceitos históricos substantivos são específicos da história, e estão mais vinculados às informações históricas ou conteúdos históricos, por exemplo: Revolução Francesa, Feudalismo, Renascimento, Guerra de Canudos, Revolução Industrial etc. Os conceitos de segunda ordem, também chamados de estruturais ou meta-históricos, são constitutivos da cognição histórica, isto é, dizem respeito aos fundamentos teóricos e metodológicos da história, à natureza do conhecimento histórico, entre outros: explicação histórica, fontes e evidências, consciência histórica, inferência, imaginação histórica, interpretação, narrativa etc. Tais conceitos também são ligados à noção temporal, como mudança, permanência, evolução e transição (LEE, 2001).

complexa e controversa, a exigir uma leitura (e opção) selectiva, crítica, mas sempre provisória. Esta é, acima de tudo, uma proposta de dar “poder” (*empowerment*) às pessoas, ao criar gente livre, com ideias próprias e atentas ao que se passa a sua volta em vez de simples “cidadãos-robôs”, muito competentes tecnicamente, mas que pensam o que a *media* (e outros poderes) lhes “propõem” pensar. Este perfil, que por vezes parece interessar tanto as agências de financiamento para a educação quando se mostram exclusivamente preocupadas com a literacia linguística, científica e matemática poderá ser fatal na defesa dos valores da democracia e liberdade, tão caros a cultura de uma sociedade aberta, de livre expressão de pensamento e de busca de desenvolvimento material e intelectual, esteja ela geograficamente onde estiver. (BARCA, 2011, p.40)

Acredita-se que as contribuições teóricas e metodológicas da Educação Histórica dialogam com os objetivos desta pesquisa e apontam caminhos para o seu desenvolver, sendo assim ao longo dos capítulos estão melhor explicitados os conceitos que a Educação Histórica apresenta e que são os pontos a serem desenvolvidos no decorrer do trabalho. Para o início reiteramos que, buscamos com isso contribuir para uma “nova abordagem” do ensino de história, que ainda hoje, em alguns aspectos, apresenta o “mesmo sentido” desde o seu surgimento como disciplina. O ensino de história carregado por esta herança dos séculos XIX e XX acaba por formar alunos submissos, passivos, individualistas e negadores do seu caráter social e histórico.

A ideia é que alunos e professores tomem o seu tempo como referência para o estudo da história, caminhando assim para uma história processual e interpretativa, focando na construção de um conhecimento histórico que parta de sua vida prática, tornando assim a história carregada de sentidos, o que não ocorre em um ensino baseado em estruturas prontas e acabadas.

Capítulo 1

A NARRATIVA E OS SILÊNCIOS SOBRE A HISTÓRIA DE LONDRINA: O MUSEU HISTÓRICO E OS LIVROS DIDÁTICOS

Neste capítulo, trataremos da História de Londrina, enfatizando como ela geralmente é disseminada. Consideramos o Museu Histórico de Londrina e um livro didático de história para o primeiro segmento do Ensino Fundamental como exemplos como “lugares de memória” onde se negligência o nordestino como sujeito que participou ativamente da formação da cidade de Londrina e região.

Edificando a figura dos que ocuparam o território em 1929 por meio da CTNP, o chamado “pioneiro”, o discurso histórico, tanto o que ocorre por meio das homenagens, da mídia, como aquele de certa historiografia, terminou por excluir alguns sujeitos, entre eles, o nordestino. A identidade do pioneiro, seria baseada no homem, branco (em especial, o europeu), cristão e heterossexual e integra um tipo de História que produz certa imagem da cidade. Assim como há determinada memória/imagem consagrada do Nordeste no âmbito nacional, também há uma imagem cristalizada sobre Londrina.

Alguns pesquisadores reproduziram o discurso oficial quanto à história da cidade, como, por exemplo, Cecília Westphalen (1950), Ruy Wachowicz (1967), Pedro Callil Padis (1981), Jorge Cernev (1997) e France Luz (1980) . Outros, buscaram desconstruí-lo, e citamos entre muitos: Nelson Dacio Tomazi (2000), Ana Maria Chiarotti de Almeida (1981), Nadir Aparecida Cancian (1981), José Joffily (1985), Sonia Maria Sperandio Lopes Adum (1991), Lúcio Tadeu Mota (1994), Angelo Priori (2012) e José Miguel Arias Neto (1998). Na “História Oficial” da cidade, em síntese, prevalece a narrativa histórica construída a partir dos álbuns e publicações comemorativas, especialmente aquelas produzidas durante as décadas de 1950 e 1960, que se pautam na ideia de desenvolvimento, progresso e empreendedorismo na formação da cidade pelas mãos dos chamados “pioneiros”, a despeito de outros grupos.

1.1. Pequena história da pequena Londres

Tomazi (2000) apresenta o discurso construído a respeito da história da região e os silêncios que a cercam. O discurso “oficial” está associado à memória de indivíduos e grupos detentores de poder na região e é encontrado nos lugares remetentes à memória da cidade, os discursos fundadores. A grande problemática deste discurso é a homogeneização, pois afirma existência de uma comunidade onde todas as pessoas têm os mesmos interesses, pensam e agem de modo igual.

O discurso a respeito do “Norte do Paraná” tem uma ideia base, o progresso, e apresenta como fundamento os ideais republicanos: ordem, progresso, civilização e racionalidade. A adoção destes por parte das elites propicia a construção de uma imagem progressista, sempre buscando o desenvolvimento da vida urbana.

Não se pode construir um futuro baseado em um passado “pouco glorioso”. Neste sentido o passado foi “congelado”, ou seja, não deve ser questionado, e no presente se tornou um modelo para as futuras gerações. Pode-se perceber assim a construção de um passado ideal, uma classificação de quem é digno de memória na localidade e quem não é.

Contextualizando o papel da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), e sua responsabilidade na criação da ideia de Eldorado, Arias Neto (1994) fala da crise dos anos vinte que afetou o ramo mais importante da economia brasileira naquele momento, a exportação de café. O convênio de Taubaté assinado em 1907 limitava a produção cafeeira nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O Paraná com sua produção insignificante no ramo torna-se um espaço importante para os paulistas, que veem no norte do estado um novo espaço para esta expansão.

Neste contexto surge a Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN), que implanta um projeto baseado na venda de pequenos lotes de terra.

A Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), empresa de capital inglês, subsidiária da *Paraná Plantations Syndicate*, com sede em Londres, surgiu depois da vinda da chamada Missão Montagu ao Brasil, no ano de 1923. Essa missão contemplava interesses do governo brasileiro em atrair investimentos e novos capitais estrangeiros para o país, mas parte da historiografia também destaca que esta Missão visava analisar se a região poderia servir de garantia a um empréstimo

de 25 milhões de libras solicitado por Arthur Bernardes a Rothschild. A CTNP adquiriu, entre os anos de 1925 e 1927, do governo estadual paranaense, 516.000 alqueires de terras, nas quais planejava investir na plantação de algodão. Com a oscilação do mercado exportador do algodão no mercado internacional, a CTNP mudou de planos para colonizar seu território e dar início ao processo de demarcação de terras e lotes, enviando uma caravana, chefiada por Lord Lovat, em agosto de 1929, com técnicos e agrimensores para a demarcação das terras. Para receber os futuros compradores de terras da região norte do Paraná, a CTNP construiu sua sede em Londrina e objetivando atrair compradores para suas terras, esta colonizadora empreendeu várias propagandas, evidenciando o suposto “vazio demográfico”, a fertilidade das terras, a ausência de saúvas, a alta produtividade da terra roxa e os preços baixos dos lotes a serem comercializados: “Londrina e suas terras, eram idealizadas por meio de expressões que a transformavam em uma espécie de terra prometida”. Seria o “El Dourado”, a “Terra da Promissão”, a “Nova Canaã” (LEME, 2013, p. 76). Assim, não apenas nas propagandas da CTNP, mas como em jornais, revistas, álbuns, se consolida uma determinada imagem, uma memória, uma história.

Estes textos, apesar da diversidade de gênero, tema e estilo, podem ser caracterizados como de “exaltação”. Na perspectiva dessas obras, o norte do Paraná é a Terra da Promissão, o Eldorado, a nova Canaã, o paraíso prometido da fertilidade, da produção agrícola abundante, das oportunidades iguais de enriquecimento para todos aqueles que quisessem trabalhar e prosperar. Essas análises, não raro, trazem no bojo a ideia de uma ocupação e construção pacíficas do território, onde o capital e seus agentes foram, naturalmente, preenchendo os espaços, como se estes estivessem ansiando e esperando por aqueles. (ADUM, 1991, p. 10)

Como dissemos, a companhia espalhava propaganda, um instrumento importantíssimo com a ideia de terra da promissão em todos os cantos do país e fora dele. Para isto a companhia utilizou o meio de comunicação de maior alcance na época, o jornal, atraindo pessoas de todo os cantos do país e do exterior. De início a propaganda tinha um público alvo, os migrantes compradores, ou seja, não estavam interessados na vinda de trabalhadores, mas na venda de terras (LEME, 2013).

Apesar do grande investimento em propaganda da CTNP, e da ideia de Eldorado já existir no imaginário da população, a região não consolidou o desenvolvimento esperado até o final dos anos trinta. Isto se deu pelo quadro insatisfatório nacional e internacionalmente, o *crack* da bolsa em 29 e a instauração da ditadura de Vargas, e é só após 1945, com o fim da 2ª Guerra Mundial que se observam mudanças. Começa-se a desenhar um novo quadro econômico mundial, os Anos Dourados. O preço do café sobe e com ele aumenta a convicção de que o Paraná é o lugar do futuro. É neste momento que as tradições e os mitos fundadores a respeito da história da cidade começam a ser construídos, tendo como base a CTNP e o pioneiro, primeiro os desbravadores da mata (funcionários da CTNP) e depois o fazendeiro produtor de café que tomou para si esta herança. (ARIAS NETO, 1998)

“Forjou-se, assim, uma espécie de identidade que ligava, no tempo, o pioneiro desbravador, do período da colonização, na década de 1930 e o fazendeiro e/ou empresário de sucesso das décadas de 1950 e 1960. Clubes de serviço ligados às elites locais, bem como ao poder público, buscaram, com o passar dos anos, consolidar e materializar esta memória de exaltação aos chamados mitos fundadores de Londrina, por meio da construção de monumentos e de publicações comemorativas. Essas iniciativas, que poderíamos chamar de patrimoniais, contribuíram para consolidar uma memória que durante muitas décadas, se manteve hegemônica na cidade.” (LEME, 2013:25)

Diversos fatores influenciaram na decisão em 1944 dos ingleses de se desfazerem dos investimentos no país e, assim, a Companhia de Terras foi adquirida por um grupo paulista, e no mesmo período ocorreu a incorporação da Companhia Ferroviária São Paulo - Paraná pela Rede Viação Paraná - Santa Catarina, pertencente ao governo federal. Em 1951, a Companhia passou a se chamar Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). Com o final da Segunda Guerra Mundial e a normalização do comércio mundial, o preço do café subiu, o que provocou uma recuperação da economia cafeeira. A expansão dos cafezais, na região, impulsionou a economia. Londrina rapidamente se transformaria, na década de 1950, na chamada “capital mundial do café” (LEME, 2013, p. 79).

No final da década de 1950, na comemoração do Jubileu de Prata de Londrina, com homenagens e produção de um álbum da cidade, se consolida sua história através de seus “mitos fundadores”, considerando “pioneiro” aquele que,

primeiro, desbravou as matas, fundou a cidade, depois, destaca-se a figura do fazendeiro, produtor de café.

1.2. O Museu Histórico de Londrina

Não raro o museu é pensado como um espaço destinado ao depósito de objetos antigos. Esta ideia está associada aos primeiros antiquários e gabinetes de curiosidades que serviram de inspiração para a criação dos primeiros museus. As funções do museu sofreram mudanças importantes ao longo da história. Destaca-se o museu como espaço de poder, tendo a memória e a história como importantes elementos para compreender estas mudanças.

O museu como espaço de poder, mas principalmente como espaço de memória coloca uma das questões que é essencial para este trabalho. Que memória está sendo apresentada pela narrativa do museu? A caracterização mais frequente da memória é aquela que está ligada a ideia de um depósito de informações, conhecimentos e experiências. A memória definida desta maneira acaba por parecer algo concreto e definido cuja produção e acabamento se deram no passado e foram transportadas para o presente. (MENESES, 1992)

A partir das colocações feitas na introdução e das reflexões apontadas até aqui neste capítulo qual seria o papel do museu? Segundo o IBRAM:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características: O trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; A presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; A vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; A democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana; A constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.(GUIA DOS MUSEUS BRASILEIROS/IBRAM, 2011, p.15)

O potencial educativo dos museus ganha força após a Revolução Francesa, a instituição museal é vista como espaço do patrimônio nacional e é local privilegiado

no que diz respeito à formação de uma identidade nacional comum, porém o seu acesso ainda era restrito. No decorrer do século XIX começa a surgir uma preocupação no sentido de como os diálogos com o público escolar eram estabelecidos e quais profissionais realizavam este trabalho. O que se tem neste período são curadores que por sua formação profissional encontravam dificuldades na realização desta comunicação, a partir destas discussões é que começam a surgir os primeiros serviços educativos nos museus. (LIMA e POLO, 2012, p.24).

No Brasil, o primeiro serviço educativo surgiu no Museu Nacional, em 1927, e foi resultado das influências dos pensadores da vertente da Escola Nova que entre outros aspectos pedagógicos defendia que o professor como mediador do conhecimento deveria buscar locais motivadores para o ensino, um destes locais que ficou consagrado desde então foi o museu (LIMA e POLO, 2012, p.24). Os debates a este respeito foram ganhando força, a Nova Museologia passou a discutir a função social dos museus prezando pela formação dos profissionais, mas, sobretudo, por uma superação dos limites de uma produção e circulação de bens culturais da elite. (GONÇALVES, 2007, p. 89 apud LIMA e POLO, 2012, p.24)

Conforme Ramos (2004) nos apresenta é necessário que o museu seja compreendido como instituição argumentativa. Não é raro que o museu seja visto com desconfiança, principalmente no âmbito acadêmico que vê na narrativa exposta através das exposições uma celebração da memória do pioneiro, ou seja, daquele que venceu na ótica do capital.

No caso do Museu Histórico de Londrina (MHL), segue-se esta ideia de celebração do pioneiro. Denominado Museu “Pe. Carlos Weiss”, o MHL iniciou suas atividades em 1970, nos porões do Colégio Hugo Simas, por iniciativa de professores e estudantes do Curso de História. Em 1974 passou a ser Órgão Suplementar da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Em 1986 passou a ocupar o prédio da antiga Estação Ferroviária de Londrina, com uma área total de 11.973m² e 2.670 m² de construção. Em 1996 iniciou a execução do projeto de revitalização Memória Viva e em dezembro de 2000 foi reaberto ao público com espaços adequados para exposições e melhor conservação de suas coleções. Os cenários foram financiados pelas famílias, por isso, por exemplo, a venda conta com uma placa com o nome da família que a financiou (Família Dequech), bem como a

biblioteca (Família Garcia) Também mostra nas vitrines, brinquedos, objetos religiosos etc.

A exposição referente aos indígenas fica fora da exposição permanente, no *hall* de entrada, sem legendas explicativas sobre os objetos arqueológicos. Este *hall* é denominado de prefácio. No prefácio são abordados aspectos da ocupação do território, fazendo menção à presença indígena, ali também são apresentados os primeiros trabalhos da CTNP para o empreendimento que se seguiria.

A exposição museal foi produzida em uma perspectiva evolucionista, com o mais antigo até o mais moderno, mostrando a indústria do café como fim, inclusive com a marca do Café Pelé. Nesta parte da exposição, vê-se: “(...) quando a rusticidade da vida é evidenciada pelo ambiente que destaca a construção de palmito, a ambientação da casa de comércio típica do período, o escritório da companhia de terras, instrumentos de trabalho para a derrubada da floresta e o plantio”⁸. Neste módulo, é apresentado o empreendimento em si ainda em seus primeiros anos, a chegada dos “primeiros moradores”, as transformações que o espaço sofreu e alguns hábitos dos moradores dos primeiros lotes vendidos como a moradia, o trabalho entre outros.

Em outro módulo da exposição: “(...) trata do desenvolvimento urbano destacando a diversidade de origem dos migrantes e da variedade de ofícios que traduzem a construção da cidade: do relojoeiro ao dentista, do alfaiate ao fotógrafo, do pedreiro ao jornalista”⁹. No centro da exposição ou intercalado com estes módulos:

Londrina é apresentada sob a ótica do desenvolvimento a partir do trabalho e do desenvolvimento de suas instituições e vida cultural. Objetos de uso cotidiano relativos à vida cultural sublinham a ideia de modernidade na indicação de aparelhos e instrumentos vinculados, ainda, à perspectiva da diversificação da atividade econômica da região em meados de 1970¹⁰.

A propaganda do MHL é no sentido de mostrar esta parte sob a abordagem da emancipação política da cidade, a estrutura urbana da cidade com vitrines e

⁸ Disponível em <http://www.uel.br/museu/pagina/?idPagina=130> Acesso em 13 de julho de 2019.

⁹ Idem

¹⁰ Idem

cenários voltados para as profissões que começam a surgir assim como a chegada dos primeiros migrantes e imigrantes. Também se diz que a cultura do café em seu apogeu e declínio e a diversidade cultural são apresentadas. No entanto, apresentam-se algumas etnias: japoneses, italianos, espanhóis, libaneses etc. Não há menção alguma ao baiano, cearense, pernambucano, gaúcho etc. Enfim, a formação da cidade de Londrina fica atrelada aos imigrantes, sem que se lembre que muitos trabalhadores de outros Estados do Brasil vieram para a região.

O museu deve ser uma instituição argumentativa na medida em que não deve ignorar as importantes contribuições que a academia traz para o seu espaço, assim como deve se preocupar com as percepções do público visitante e oferecer ferramentas para que seja um espaço de diálogo também para ele. É neste contexto que surge o papel do educador de museus, que deve prezar por estes pressupostos e evidenciar através de suas ações esta mudança de paradigma onde o objetivo não é mais a celebração de personagens e sim a reflexão crítica. A exposição não está posta para ser uma verdade inquestionável, mas sim para ser interpretada. (RAMOS, 2004)

Christian Laville (2005) aponta que a memória e seus desdobramentos são amplamente discutidos no meio acadêmico. Diante destas discussões a pergunta que o autor coloca é qual memória deve ser ensinada? A caracterização mais frequente da memória é aquela que está ligada a ideia de um depósito de informações, conhecimentos e experiências. A memória definida desta maneira acaba por parecer algo concreto e definido, cuja produção e acabamento se deram no passado e foram transportadas para o presente (MENESES, 1992). Esta ideia de memória “congelada” pode ser vista nas origens do ensino de história que, voltado para a formação de uma memória comum, tinha o intuito de legitimar uma ordem social reunir os membros da nação em torno de uma memória, geralmente daqueles que detinham o poder de alguma forma, política ou econômica. O ensino de história tinha sua estrutura baseada em grandes nomes e em fatos memoráveis que eram reproduzidos.

Com o estabelecimento da democracia após a Segunda Guerra Mundial o que se buscou foi a formação de um cidadão que pudesse agir democraticamente, onde sua participação seria indispensável. Diante desta mudança o ensino passa a se preocupar com o desenvolvimento das capacidades intelectuais e afetivas para o

exercício da democracia e para isto se baseia no pensamento histórico (LAVILLE, 2005)

Após estas transformações as últimas décadas do século XX apresentaram mudanças importantes no que diz respeito à memória. O fim das narrativas nacionais e das ideologias culmina na multiplicação de histórias particulares, como resultado a impressão que se tinha era de um conhecimento disperso e sem ligação. Ainda assim não havia interesse em voltar às narrativas nacionais. (LAVILLE, 2005)

O historiador então se detém a importância da narrativa para fins de conhecimento produzido. No ensino os professores passaram a ajudar os estudantes a descobrir a história por si mesmo em vez de transmitir as interpretações de grandes historiadores. (LAVILLE, 2005)

A narrativa histórica é colocada em questão por autores como Roger Chartier (1990) e Hayden White (1973) defendem que a realidade não deve ser pensada como objetiva. O significado do discurso está no próprio discurso, ainda ressaltam que a narrativa histórica se assemelha a narrativa fictícia nas suas estratégias para dar sentido aos fatos bem como no sentido de verdade. A partir daí o exame e a compreensão das realidades do passado interessam menos do que as compreensões e percepções que temos dela no presente. (LAVILLE, 2005)

As questões que são colocadas pelos especialistas no meio acadêmico influem diretamente na maneira com que a história é ensinada, e diante destas discussões pode-se dizer que a memória não é vista mais como algo concreto e acabado, nem o ensino de história busca uma única memória a ser apreendida. O que se busca é uma história que parta de múltiplas narrativas e que a memória seja tomada como um processo de permanente construção e reconstrução. (MENESES, 2005)

Uma fala da personagem Virginia Madsen, do filme *Side Ways*. Entre umas e outras, do diretor de cinema Alexandre Payne, representa, em certa medida, um pouco do que vem sendo debatido sobre a memória entre os historiadores. Ao explicar por que dela gostar de pensar nos vinhos, diz: Eu gosto de pensar na vida do vinho. Como ele é uma coisa viva. Eu gosto de pensar no que estava acontecendo enquanto as uvas cresciam... como o sol brilhava... se chovia. Eu gosto de pensar em todas as pessoas que colheram as uvas e, se é um vinho velho quantas delas devem estar mortas. Eu gosto de como o vinho continua se construindo. Se eu abrir uma garrafa de vinho hoje ele terá

um gosto diferente do que se eu abrisse em qualquer outro dia, porque uma garrafa de vinho está viva e está em constante construção ganhando complexidade [...]. (FRANCO; VENERA, 2007, p.85-86)

A exposição de longa duração do MHL apresenta em sua narrativa pontos que concordam e de certa maneira ratificam o discurso que homogeneíza e exclui inúmeros personagens da “narrativa principal”. Como já apresentado, novas correntes historiográficas e diferentes trabalhos colocaram e colocam em xeque a perspectiva de mito fundador da cidade e o museu é ainda hoje um local onde este embate se configura.

O museu é principalmente definido pela preservação e comunicação de seu acervo. A comunicação se dá principalmente através das exposições, quando o seu acervo ganha visibilidade pública que por sua vez passa a se constituir em um discurso de memória. Após os processos próprios da elaboração de uma exposição os objetos e cenários expográficos apresenta ao público um jogo de significados e sentidos, o acervo exposto acaba por definir os limites, as vozes e os silêncios que estarão presentes na exposição. (LEME, 2013)

Ressalta-se que o intuito deste trabalho não é a análise da exposição de longa duração, porém tomaremos como ponto de partida para esta reflexão o painel: “Os Primeiros Passos”, localizado no primeiro módulo da exposição, e as duas vitrines intituladas: “Imigração diversidade na vida doméstica”, que estão alocadas no seu segundo módulo. Focamos as considerações a serem feitas a respeito da exposição de longa duração nestes dois recortes por considerar a reflexão necessária quando o objeto do trabalho versa sobre a “formação populacional” da cidade de Londrina.

1.2.1. O painel “Os Primeiros Passos”.

Figura 2- Módulo 1: Painel “Primeiros Passos”



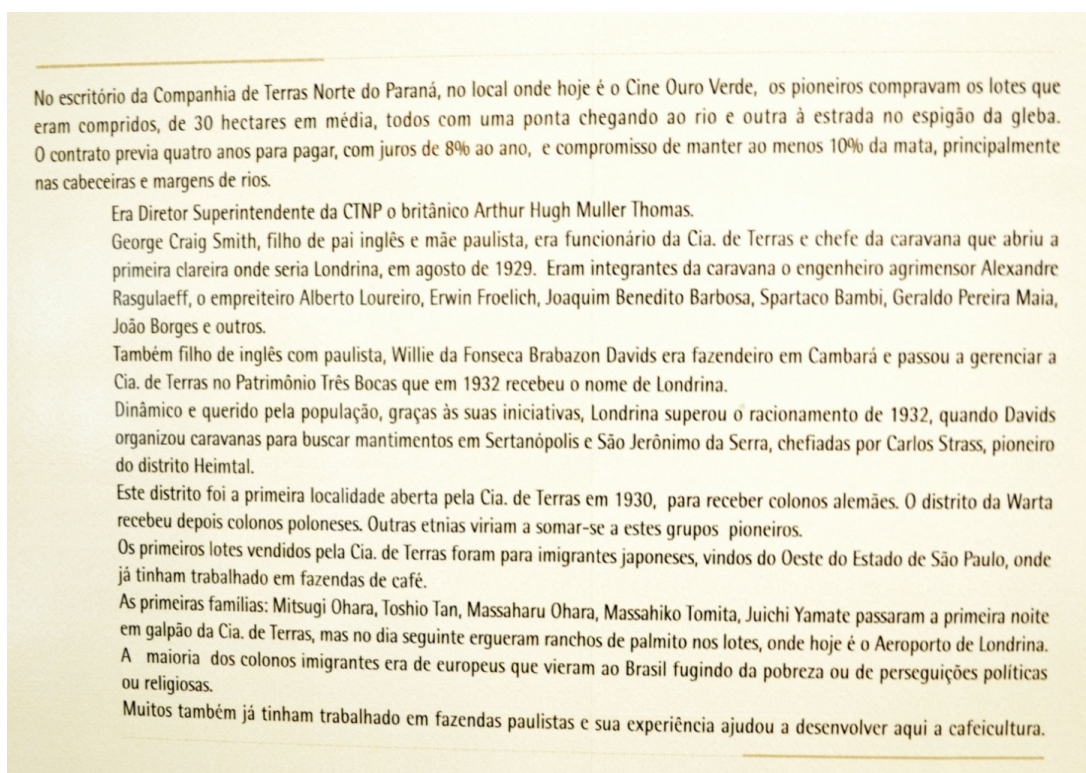
Fonte: Reprodução da Fotografia: Amauri Ramos da Silva

O painel é formado por um texto e dezessete fotografias, nele está retratada a chegada dos primeiros moradores da cidade após o empreendimento da CTNP. O texto apresenta brevemente as condições dos negócios estabelecidos entre a companhia e os primeiros compradores de lotes na região assim como da ênfase aos funcionários da mesma companhia que são nomeados em seu decorrer. A figura de Willie da Fonseca Brabazon Davids fazendeiro na cidade de Cambará,

gerenciador da CTNP e que mais tarde seria o prefeito da cidade também é enaltecida.

No que diz respeito a formação populacional o texto dá ênfase a algumas etnias que figuram entre os registros de compradores dos primeiros lotes. O distrito de Heimtal e Warta, onde colonos alemães e poloneses se fixaram inicialmente é também retratado no texto. Em seguida é a vez de famílias de imigrantes japoneses serem nominadas. Percebe-se no texto a ênfase dada à vinda de imigrantes de fora do Brasil, como está posto: *“A maioria dos colonos imigrantes era de europeus que vieram ao Brasil fugindo da pobreza ou de perseguições políticas ou religiosas”*.

Figura 3- Módulo 1: “Painel Os Primeiros Passos” Texto em detalhe.



Fonte: Fotografia de Amauri Ramos da Silva

A intenção aqui não é negar a presença de imigrantes europeus ou de outras etnias, mas sim problematizar o que é apresentado na exposição de longa duração, principalmente quando tomamos a produção bibliográfica a respeito da “colonização” do Norte do Paraná, ou mesmo outros dados para esta reflexão.

As dezessete fotografias que compõem o painel seguem a narrativa que foi observada até aqui. Nelas estão retratadas as primeiras construções da cidade, o

prédio da CTNP, seus funcionários e algumas cenas do cotidiano ligadas ao trabalho e ao lazer. Aqui daremos mais atenção a quatro fotografias que registram a chegada dos moradores da nova cidade, delas três são de autor desconhecido e uma do fotógrafo Theodor Preising.

Nascido em 3 de julho de 1883 em Hildesheim na Alemanha, Preising vem para o Brasil depois de servir como fotógrafo nas frentes de batalha da Primeira Guerra Mundial. Estabeleceu-se em São Paulo e suas primeiras atividades concentram-se na venda de materiais fotográficos realizou também trabalhos para a Secretaria de Agricultura fotografando fazendas do interior do estado. As fotografias de Preising que estão postas no painel foram produzidas na década de 1930, quando a CTNP contratou seus serviços. Suas fotografias eram utilizadas para ilustração de relatórios e também para a propaganda do empreendimento. (GRAVITOL, 2011)

Pensar o passado através da fotografia requer uma série de construções imaginárias. É através da sensibilidade e do constante esforço em compreender o momento histórico em seu fragmento registrado que poderemos ultrapassar o plano iconográfico, ir além do registro fotográfico. O que se tem é a procura do imaterial, a imaginação e o conhecimento na tarefa de reconstituir o que já foi, situando o trabalho além do registro, tornando o iconográfico carregado de sentidos. (KOSSOY, 2002, p. 133-135)

A imagem é testemunha de uma história, de um acontecimento, de um experimento. Mas não sejamos ingênuos em pensar que as evidências históricas são peixes num oceano para serem fígados ao sabor das marés, ou da isca do historiador. Da mesma forma que a captação casual da imagem pelo olhar neutro do fotógrafo é, no mínimo, ingenuidade. Ambos, a evidência histórica e a imagem, são constituídas por investimentos de sentido. Portanto, temos a fotografia tanto como pista, indício ou documento para se produzir uma história, quanto ícone, texto ou monumento para (re) apresentar o passado. [...] (MAUAD, 2011, p.111)

Um fator importante ao tomarmos estas quatro fotografias como um dos pontos de partida para a reflexão é pensarmos em sua recepção e consumo que são determinados pelo contexto em que a fotografia está colocada e pelo suporte onde é veiculada. (GEJÃO, 2010, p.95). O painel “Os Primeiros passos” é composto por textos e imagens fotográficas, conforme descrito acima o texto apresenta

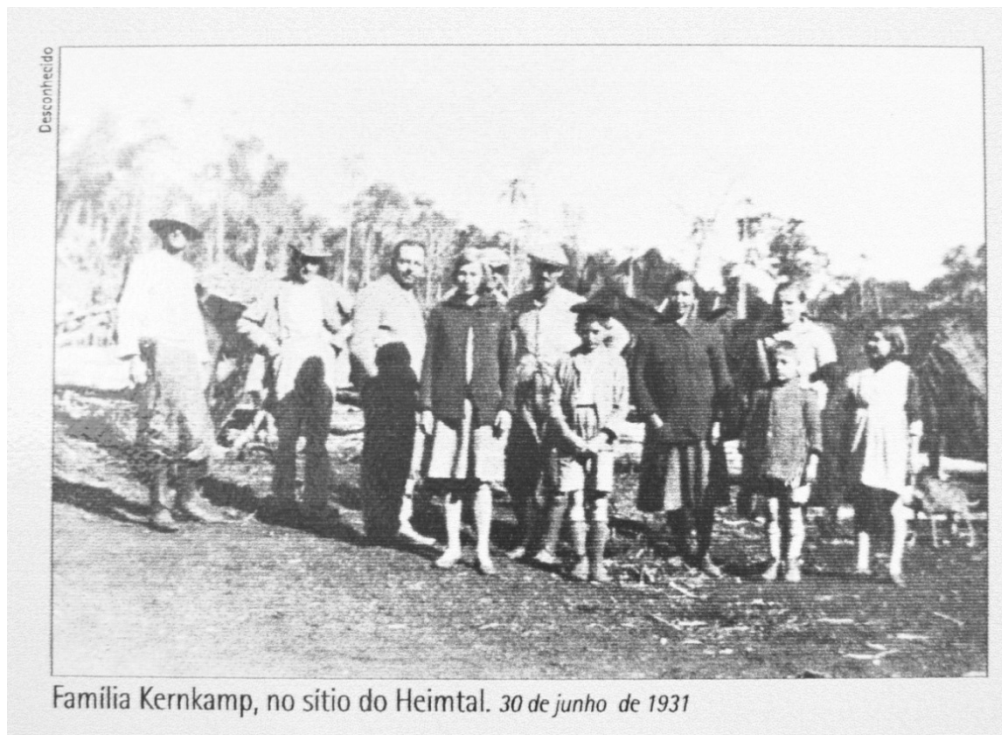
personagens específicos no “povoamento” do Norte do Paraná pós o empreendimento da CTNP. As fotografias apresentadas corroboram este discurso conforme vemos:

Figura 4- Módulo 1: “Painel Os Primeiros Passos” fotografia de autor desconhecido e legenda em detalhe.



Fonte: Reprodução da Fotografia: Amauri Ramos da Silva

Figura 5- Módulo 1: “Painel Os Primeiros Passos” fotografia de autor desconhecido e legenda em detalhe



Fonte: Reprodução da Fotografia de Amauri Ramos da Silva

Figura 6- Módulo 1: “Painel Primeiros Passos” fotografia de Theodor Preising e legenda em detalhe



Fonte: Reprodução da Fotografia de Amauri Ramos da Silva

Figura 7- Módulo 1: “Painel Primeiros Passos” fotografia de autor desconhecido e legenda em detalhe



Fonte: Reprodução da Fotografia de Amauri Ramos da Silva

Ao tomarmos as fotografias e suas legendas percebemos a ênfase que é dada aos grupos de imigrantes que começam a chegar à cidade de Londrina. Na figura três temos um grupo de migrantes italianos, na quatro uma família de ascendência alemã, na cinco um grupo maior também de imigrantes alemães, e por último na seis um grupo de japoneses compradores de terras.

O painel “Os Primeiros passos” neste sentido apresenta uma narrativa que toma principalmente indivíduos vindos de outros países, principalmente o europeu como o mais importante grupo de pessoas que dão origem à cidade de Londrina. Este discurso que ainda hoje é presente no imaginário a respeito da história da cidade continua a ser apresentado no módulo dois da exposição, especificamente nas duas vitrines intituladas “Imigração Diversidade na vida doméstica”.

1.2.2. As vitrines “Imigração Diversidade na vida doméstica”

A seguir, trataremos das vitrines. São artefatos de uso cotidiano e ao fundo uma cadeira de dentista.

Figura 8- Módulo 2: Vitrines “Imigração Diversidade na vida doméstica”



Fonte: Fotografia de Amauri Ramos da Silva

Ao tratar dos objetos tridimensionais expostos nestas duas vitrines sabemos da necessidade de discussões específicas, mas como já mencionado neste texto o intuito deste trabalho não é fazer uma análise aprofundada do discurso que está sendo representado através das escolhas destes objetos, mesmo com ciência de que os apontamentos feitos aqui são restritos é inegável que estes se tornam um instrumento importante na construção de uma identidade local e que possuem um forte apelo ao público visitante.

As duas vitrines possuem um total de vinte e nove objetos sendo que a maior parte é ligada a vida doméstica. Desta forma, na vitrine são encontrados objetos de decoração, utensílios de cozinha, tanto para o preparo como para o consumo de alimentos, dentre outros. O intuito desta vitrine é de mostrar a diversidade de sujeitos que formaram a população da cidade, os objetos são bastante característicos, sendo que na maioria dos casos é possível identificá-los como

pertencentes a uma etnia mesmo que vistos pela primeira vez ou na ausência de detalhes quanto a sua origem ou função. Pensando nisto durante este trabalho tivemos acesso às fichas de organização e catalogação do acervo tridimensional do museu. Seguindo os dados exibidos por estas fichas formamos um quadro onde podemos observar a quantidade de objetos expostos e suas respectivas origens.

Quadro 1- Relação de origem e quantidade de objetos expostos nas vitrines “Imigração Diversidade na vida doméstica”¹¹

Origem do objeto	Quantidade de objetos expostos
Checoslováquia	1
França	1
Holanda	1
Indonésia	1
Inglaterra	1
Japão	16
Líbano	1
Londrina	1 (Hashi)
Timor	1
Objetos sem origem especificada:	5

Fonte: a autora

Dos objetos expostos nestas vitrines observamos a existência de nove origens diferentes, cinco objetos não apresentaram origem especificada. O intuito destas vitrines de tratar da diversidade, conforme o apresentado por seu próprio título, podemos dizer que é alcançado. É interessante notar que objetos vindos da Inglaterra, que legitimaria a própria escolha do nome da cidade, é ínfimo se comparados por exemplo com o número de objetos de origem japonesa. Outro fator importante refere-se às características dos mesmos, a origem do fonógrafo inglês não é perceptível em uma observação menos atenta, enquanto objetos como o Hashi é facilmente identificado como de origem japonesa.

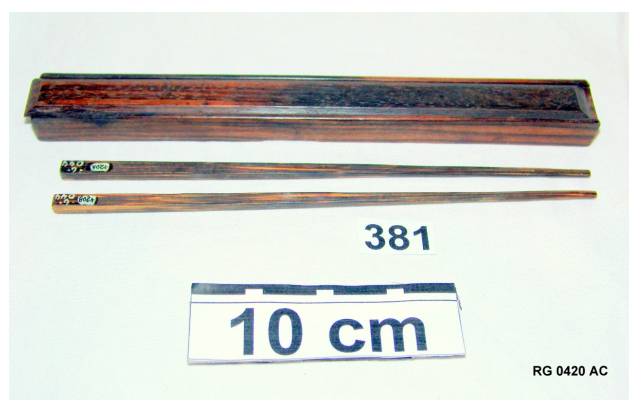
¹¹ Os dados expostos aqui foram extraídos das fichas de organização e catalogação do acervo do Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”.

Figura 9- Módulo 2: Vitrine “Imigração Diversidade na vida doméstica”. Fonógrafo em detalhe



Fonte: Fotografia retirada dos arquivos de organização e catalogação dos acervos do Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”

Figura 10- Módulo 2: Vitrine “Imigração Diversidade na vida doméstica”. Hashi em detalhe



Fonte: Fotografia retirada dos arquivos de organização e catalogação dos acervos do Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”

Após esta reflexão iniciada a partir da exposição de longa duração e parte do seu acervo que está exposto retomamos a questão inicial deste trabalho: onde está o nordestino na história da cidade? E ainda após verificarmos estes indícios na exposição de longa duração significa necessariamente que o museu não possui acervo ou discussões a respeito da presença nordestina? Durante a pesquisa foi possível perceber que o nordestino está sim na exposição de longa duração, porém

ele aparece ali de acordo com a narrativa que a exposição apresenta a narrativa dos vencedores. Nomes como o de Kepler Palhano e Hugo Cabral figuram na exposição, porém não possuem sua origem especificada. Esta ausência de reconhecimento no papel dos nordestinos não só na exposição, mas também na história oficial da cidade, é entendida como uma maneira de manter a “Pequena Londres”, formada por imigrantes europeus distante do estigma de trabalhador braçal, pobre e fugido da seca que o nordestino possui.

A importância dos nordestinos na formação da população londrinense foi reconhecida, ainda na década de 1970, por Carlos Weiss, primeiro diretor do museu. Ao inserir no acervo peças relacionadas aos diversos estados de origem dos migrantes e imigrantes, deu especial atenção à busca de peças de artesanato da Bahia e de outros estados nordestinos como forma de justificar, por intermédio da cultura material, a formação plural e de caráter nacional da cidade. Porém, esta perspectiva museológica, com a morte de Weiss, foi modificada nas gestões seguintes de Conceição Geraldo e Westphalen. Em comum estes diretores enfatizaram, tanto no acervo, quanto nas exposições, os referenciais europeias na formação londrinense. (LEME, 2013, p.226)

Como já dito neste texto a intenção não é negar a presença de europeus ou de outras etnias, mas sim de problematizar este discurso que exclui e silencia outros sujeitos. Como vimos, a exposição coloca em evidência a presença inglesa representada por funcionários da CTNP e a presença de colonos vindos da Europa. Ao tomarmos a tabela produzida pela própria companhia percebemos a pluralidade de indivíduos vindos de outras localidades, mas o que chama a atenção é a superioridade no número de brasileiros compradores, infere-se que, vindos de diferentes regiões do país. Pierre Monbeig apresenta algumas pistas a respeito da presença de nordestinos na região, em seu artigo *A zona pioneira do Norte do Paraná*, publicado originalmente em 1935:

No Norte do Paraná, como em outros lugares, a derrubada é raramente feita pelos próprios colonos. O mais comum é entregar este serviço a trabalhadores especialistas, na maioria caboclos da região ou então a turma de Bahianos que costumam empreitar este gênero de serviço. (MONBEIG, 2007, p.6)

Salette Magdalena Cambiaghi em seu artigo *O povoamento do norte do Paraná* publicado originalmente nos Anais da Associação dos Geógrafos de 1954 vai ao mesmo sentido:

Dos povoadores da região nesta fase do povoamento do norte do Paraná, destacam-se ainda paulistas, mineiros e fluminenses; talvez os paulistas estejam em primeiro plano. Além desses, aparecem ainda, com certo destaque, os nortistas, mais conhecidos como “baianos”, que deixam o torrão natal em busca de terras mais férteis, indo grande parte fixar-se no norte do Paraná. (CAMBIAGHI, 2007, p.80)

Diante destes indícios vemos a necessidade de tratar da presença e participação de nordestinos na história da cidade de Londrina, tendo o museu como um espaço privilegiado para esta reflexão, no que diz respeito a problematização do discurso apresentado bem como na riqueza de possibilidades que seu acervo apresenta.

1.3. A coleção Viver é descobrir.

A produção e circulação dos livros didáticos abarcam fatores que não podem ser desconsiderados. Ele é tributário a uma lógica de mercado que consome estas produções, e como produto está sujeito a várias interferências que vão desde seu processo de produção até o de comercialização. O livro didático é também uma representação, na medida em que neles estão exibidos os conteúdos escolares que são apresentados pelas propostas curriculares, é através dele que os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais para uma determinada sociedade em uma determinada época são passados. No mesmo sentido os livros didáticos apresentam também uma concepção de como os conteúdos devem ser ensinados. (BITTENCOURT, 1997:71-72)

E ainda:

[...] O livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Várias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa [...] Assim, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado[...] (BITTENCOURT, 1997:72 -73)

Diante disto temos a produção de Magda Madelana Peruzin Tuma como um material que, de acordo com suas especificidades, reflete uma ideologia e um discurso que fora construído a respeito da história da cidade de Londrina. Esta narrativa está no imaginário da população e é ratificado através do discurso oficial

que pode ser encontrado nos espaços de memória da cidade, em seus espaços públicos relacionados ao poder e também no livro didático que transmite esta narrativa aos jovens em idade escolar.

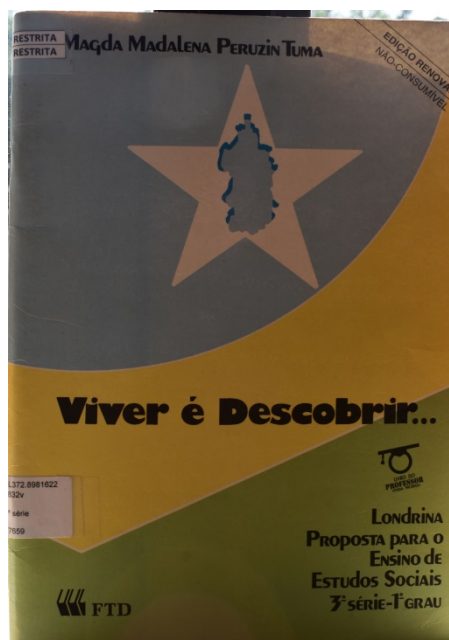
A autora de “Viver é descobrir...”, Magda Madalena Peruzin Tuma, é graduada em História e em pedagogia, possui especialização em ensino de Geografia, é mestre e doutora em educação, e atua professora da Universidade Estadual de Londrina no curso de pedagogia (TUMA, 2006). Durante o levantamento das fontes foi possível ter acesso a cinco edições deste livro didático, sendo a mais recente de 2008 e a mais antiga de 1988. Todas as edições consultadas, 1988, 1997, 2001, 2006 e 2008 foram publicadas pela editora FTD e tem ampla circulação na rede pública de ensino da cidade, de primeiro ao quarto ano do Fundamental I.¹² Suas produções são direcionadas as disciplinas de História e Geografia, sendo que especificamente a edição de 1988 destina-se a disciplina de Estudos Sociais.¹³ A publicação vem se “renovando” ao longo dos anos e incorporando novas discussões ao conteúdo dedicado a História de Londrina. Seguindo a ordem cronológica iremos buscar nestas cinco publicações elementos que versem a respeito da formação populacional da cidade e das relações estabelecidas a partir destes encontros.

A primeira edição consultada (1988) é uma impressão simples, preta e branca, não utilizam em suas páginas muitas fotografias ou ilustrações, a obra é composta basicamente de textos. Como dito esta edição é dedicada a disciplina de Estudos Sociais, e, os primeiros temas abordados pela autora versam a respeito das noções temporais e espaciais, sendo que aqui nosso interesse é tratar da narrativa histórica referente a cidade de Londrina presente na coleção.

¹² Atualmente o Fundamental I vai do 1º ao 5º ano.

¹³ A disciplina de Estudos Sociais é uma união arbitrária ocorrida durante o período militar no Brasil (1964-1985) das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Esta aglutinação acabou por descaracterizar os campos específicos das Ciências Humanas. (FENELON,1984)

Figura 11: Capa da edição de 1988



Fonte: Fotografia de Louis Kenson Janvier

Em sua obra Tuma começa a “contar a história” da cidade no item dez: Conhecendo a História de Londrina. Neste primeiro texto “*Terra Roxa- Florestas Lindas!*” existe uma grande ênfase na fertilidade do solo, este é o carro chefe das reflexões que se seguem, pois, devido a esta característica, que, os ingleses representados por Lord Lovat se interessaram pelas terras da região Norte do Paraná. A autora chama a atenção para os aspectos naturais da região, e logo em seguida destaca o papel dos ingleses e da criação da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) em 1925.

A CTNP é apresentada como colonizadora da região, como dito na obra, “*chamamos de colonização o trabalho de muitas pessoas, que transforma lugares pouco povoados em cidades*” (TUMA, 1988). A autora aponta assim a CTNP como fundadora da cidade, citando brevemente, até aqui, a presença indígena na região. É como se eles fizessem parte de outra história que não a de Londrina.

Ressaltamos também a ênfase da autora na propaganda realizada pela CTNP, de acordo com o texto foi esta propaganda a responsável por trazer para Londrina muitas pessoas do Brasil e do exterior.

No tópico seguinte, *Chegando em Londrina*, a autora utiliza como fonte trechos transcritos de entrevista realizada com George Craig Smith, brasileiro, filho de ingleses que chefiava a caravana enviada pela CTNP, também utiliza trechos da entrevista do polonês José Ziober, ambos para tratar da viagem, dos percalços do caminho, da descrição da paisagem e do modo de vida da região.

Neste tópico chamamos atenção para a escolha das fontes. A autora não descarta a participação de brasileiros na “colonização”, cita paulistas, mineiros e nordestinos, eles estão presentes no início da cidade como compradores de lote e como trabalhadores. Porém, na publicação é o depoimento de um europeu e de um descendente que se tornam fontes para a construção deste conhecimento. Este ponto nos leva a refletir como a narrativa histórica a respeito da cidade de Londrina apresenta origens europeias, quando, é sabido que, a maior parte das pessoas, que aqui chegavam, saíam do interior do Brasil.

O texto do item onze: *“Chegando em Londrina”*, é organizado com mais quatro subtítulos e mantém a CTNP em evidência, porém, como dissemos acima, aqui um personagem sobressai. O depoimento de George Craigh Smith, funcionário da CTNP, ganha destaque, e os subtítulos: *“Será que Smith e seus companheiros chegaram o mesmo dia?”*; *“Como era o Patrimônio Três Bocas? O que George Craigh Smith e seus companheiros viram ao chegar?”* utilizam trechos deste depoimento, para tratar das dificuldades da viagem e dos aspectos físicos e naturais da região, como no trecho do depoimento de George Craigh Smith:

“Bem cedo no dia 21 de agosto de 1929, tratamos de atravessar o majestoso Rio Tibagi. Como não havia ponte nem balsa, todos os animais atravessaram a nado, um por um. Enquanto um de nós ia remando numa canoa feita de tronco de árvores, outro segurava o burro pelo cabresto e guiava-o até a outra margem, de onde iniciamos a dura caminhada até o local denominado Patrimônio Três Bocas. Era nesse local que se iniciavam as terras da Companhia de Terras Norte do Paraná. Foi uma viagem feita com muito sacrifício, em marcha lenta, caminhando por um picadão, barrento e cheio de tocos e buracos...” (TUMA, 1988, p. 39)

A figura do funcionário da CTNP, desbravador da mata virgem surge aqui como a de um herói que passou por muitas dificuldades possibilitando a existência da cidade de Londrina. George Craigh Smith, chefe da “Primeira Caravana” em 1929, é colocado em evidência desconsiderando a existência de outros personagens que

não eram chefes, tão pouco possuíam um nome carregado de simbologia. Segundo o trecho de depoimento de George Craigh Smith,

“Meu nome... é um nome bem inglês..., mas eu nasci em São Paulo, filho de pai inglês, mãe brasileira, mãe descendente de americanos que vieram depois da guerra civil, mil nove... mil oitocentos e sessenta e cinco... Meu avô era escocês, avô materno, e meu pai nasceu na Inglaterra e eu... nasci em São Paulo... em 1909, 15 de abril de 1909...” (Museu histórico de Londrina, 1984)

O depoimento de José Ziober que chega em Londrina em 1934 também é utilizado para tratar de um período posterior ao que se chama de “Primeira Caravana”. Segundo depoimento de José Ziober:

“Em 1934, viemos para Londrina, porque meu irmão havia instalado uma oficina aqui. viemos de caminhão até Ourinhos (Estado de São Paulo). De lá até Jataizinho pela Companhia de trem. Atravessamos o Rio Tibagi de balsa e chegamos até Londrina pelo ônibus da Companhia de Terras Norte do Paraná [...] As ruas eram cheias de tocos e buracos. As casas eram ranchos de palmitos. Não havia luzes, era lampião. Podíamos dormir com as portas abertas, pois não havia ladrões. As árvores existentes eram: figueira, peroba, cipó e havia também muitas onças.” (TUMA, 1988, p. 41)

Alguns depoimentos são utilizados como expressão da apenas uma realidade. Através da descrição dos entrevistados é apresentado ao aluno o que seria Londrina nestes dois períodos. Importante dizer que a autora coloca como atividade extraclasse um pequeno roteiro de entrevistas para que o aluno realize em casa entre seus familiares, de certa maneira retirando o peso do que seria o depoimento oficial, ou o pioneiro, abrindo para outras questões que podem se desenvolver durante as aulas.

A reflexão proposta por Tuma sobre a colonização de Londrina apresenta a noção de história progresso, sendo a CTNP e os europeus responsáveis pelo avanço da cidade em tão pouco tempo. Esta valorização da presença europeia é explicitada no nome escolhido para o município, Tuma cita

“Em 1932, o Patrimônio Três Bocas passou a ser chamado de Patrimônio Londrina por sugestão de João Sampaio.

Londrina é uma palavra que pode ter dois significados

1. *O significado que indica “diminuição do tamanho”, assim, Londrina significa “PEQUENA LONDRES”*
2. *O significado que indica “origem de um lugar”, que quer dizer “FILHA DE LONDRES”. Atualmente muitos estudiosos da Língua Portuguesa, consideram que a melhor opção de interpretação da palavra Londrina é “FILHA DE LONDRES” (TUMA, 1988. p. 61)*

Até aqui a autora narra a história da cidade de Londrina principalmente através de depoimentos de funcionários da CTNP. Discurso que já está oficializado na história do município. No próximo item a autora traz para discussão um dos silêncios que Tomazi (2000) aborda em seu trabalho. No item quatorze: *Índios Kaingáng - os primeiros habitantes de Londrina* a autora toma a presença indígena como tema.

No primeiro texto a autora sinaliza esta intenção, porém é só neste ponto que ela apresenta a discussão. Notamos que a autora tem apenas um grupo indígena como foco, estudos mostram que a região foi ocupada também por outros povos como os Guaranis e os Xetás. Inicialmente ela trata das características culturais dos índios Kaingáng dando ênfase em sua “estrutura de poder”, na produção agrícola, aponta outras regiões do país que possuem índios Kaingáng e mostra algumas palavras de seu idioma.

Em um segundo tópico do mesmo item: “Os Kaingáng hoje”, utiliza mais um trecho de depoimento para tratar desta presença indígena no Norte do Paraná desta vez de Kurt Jakowats:

“Ao amanhecer, continuamos a viagem. A estrada era péssima. Logo avistamos uma clareira no mato e chegamos a Vila de Jataí à beira do Rio Tibagi. No outro lado do Rio Tibagi, o qual atravessamos numa balsa que já havia sido construída pela Companhia de Terras, encontramos um grupo de índios...” (TUMA, 1988, p. 47)

Utilizando o depoimento como fonte a autora “comprova” que aqueles que chegaram com a CTNP mantiveram contato com as populações indígenas. Em seguida atenta para o fato de que mesmo naquele período os povos indígenas já não viviam da mesma maneira que descrevera na abertura do item. A aculturação indígena é colocada como questão importante e a existência da Fundação Nacional do Índio- (FUNAI) vem mostrar as políticas públicas que são adotadas pelo Estado, como um “reconhecimento” para aqueles que como a própria autora aponta no título do item “são os primeiros habitantes de Londrina”.

Para abordar como é a vida do Kaingáng hoje a autora trata das reservas administradas pela FUNAI, e como se trata da História de Londrina, aponta e circunscreve seus apontamentos ao Posto Indígena Apucarana. Para mostrar como é a vida do Kaingáng utiliza mais uma vez trechos de depoimento do indígena, aqui não inserido seu nome:

“... Nossa lida é a roça. Nós planta, nós vende. Tudo nós trabalha. Faz roça. É para nós comê e nós vende um pouco...”“...Se não temo semente nós sai e trabalha fora. Nós arranja um pouco de dinheiro, trabalha por dia. É ‘bóia-fria’ que tão chamando, né dona? As mulhé fica cuidando da casa e dos trançados. Homem não faz, tem de sair trabalhar por aí...” (TUMA, 1988, p. 47)

Percebemos que a autora, avança em muito na sua narrativa, como por exemplo, tratando dos indígenas na História da cidade de Londrina. Contudo, permanece a visão de “pioneiro” como apenas o imigrante. Não há depoimentos de sujeitos pertencentes a outro Estado do país que aqui chegaram para ajudar a formação a cidade com seu trabalho.

É interessante para o aluno desta faixa etária (aproximadamente 9-10 anos) ter acesso a depoimentos orais. Neste sentido, o livro didático em questão, se distancia de textos-base geralmente introduzidos em outros livros. E mais: o aproxima de sujeitos que viveram um período histórico, permitindo desenvolver a empatia. Para a construção do conhecimento histórico, alguns autores como Peter Lee enfatizam o componente cognitivo da empatia, que se refere à capacidade de compreender os sentimentos, perspectivas, noções, ideias de outra pessoa, do passado ou do presente. Peter Lee diz que poderíamos substituir a palavra “empatia” por “compreensão”. Mais exatamente: “compreensão histórica”, que não é mero sentimento: “Embora envolva o reconhecimento de que as pessoas possuem sentimentos” (LEE, 2003, p. 20).

A edição publicada em 1997 apresenta algumas mudanças importantes ao tratar da (re)ocupação do Norte do Paraná (TOMAZI, 2000) pela CTNP. A primeira mudança diz respeito a apresentação do livro, nove anos a separam da publicação anterior, e ressaltamos aqui o uso de imagens fotográficas e desenhos coloridos é o que primeiro se destaca. Outra questão muito importante é a maneira como a presença do capital inglês não limita o discurso ao afirmar a presença de posseiros e povos indígenas no Norte do Paraná.

Figura 12- Capa da edição de 1997

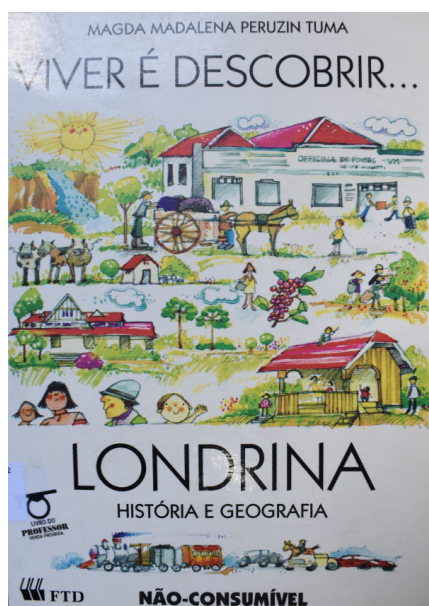
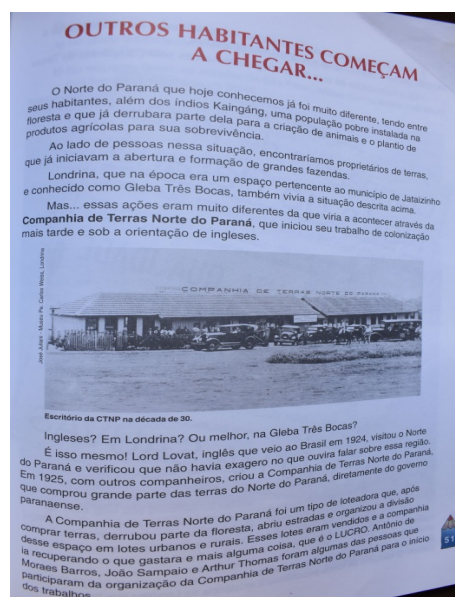


Figura 13- Texto em detalhe



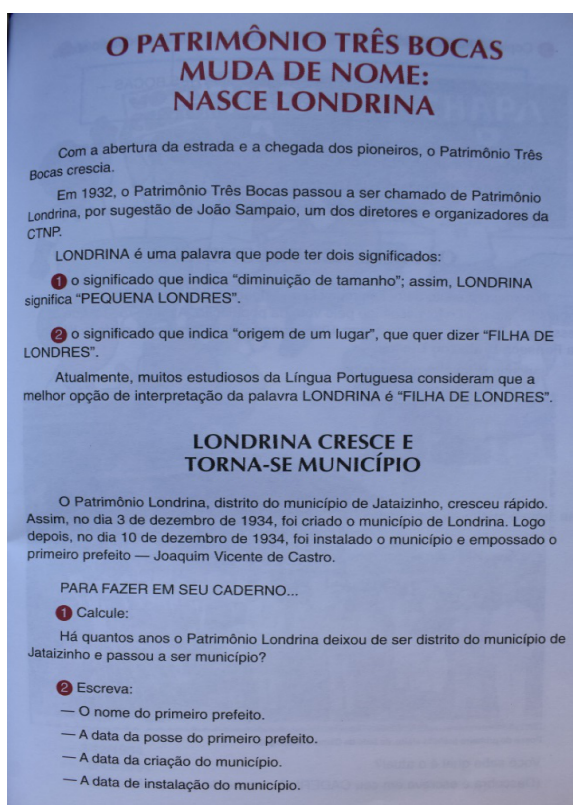
Fonte: Fotografias de Louis Kenson Janvier

Prosseguindo com sua narrativa a autora destaca a diferença entre a presença de posseiros e indígenas, e a “colonização” chefiada e coordenada por ingleses. Assim como na edição de 1988 o trabalho com propagandas da CTNP no Brasil e no exterior é destacado, mineiros, paulistas e nordestinos, além dos europeus, chegaram a Londrina.

Na sequência a autora passa a contar como foi o trajeto dos então funcionários da CTNP, para isto Tuma utiliza como fonte novamente, trechos de depoimentos orais. Os depoimentos destacados são os mesmos que aparecem na edição de 1988, o de George Craigh Smith e de José Ziober, como já dito, o primeiro de ascendência inglesa e o segundo polonês.

O enaltecimento do europeu é novamente apontado aqui, além disso, a origem do nome da cidade, Londrina, é destacada como na versão de 1988.

Figura 14- “Nasce Londrina” texto em detalhe



Fonte: Fotografia de Louis Kenson Janvier

Também através de depoimentos e de fotografias Tuma passa a tratar sobre a vida que os recém chegados encontravam na nova cidade. Seu dia-a-dia é descrito através do trabalho duro no campo e no desenvolvimento urbano que se iniciara já naquela época.

Em seguida tivemos acesso a edição de 2001, nesta edição a discussão a respeito da história da cidade de Londrina é inserida em um contexto maior, circunscrevendo a História do município a seu Estado, Paraná e ao seu País Brasil. A autora amplia a discussão e outras narrativas começam a surgir além da consagrada Pequena Londres. Podemos notar este movimento também nas edições de 2006 e 2008.

Figura 15- Capa edição de 2001



Fonte: Fotografia de Louis Kenson Janvier

Diferente das edições de 1988 e 1997 a edição consultada de 2001 não trata apenas da história da cidade de Londrina. Ela busca ampliar a discussão no âmbito estadual e nacional, para tanto dispõe de um espaço para discussões mais abrangentes que não existiam nas edições anteriores.

Figura 16- Texto em detalhe 2

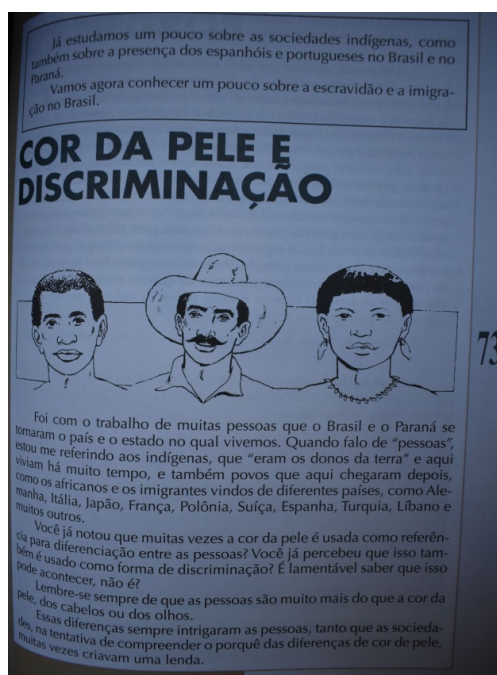
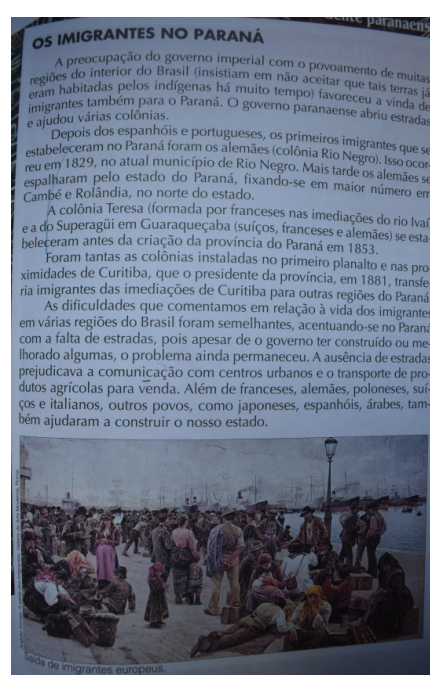


Figura 17- Texto em detalhe 3

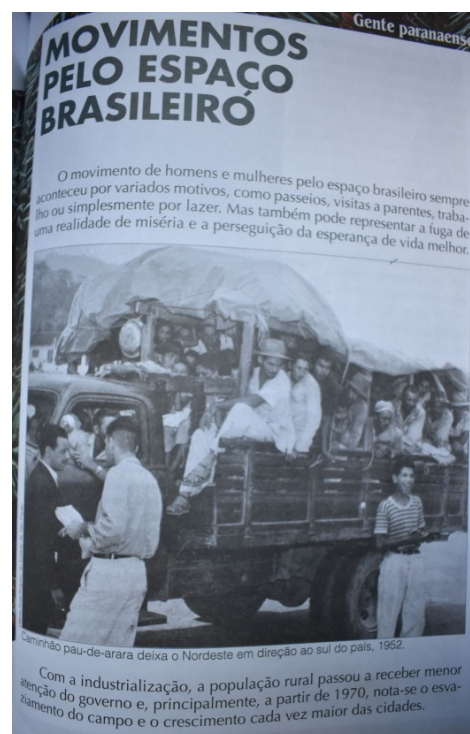


Fonte: Fotografia de Louis Kenson Janvier

Figura 18- Texto em detalhe 4



Figura 19- Texto em detalhe 5



Fonte: Fotografias de Louis Kenson Janvier

Nos itens *Cor da pele e discriminação*, *Os imigrantes no Paraná* e *Movimentos pelo espaço brasileiro* a autora apresenta alguns textos que tratam da formação populacional do Brasil a vinda de estrangeiros, principalmente europeus, e da diáspora que ocorreu nos estados da região nordeste principalmente na década de 1950. Para isto ela utiliza uma fotografia com um caminhão pau-de-arara.

O nordestino aparece como o miserável, e conforme nos mostra a fotografia estariam dispostos a suportar qualquer adversidade para chegar a tão sonhada região sul. O livro repete uma imagem do nordeste e do nordestino que já estava cristalizada no imaginário nacional. O que se confirma também em outros exemplos que serão tomados adiante.

Na edição de 2001, vemos um maior destaque para a presença de outros personagens que aqui estavam, antes mesmo dos ingleses. Mesmo assim a CTNP não deixa de ser citada, como nas versões anteriores a autora segue tratando da chegada dos membros da CTNP e de como se estabeleceram para a comercialização dos lotes urbanos e rurais. A menção a origem do nome Londrina também é recorrente. Londrina é a filha de Londres.

Ainda na edição de 2001 no item intitulado *Mudanças no Jeito de Viver* a autora cita os indígenas e os posseiros e volta a tratar da Filha de Londres, a narrativa continua fortemente marcada pela presença inglesa na cidade. Ainda no mesmo item a autora transmite uma ideia de diversidade na formação populacional, especificando os termos *migrante* e *imigrante*, aqui todos são tidos como compradores de terra.

Os povos que habitavam a região antes do empreendimento da CTNP não são ignorados, porém, claramente a autora não explora esta presença, dando um fim a discussão sobre a presença de posseiros e indígenas na região. A prosperidade do empreendimento agrícola no campo faz com que o espaço urbano se desenvolva rapidamente, esta parceria vitoriosa cidade e campo também é vista nas páginas da coleção como um todo.

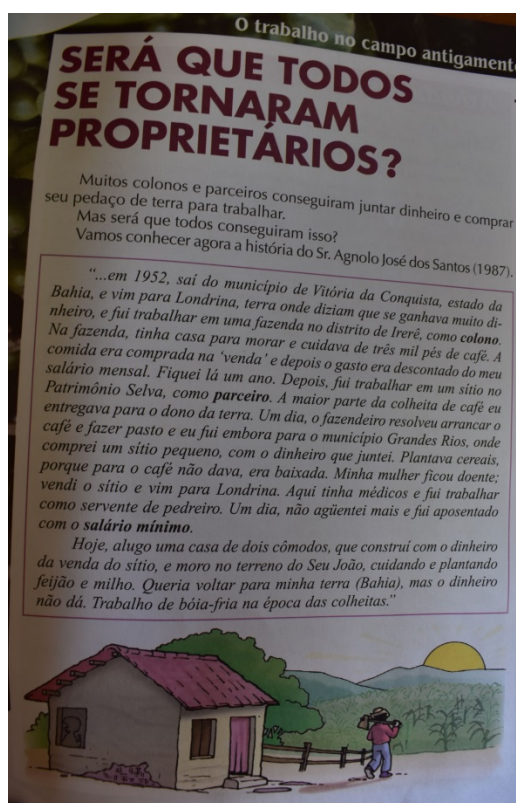
No item *Os pioneiros em Londrina* a autora define os pioneiros como aqueles que vinham comprar terras ou trabalhar na cidade. Assim como essa narrativa do pioneiro que também é recorrente, estes poderiam ser migrantes (vindos dos estados do interior do Brasil) ou imigrantes (vindos do exterior).

A autora segue a mesma narrativa encontrada nas edições anteriores abordando temas que tratam do cotidiano dos pioneiros na cidade e no campo. O trabalho a alimentação e o lazer são explorados através de imagens fotográficas e trechos transcritos de entrevistas com pioneiros.

De maneira geral, nesta edição a autora reconhece a diversidade de realidades e valoriza outros personagens além dos ingleses. A escolha das fontes utilizadas para isto apresenta-se como um ponto sensível na elaboração do que o livro deseja tratar. Como vimos nas edições anteriores a escolha de entrevistas já ocorria, porém, sempre se tinha o depoimento de George Craigh Smith como foco na produção. Nesta edição o depoimento escolhido é de um italiano, Ocindo Ferro, que veio como trabalhador, prosperou e adquiriu suas terras. A escolha não é mais a da celebre entrevista de Craigh Smith, mas continua a ser de um imigrante europeu, mantendo assim a forte tendência eurocêntrica de edições passadas.

Mas e o nordestino? Ele é retratado? Sim, assim como já vinham sendo citados brevemente mineiros e paulistas o depoimento de um nordestino ganha destaque. E como ele aparece?

Figura 20- Texto em detalhe 6



Fonte: Fotografia de Louis Kenson Janvier

Como vimos a tendência da produção e valorizar principalmente o trabalho empreendido pela CTNP e o rápido crescimento econômico no campo por meio principalmente da produção de café. Neste item, “*Será que todos se tornaram proprietários?*”? A autora abre espaço para aqueles que não venceram na ótica do capital. E o depoimento escolhido é de um baiano.

Seguido do depoimento o que se segue é a exploração do surgimento de problemas sociais no perímetro urbano. Estes problemas são mostrados como decorrência do êxodo rural com a decadência da cultura do café a partir da década de 1970.

Até aqui podemos dizer que nesta edição a autora, em consonância com novas produções historiográficas, que foram surgindo com o passar do tempo busca desconstruir o mito do Eldorado e para isso continua a utilizar como fonte as entrevistas.

Figura 21- Texto em detalhe 7

O Sr. Agnolo também trabalha como **bóia-fria** e nos conta:

“Sou bóia-fria na época da colheita de algodão. Amanhece o dia, preparo o meu caldeirãozinho, coloco na mochila e vou para o ponto dos ‘caminhoneiros’, ou ‘gatos’; vou perguntando o preço e, naquele que pagar mais, subo no caminhão.

Chegando na plantação, pego uma rua de algodão, amarro o fardo na cintura e vou trabalhar. A gente procura não comer, só beber leite, para não perder tempo, pois eles pagam por cada 15 quilos colhidos (arroba).

No fim da tarde, na hora que pesam o algodão colhido, eu como o meu almoço.

O pagamento é feito por semana ou por dia.

É vida dura a do bóia-fria. Tem dia que o caminhão não espera, no outro dia chove, no outro não tem serviço. O pior de tudo é não ter terra minha para trabalhar.

Eu preferia ficar no sítio; a vida na cidade, para pobre, é vida dura, pois não tem fartura. Tudo é comprado, do fogo até a água...”

Atividades

1. Pesquise e escreva em seu caderno.
 - a) Que outros nomes eram dados a Londrina para se fazer propaganda dela?
 - b) Comente os problemas que começaram a aparecer no município de Londrina e a mudá-lo. Ainda encontramos esses problemas em Londrina?
Verifique em jornais, revistas e outras fontes.
 - c) Com a ajuda de seu (sua) professor(a), procure conhecer alguns dos direitos das crianças, no Estatuto da Criança e do Adolescente.
2. Responda.
 - a) Por que muitos trabalhadores rurais vieram morar na cidade?
 - b) O que é bóia-fria?
3. Existem outros tipos de trabalho diarista. Pesquise e depois escreva sobre esses outros tipos de trabalho diarista que você descobriu.

Fonte: Fotografia de Louis Kenson Janvier

Como vemos o nordestino é citado sim na produção, porém como o personagem derrotado. Sua fala está diretamente ligada ao período de êxodo rural e miséria, corroborando a imagem que o nordestino tem no âmbito nacional.

Este movimento de desconstrução do mito do Eldorado é notado também nas edições de 2006 e 2008. Outras fontes são apresentadas aos estudantes para a construção do conhecimento histórico, como mapas e poemas. Diferente da edição de 1988 a coleção coloca em foco a diversidade de origens das pessoas que vieram para o território depois do empreendimento da CTNP. Não queremos dizer com isso que o discurso da Pequena Londres foi esquecido, nem poderia, contudo, percebemos que no manual didático, que representa a educação formal, e é responsabilidade do estado, existe uma preocupação em desconstruir esta ideia e apresentar outras realidades existentes na história de Londrina.

O que explicaria esta ausência em relação aos nordestinos, que ocorre tanto na exposição museal do MHL como no livro didático mais utilizado para estudar a História e Geografia da cidade?

CAPÍTULO 2

PRECONCEITO E ESTEREÓTIPOS QUANTO AO NORDESTE E AO NORDESTINO

Neste capítulo, vamos nos direcionar ao debate sobre o estereótipo em relação ao nordestino. Iniciaremos usando Durval Muniz Albuquerque Junior(2011) para mostrar como se origina determinada forma de ver o Nordeste e o nordestino. Este autor é importante para nossa reflexão na medida em que tratou especificamente do tema *A invenção do nordeste*.

A seguir, consideramos o conceito de estereótipo e de estigma, usando um autor – Erving Goffman (1978) – na interface entre psicologia e história.

2.1. A invenção do nordeste como origem do preconceito em relação ao nordestino

Albuquerque busca em sua obra *A invenção do Nordeste* discutir as origens da região do Nordeste, os estereótipos e visão acerca de sua cultura, população e economia por parte não só dos nordestinos que são em grande parte responsáveis pela “invenção” do Nordeste como está cristalizado no imaginário nacional. Os discursos tomados por ele para a construção de sua reflexão não são tomados como documentos de verdade sobre a região, mas como um monumento de sua construção, segundo ele: “O nosso objetivo é entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu, no âmbito da cultura brasileira, o Nordeste. O nexos de conhecimento e poder que cria o nordestino, e ao mesmo tempo, o oblitera como ser humano”. Segundo o autor, no senso comum, o Nordeste não é só entendido como unidade econômica, política ou geográfica, mas visto como “pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica”. Uma região vista de forma homogenia conforme “imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

Para a discussão historiográfica é necessário partir da noção de região colocando em destaque principalmente as relações de poder estabelecidas neste processo. A geografia não pode ser esquecida já que a definição antiga da região tomava aspectos naturais e de formação étnica social para a definição do que seria o regional. Deste modo deve-se levar em conta ao tratar da região Nordeste assuntos ligados a administração ao poder militar e a questões fiscais. O que Albuquerque

Junior faz é questionar essa identidade fixa a respeito da região. Para ele o nacional e o regional não são critérios de validação quando se trata de uma produção historiográfica, por isso, o autor se distancia da história regionalista pois esta ratificaria a construção de um estereótipo para a região, e o que o autor busca é a sua desconstrução. Neste sentido, Albuquerque Junior questiona: “Por que os historiadores paulistas e, em menor número, os historiadores cariocas podem fazer história nacional e os das outras áreas apenas “História Regional”? Argumenta o autor, que:

“Continuamos presos, assim, a uma hierarquia de saberes e de espaços que se definiu no início do século”. A solução para esta problemática, seria romper com a posição de inferioridade no campo historiográfico de apenas escrever sobre História Regional, “se negando a ocupar estes lugares, questionando-os e reivindicando o direito de apenas produzir saber em história, sem mais adjetivos.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 41)

Durval Muniz de Albuquerque Júnior em sua obra aponta que em torno de 1910 já era possível notar algumas mudanças na região que até então era “tradicionalmente” denominada Norte. Segundo ele neste período pode-se perceber o surgimento de um espaço artificial caracterizado principalmente pelo empreendimento de obras contra as secas. Já na década seguinte o autor destaca a modernização do espaço:

Beirando os canaviais e algodoais, corriam agora linhas telegráficas, fios de telefone, vias férreas. E ao longo dos caminhos movimentados pela “Great Western” e pelos “Hudsons”, “Fords” e “ Studbakers” contrastavam os montes a sangrar e como que raspados à unha de sua vegetação. Rompem-se padrões de sociabilidade tradicional. As cidades muito se modificavam com a construção, sobre modelos europeus do século XIX, de gares, de mercados, bancos; com os novos tipos de arquitetura de confeitaria, com a preocupação da linha reta à americana, que por completo alterara, no Recife, o à-vontade de antigas ruas. Os casarões vastos de outrora, de uma alvura franciscana ao sol, eram agora substituídos pelas arrivistas usinas, fumando seus indolentes charutos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.51)

A nação como unidade passa a ser encarada com outros olhos no pós Primeira Guerra Mundial, sob uma mudança de episteme. A nação passa a ser vista como um todo de diversas partes que deveriam ter suas características individualizadas e identificadas. Cada região volta o olhar para si, com o intuito de minimizar estas diferenças que impedem o surgimento de uma unidade nacional. Antes encarava-se as diferenças entre os diferentes espaços do país como reflexos

da natureza, o clima a vegetação e a composição racial explicavam as diferenças de costumes, hábitos e práticas sociais.

A dimensão territorial do Brasil a deficiência nos meios de transporte e comunicação e o baixo índice de migrações internas no período anterior a década de 1920 tornavam Norte e Sul espaços completamente desconhecidos entre si. E é neste período que o nacionalismo busca conhecer o país através das suas particularidades regionais, ocorre que este processo não se dá com naturalidade, ele apresenta orientações políticas e na prática significa a hegemonia de uns espaços sobre outros. Estes regionalismos presentes nas produções do período acabam por fundar uma tradição: tomar o espaço de onde se fala como referência, como centro do país. Tomar seus costumes como costumes nacionais e tomar o costume de outras áreas como regionais, como estranhos. Neste movimento as grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife se colocam como centro distribuidor de sentido nacional. As diferenças e o exótico das outras áreas são marcadas com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz.

É neste período também que as regiões sul e sudeste passam a receber imigrantes de outras nacionalidades, devido, principalmente, a produção cafeeira. O avanço socioeconômico da região sul faz com que as diferenças se acentuem cada vez mais. Também um “embranquecimento” e europeização da população desta região contribui para cada vez mais a região Nordeste seja vista de forma depreciada. É o caso, como vimos no primeiro capítulo, da região Norte do Paraná onde Londrina se insere.

Os imigrantes são vistos como superiores e intelectuais como Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira veem no nordestino o próprio exemplo de degeneração racial, seja do ponto de vista físico ou intelectual. Estes e outros intelectuais, até hoje, consideram “a miséria uma consequência do encontro entre um hábitat desfavorável e uma raça, fruto do cruzamento de indivíduos de raças extremas e submestiçagem” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 56). Já os paulistas são vistos como superiores, devido ao meio, a ascendência econômica e política. A superioridade de São Paulo era naturalizada, e não historicamente construída. Sendo assim, Nordeste era inferior por sua própria natureza (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.56)

Sendo assim o regionalismo paulista se configura como um “regionalismo de superioridade” que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de

sua ascendência europeia e branca. A modernização e o crescimento da cidade de São Paulo são a todo momento enaltecidos pelos intelectuais regionalistas da época. Aqui devemos fazer um aparte: grande parte dos colonizadores da região Norte do Paraná era de paulistas (LEME, 2013), o que nos faz inferir que esta imagem de superioridade paulista foi trazida para Londrina. Contudo, mesmo a História Oficial da cidade, embora edifique paulistas e mineiros como empreendedores, corajosos e pioneiros, ainda se enfatiza a importância, principalmente dos imigrantes europeus.

Albuquerque ressalta em seu texto como Oswald de Andrade se espanta ao visitar Recife, e perceber as modificações na cidade, da mesma forma que foi possível perceber em São Paulo. Estes fatos são desconhecidos das populações do sul já que o próprio discurso regional nordestino o mostra como uma grande região rural, devastada pelas calamidades configurando um “regionalismo de inferioridade”. Albuquerque ressalta que: “Não se trata de buscar uma verdadeira representação do Nordeste, sua verdadeira interpretação, mas tentar entender a produção desse conceito e como ele funciona, seja dentro ou fora de suas fronteiras.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 59). Da mesma forma, não se trata de buscar a verdadeira imagem de Londrina, de escolher o grupo social e as suas virtudes que melhor a representem. Consideramos que a “invenção” de Londrina, corresponde a uma determinada imagem, em especial a de ser de origem britânica ou europeia, sem a participação de outras etnias ou sujeitos regionais.

Podemos dizer então que neste período o espaço perdia cada vez mais sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, construída pelo homem. A materialidade da região é definida através de elementos e temas que definiriam o Nordeste (cangaço, seca). Estes elementos não são escolhidos aleatoriamente, a construção deste discurso regional é dirigida pelos interesses tanto no interior da região que se forma, como na sua relação com outras regiões.

Segundo Márcia Elisa Teté Ramos, as representações que circulam na cidade, acabam por instaurá-la como sendo de origem europeia, em especial, inglesa, porém, “não existe uma “colônia”, ou bairro ou região habitada por ingleses, pois estes não se estabeleceram na região, ficando na cidade por pouco tempo, na fase inglesa da colonização (de 1930 a 1951)” (RAMOS, 2016, p. 70).

Albuquerque aponta que a institucionalização do Nordeste como uma nova região se deu através do discurso político de seus representantes no congresso. A

representação política desta região no período da república era formada por membros da antiga elite açucareira que se formou ainda nos tempos do Brasil Colônia. As famílias tradicionais, representantes do antigo norte, se uniam em torno de uma ideia de marginalização da região, diante do avanço socioeconômico da região sul.

A imagem de “Nordeste terra da seca” está, neste período, firmando um processo de cristalização no imaginário nacional. A utilização do termo Nordeste se dá inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as secas (IFOCS) criada em 1919.

A seca de 1877-79, a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa e atingir setores médios dos proprietários de terra, trouxe um volume considerável de recursos para as “vítimas do flagelo” e fez com que as bancadas “nortistas” no parlamento descobrissem a poderosa arma que tinham nas mãos, para reclamar tratamento igual ao dado ao “Sul” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.83)

Deste modo, diz o autor que o Nordeste é, em grande medida, “filho das secas; produto imagético discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área” (ALBUQUERQUE JUNIOR, p.81)

A cidade de Recife no estado de Pernambuco é o centro cultural e intelectual da região, onde os filhos das famílias tradicionais eram formados. Recife também é o centro jornalístico de uma vasta região que vai de Alagoas até o Maranhão. Um importante divulgador e disseminador do que seria este novo recorte, o “Nordeste”, foi o jornal “O diário de Pernambuco”. Este era o porta voz da antiga elite econômica e da elite intelectual, herdeiros de uma “tradição colonial” a mais interessada em chamar atenção do governo federal para a região diante da migração em massa da população para outras regiões e dos avanços que o sul vinha conquistando.

Gilberto Freyre também contribuiu pela instituição da região Nordeste, pois em 1925 começa a delinear uma série de artigos tratando do que seria definido por ele como pensamento regionalista e tradicionalista. São estes artigos que influenciarão diretamente a elaboração do Livro do Nordeste, publicados pelo Diário de Pernambuco em comemoração a seu centenário. É através de Freyre que o recorte Nordeste ganha conteúdo cultural e artístico, pelo resgate do que seriam suas tradições e suas memórias. O Livro do Nordeste, de certa forma, antecipa o

que iria ocorrer no Congresso Regionalista do Recife, em 1926. Este Congresso serviu para “salvar o “espírito nordestino” da destruição lenta, mas inevitável, que ameaçava o Rio de Janeiro e São Paulo. Era o meio de salvar o Nordeste da invasão estrangeira, do cosmopolitismo que destruía o espírito paulista e carioca, evitando a perda de suas características brasileiras”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.86)

Podemos afirmar que as produções regionalistas do período que tinham a “missão” de definir suas identidades diante da extensão territorial do Brasil, sofreram uma importante mudança. O discurso de legitimação deixa de ter suas bases no pensamento naturalista e a construção destas identidades passa ser histórico. No Nordeste esta produção parte de um esforço da elite intelectual e econômica, que busca as “verdadeiras raízes” regionais no campo da cultura, estes veem a necessidade de inventar uma tradição, de instituir uma base. Buscam conciliar a nova territorialidade com antigos territórios sociais e existenciais com o intuito de garantir a perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados. Argumenta Albuquerque Junior

Ao optar pela tradição, pela defesa de um passado em crise, esse discurso regionalista nordestino fez a opção pela miséria, pela paralisia, mantendo parte dos privilégios dos grupos ligados ao latifúndio tradicional, a custo de um processo de retardamento cada vez maior de seu espaço, seja em que aspecto nos detenhamos. Vai se operar nestes discursos com um arquivo de discursos e estereótipos de decodificação fácil e imediata, de preconceitos populares ou aristocráticos, além de conhecimentos produzidos pelos estudos em torno da região. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.90)

Desta forma podemos dizer que o Nordeste tradicional é um produto da modernidade, e que, o recorte regional começou a se delinear na década de 1920 através de uma elite intelectual herdeira dos latifúndios agrícolas que veem sua hegemonia no cenário nacional perdida diante do avanço socioeconômico no sul e no sudeste. Cria-se em torno da região o que Albuquerque chama de “Folclore disciplinador”. As narrativas a respeito da região se pautam principalmente na cultura da antiga divisão do país, onde o norte rural, patriarcal, pré-capitalista e escravagista ganha um tom de folclore. Este seria a expressão da mentalidade popular e está por sua vez da identidade regional:

“O uso do elemento folclórico permitiria criar novas formas que, no entanto, ressoavam antigas maneiras de ver, dizer, agir, sentir, contribuindo para a invenção de tradições. Construir o novo, negando

a sua novidade, atribuindo-o uma pretensa continuidade como estavam fazendo com a própria região. Ele seria esse elo entre o passado e o presente, permitindo “perpetuar estados de espírito.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 92)

O Nordeste surge assim pelo discurso regionalista e tradicionalista como uma região em decadência. A ideia que se tem é de um espaço estável, apolítico e natural, tipo “Já estávamos aqui antes dos avanços da região sul”. Percebemos assim que o Nordeste foi construído principalmente pautando-se em estereótipos. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

Enquanto em São Paulo os modernistas procuravam romper com a narrativa tradicional no Nordeste o movimento regionalista e tradicionalista volta-se para resgatar as narrativas populares. Este movimento cria um Nordeste visto da varanda da casa grande. É um espaço feito para permanecer no tempo; construído com o agenciamento de movimentos, paisagens, tipos humanos, relações sociais, símbolos e imagens que pontilham este território estripado pelo poder.

É na memória que se juntam fragmentos de história, lembranças pessoais, de catástrofes, fatos épicos que desenham o rosto da região. Um espaço preenchido completamente por estes textos e imagens que lhe dão espessura. Espaço onde nada é provisório, onde tudo parece sólido como a casa grande de pedra e os móveis de mogno e jacarandá, onde tudo parece tranquilo e vagaroso, como o balançar na rede ou na cadeira, região da permanência, do ritmo lento, da sedimentação cultural, da família afetiva e infantil.

Sendo assim o movimento tradicionalista e regionalista, que teve como palco a cidade do Recife da década de 1920, através de publicações no Diário de Pernambuco, da criação do Centro Regionalista do Nordeste em 1924, da realização do Congresso Regionalista em 1926 e, sobretudo, através da obra de Freyre, buscam uma arma contra a excessiva centralização política e econômica, uma reação aos processos do capitalismo. É também na década de 1920 que o Movimento Modernista começa a ganhar força, principalmente entre os intelectuais da região sudeste. Ambos os movimentos se preocupam com as questões a respeito da identidade nacional, são contemporâneos, porém, teórica e metodologicamente distintos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.102- 103).

O modernismo é tido como feito para eruditos se diferenciava do Regionalismo tradicionalista que vinha da terra, da alma do povo. Freyre defende

que o Nordeste voltaria a ser uma região criadora. Partindo da questão da cultura nacional, justifica o Regionalismo Tradicionalista como um movimento contrário a colonização cultural do país.

O século XX é marcado por uma mudança de paradigma nas produções sociológicas. O saber naturalista de base evolucionista e biológica entra em crise, busca-se neste momento entender a psicologia destes povos e principalmente as leis que regem esta sociedade e cultura. Sob grande influência do culturalismo de Franz Boas a principal característica das produções passa a ser a fuga do etnocentrismo que marginalizava as sociedades não europeias.

Esta “mudança de atmosfera” é de grande importância, pois é neste momento que se busca uma identidade para o Brasil e para os brasileiros, diante da extensão territorial, definir suas regiões e seus tipos regionais. Freyre busca embasamento no culturalismo para compreender a identidade brasileira como nação e a contribuição do regional na formação da nacionalidade. Diz Albuquerque Junior, que a principal tese de Freyre é a da superioridade do mestiço,

A instituição sociológica do Nordeste, empreendida por Freyre, terá que questionar as hierarquias determinadas a partir da raça e do meio, bem como questionar a superioridade inexorável das nações e das regiões brancas sobre as mestiças. A estratégia do seu discurso é a de inverter essa formulação, dotar de positividade a mestiçagem em detrimento das raças puras, isto por que, para ele, calcar a nacionalidade brasileira numa raça pura era impossível, já que não a possuíamos. Todos eram mestiços, até mesmo o português aqui aportado. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.109, 110)

Para Freyre a identidade nacional está ligada a mestiçagem e a tropicalidade, em ambos o Nordeste deixava de ocupar uma posição de subalternidade na formação da identidade nacional para se tornar o centro da discussão. O autor é um dos primeiros a reconhecer a participação do negro na formação da nacionalidade. Aponta o Ciclo do Açúcar, ainda nos tempos do Brasil Colônia como contexto de origem das relações sociais e econômicas no país, para ele a relação entre senhores e escravos era pacífica. Sendo assim as relações de abuso para com os negros teriam existido apenas com o avanço do capitalismo, no sul e no sudeste, com o Ciclo do Ouro e do Café.

Sua obra é orientada sobretudo a partir das questões espaciais. Sua trilogia Casa Grande e Senzala (1933), Sobrados e Mocambos (1936) e Ordem e Progresso (1959) toma a história da produção açucareira da zona da mata nordestina, ou mais

precisamente pernambucana, e generalizava sua análise para todo o passado colonial não só do Nordeste como do Brasil.

O Nordeste é uma invenção não apenas nortista, mas, em grande parte, uma invenção do sul, de seus intelectuais que disputam com os nortistas a hegemonia no interior do discurso histórico e sociológico. No sudeste desde 1920 pensa-se a identidade nacional a partir de polos antagônicos: São Paulo, Pernambuco e Bahia. A História do Brasil parte da história destes espaços (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

Os intelectuais começam a criar mitos de origem para o Brasil a partir destas áreas. Surge então no período entre 1920 e 1930 uma dualidade entre nomadismo e sedentaridade. São Paulo, nômade, tem a figura do bandeirante, aventureiro “sem raízes” que busca o enriquecimento através da exploração do território, sem se fixar, sem criar nada sólido. Já o antigo norte, é sedentário, ligado aos grandes latifúndios teriam criado e fortalecido a unidade nacional fixando as raízes da nova sociedade.

A riqueza do presente em São Paulo é oposta a sua pobreza no passado, o que reforça a imagem de decadência no Nordeste, onde a riqueza passada contrasta com a crise do presente. São Paulo é visto como o local da modernidade, do avanço. O Nordeste como lugar parado no tempo, o lugar do atraso.

O Nordeste é visto por alguns modernistas, como Mário e Oswald de Andrade, como último reduto da cultura brasileira, entendida como cultura luso-afro-ameríndia, por não ter passado pelo processo de imigração em massa. Oswald, entrando em contradição com seu cosmopolitismo cultural, praticamente reproduz o enunciado dos tradicionalistas nordestinos de que o Nordeste era a única área do país em que “a máquina capitalista ainda não picotou a renda, o crivo, o pano de costa, o que tínhamos de sagrado em autenticidade e beleza. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.121)

Até mesmo o historiador francês Fernand Braudel, ao trabalhar em São Paulo na década de trinta, e após visitar a Bahia, escreve uma série de textos que reforçam esta visão dicotômica do Brasil, cindido entre uma área moderna e uma arcaica, uma capitalista e a outra feudal. Dizendo já se sentir um pouco paulista, seu olhar parece contaminado pela visibilidade que aquele espaço instituíra para o Nordeste. Para ele, a Bahia era uma sociedade velha, com perfume de Europa, ao passo que São Paulo lembraria Chicago e Nova York. Para Braudel, a sociedade paulista era fluida, deixando-se arrastar ao sabor dos imperativos econômicos, já

que a imigração em massa fizera submergir a antiga sociedade. Enquanto isso, na Bahia, o tecido social, por ser tradicional, era muito mais cerrado, coerente, capaz de movimentos de conjunto e inibidor dos processos de mudança. Mesmo fazendo observações pertinentes como a da maior resistência às mudanças na sociedade nordestina, certas afirmações de Braudel são criticáveis. Para sentir cheiro de Europa, na Bahia, é preciso que as narinas sejam bem seletivas. Afirmar que a migração europeia deu formato americano à sociedade paulista é um disparate. Enquanto o Nordeste era uma região onde o passado pesava sobre o presente, São Paulo era uma área radicada totalmente no presente e plantando o futuro. Como disse Oswald, São Paulo seria “a locomotiva que puxava os vagões velhos e estragados da federação”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

2.2. Representações do Nordeste

O Nordeste é representado culturalmente das mais variadas formas e em vários âmbitos. Na literatura, música, cinema, pintura, teatro, novelas entre outros. Seguindo o que foi instituído sociologicamente para a região, seja pelos próprios intelectuais do Norte ou, pelos de São Paulo, foi ratificado na produção cultural a respeito da nova região nas décadas que se seguiram.

A literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às várias realidades do país, a desvendar a essência do Brasil real. O final da década de 1920 e início da de 1930 marcam a transformação da literatura regionalista em nacional. O romance nordestino ganha o estatuto de uma produção preocupada com a nação e com o seu próprio povo, mestiço, pobre inculto e primitivo em suas manifestações sociais. Neste processo a crítica literária atua no sentido de legitimar a vinculação da produção literária a espaços que seriam “naturais” e fixos:

“Embora sendo um grupo de autores muito diferenciados do ponto de vista estilístico, os romancistas do Nordeste se aproximam, pela posição que ocupam no campo literário e como representantes de uma área cultural do país em declínio em outros aspectos, e que elegem a politização da cultura como caminho para se fazer presente no cenário nacional. O romance de 1930 surge preocupado em conhecer e definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação. Os personagens deste romance são típicos, tipos fixos que mesmo diante de todos os conflitos internos e dos dissabores externos que enfrentam ao longo da trama, nunca chegam a se negar a si mesmos, eles têm garantida a continuidade de “um modo de ser” de “pensar”, de um “modo de agir” regional. Sendo em sua maioria descendentes de famílias tradicionais e decadentes, vivendo em processo de marginalização,

estes intelectuais de classe média que escrevem na década de 30 do século passado, não estão mais comprometidos diretamente com os grupos dominantes: “O romance passa a ser feito para um “público” e não para uma classe. Identificando-se com o sofrimento do povo, muitos terão a pretensão de ser seus porta-vozes numa nítida postura populista, oscilando entre denúncia das condições de vida dos setores populares e o elogio da dominação paternalista” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 124-127)

Diferentes autores focam em espaços diferentes do Nordeste. Alguns tomam o Nordeste da cana-de-açúcar, da sociedade patriarcal e escravista encontrados na zona da mata, outros, como Rachel de Queiroz, veem o sertão como espaço tradicional, que da originalidade ao Nordeste. Os personagens elaborados na produção literária deste período são típicos, caracterizados por aquilo que os autores consideram experiências sociais fundamentais, que constituam identidades típicas do regional. São personagens que pretendem ser reveladores de uma essência do ser regional ou de lugares sociais bem definidos. Embora estes personagens tendam a se repetir, sofrem deslocamentos criativos, sendo agenciado por outros discursos que os tomam como objeto.

A literatura de cordel também se torna um meio muito eficaz neste processo de invenção e definição do que seria o Nordeste. O cordel produz uma realidade nascida da (re)atualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades. Eles trazem esta memória para o presente, colocando-a acima do tempo corrosivo da história. Trata-se de uma prática discursiva que inventa e reinventa a tradição e, como tal, interessava a um grupo de intelectuais também preocupados com a estabilidade do tempo e do espaço.

O cordel fornece uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que são incorporados, em vários momentos, na produção artística e cultural nordestina. Como a produção do cordel se exerce pela prática da variação e reatualização dos mesmos enunciados, imagens e temas, formas coletivas enraizadas numa prática produtiva e material coletiva, este se assemelha a um grande texto ou vasto intertexto em que remetem umas as outras. É, pois, este discurso do cordel um difusor e cristizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste, residindo talvez nesta produção discursiva uma das causas da resistência e perenidade de dadas formulações acerca deste espaço. Esta produção popular funciona como um repositório de imagens, enunciados e formas de expressão que serão agenciadas por outras produções culturais “eruditas” como a literatura, o teatro, o cinema etc. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.129)

A visão tradicionalista que figura nas representações da região deve-se em grande parte a literatura de cordel, além disso ela lança sobre a região Nordeste o estigma de “primitiva” e “bárbara”.

Um Nordeste construído com narrativas de ex-escravos, de pessoas sem sobrenome, com histórias ouvidas na infância, com histórias que circulavam em toda aquela área; histórias de cangaceiros, de santos, de coronéis, de milagres, de seca, de cabras valentes e brigões, de crimes, de mulheres perdidas, do sertão mítico, repositório de uma pureza perdida, nostalgia de um espaço ainda não “desnaturalizado” pelas relações sociais burguesas. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.130)

É importante dizer que a visão tradicionalista do Nordeste, presente na maior parte das produções culturais acerca da região, vê a cidade negativamente. O fenômeno urbano e metropolitano na região é antigo, a cidade do Recife é um dos primeiros polos industriais do país, porém este fato é ignorado na produção artística e literária. O Nordeste neste discurso é uma região essencialmente rural e a cidade aparece como símbolo da decadência, do pecado, do desvirtuamento da pureza e da inocência. Generaliza-se a sociabilidade rural como regional.

Alguns outros temas e características figuram também em grande número nas produções artísticas a respeito do Nordeste: o modo de falar do nordestino, a seca, o cangaço, o coronelismo, os movimentos messiânicos, entre outros, estão presentes na elaboração de personagens, histórias e contextos que retratem ou versem sobre a região.

Outro fator que contribuiu para a cristalização de um estereótipo do nordestino, foi a grande migração de pessoas desta região principalmente para as regiões sul e sudeste. Neste encontro de pessoas advindas de regiões tão diferentes a diferença no modo de falar foi uma das quais mais renderam estereótipos. A fala foi também sistematizada na obra de Freyre como tema importante na definição da região Nordeste.

Os temas regionais presentes na produção sociológica e artístico cultural do período serviram como estratégia política das oligarquias para obtenção de recursos para os estados pertencentes a esta região do Brasil tão importante, porém esquecida. Dentre estes temas destacam-se: a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo com seu complemento: o jagunço

e a seca com a epopeia da retirada. Sendo que neste último tema encontramos boa parte dos fundamentos dos estereótipos construídos a respeito do Nordeste.

A seca foi decisiva para se pensar o Nordeste como um recorte inclusive “natural”, climático, um meio homogêneo que, portanto, teria originado uma sociedade também homogênea. A imagem do Nordeste passa a ser pensada sempre a partir da seca e do deserto, ignorando-se todas as áreas úmidas existentes em seu território. A retirada, o êxodo que ela provoca, estabelece uma verdadeira cultura narrativa. Uma fórmula ritualística de se contar uma fuga de homens e mulheres do sertão que lembra a própria narrativa cristã da saída dos judeus no deserto (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

Percebemos esta grande influência da seca nas próprias produções dos tradicionalistas. A seca é a responsável pelas transformações na vida das pessoas, interferindo na organização social e moral das famílias. É a seca que traz o conflito, ela é a responsável pelos grandes movimentos de migração e pela existência do cangaço por exemplo.

As histórias a respeito do Cangaço são em grande parte responsáveis por alimentar no imaginário nacional a imagem de um Nordeste bárbaro e primitivo. Além disso a preocupação de “Lampião” em ter seus feitos divulgados pela grande mídia jornalística da época fez com que este estereótipo se reforçasse cada vez mais. Era como se dentro do nordestino existisse uma fera pronta a se rebelar. O Nordeste e os nordestinos são alheios a civilidade, é a terra do sangue, das arbitrariedades, reino da bala e da faca peixeira.

As narrativas sobre o cangaço seguem neste discurso uma estrutura narrativa em que primeiro adjetivam-no o mais pejorativamente possível (facínora, sicário, bárbaro), aproximam-no da animalidade (fera, bicho, praga), arrolam os crimes enfatizando sua gratuidade, a simultaneidade (caráter devastador, calamidade), recorrendo àqueles crimes mais arquetípos (assassinatos de velinhos, violação de moças desprotegidas, queima de crianças assistidas por mãe, castração de noivo na frente da futura esposa). Nessas narrativas o cangaço é destituído de qualquer conteúdo social, é produto de “um instinto” quase animalesco, por um prazer sádico de matar, de violar, de incendiar, de saquear. Escondem-se os motivos sociais do cangaço, procurando minar a solidariedade popular e denunciar o apoio dos coronéis tradicionais a tal prática. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 143)

Não raro ao observar uma pintura que retrate a região Nordeste, pode-se perceber que o sol é figura recorrente nestas representações ao lado das paisagens

desérticas. A ideia que se transmite é a de decadência, um “painel do inferno” que está naturalmente condenado as cinzas, ao esquecimento.

Ao tratar do movimento tradicionalista devemos tratar também da influência que a religião tem, tanto na formação sociocultural como nas relações de poder estabelecidas. Nas histórias a respeito da região a fé é sempre colocada como uma característica a qual o nordestino não deve deixar de ter, pois, diante de tantas injustiças e calamidades cabe ao indivíduo apelar a ela.

“O misticismo e a visão sacralizada da natureza e da sociedade faziam parte deste mundo tradicional, onde a influência religiosa de todos os matizes, desde o catolicismo popular português, marcado pelo sebastianismo e pelo milenarismo, passando pelo animismo e fetichismo negro e indígena, possuía uma lógica contrária ao materialismo e à racionalidade crescente da sociabilidade moderna que se instalava, notadamente, nos centros urbanos. O Nordeste é, pois, visto como o palco das crenças primitivas em oposição as crenças racionalizadas, às utopias político-sociais. Um espaço onde se busca a evasão da sociedade moderna, vista como sociedade pecaminosa.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 145)

Seguindo essa linha desatacamos também as representações dos Movimentos Messiânicos. Este tema é recorrente nas produções a respeito da Região Nordeste, porém é preciso salientar que ele ocorreu também em outras partes do país. Isto se deve especialmente ao Movimento de Canudos e a narrativa feita por Euclides da Cunha em os Sertões. Cristaliza-se assim a imagem do Nordeste como a terra de beatos a morrer em defesa de seu mundo imaginário e sagrado. No Nordeste era ainda Deus que dava sentido às coisas, notadamente para o homem pobre do sertão ou para aquela aristocracia que estava desaparecendo.

Este Nordeste sagrado é apresentado pela obra de Ariano Suassuna. Este autor pode ser considerado um dos inventores do Nordeste como espaço da saudade e da tradição, porém, diferente das produções sociológicas e dos romances produzidos na década de 1930, apresenta seu trabalho em um campo ficcional e não como um trabalho documental.

Sua obra mais conhecida a peça de teatro *O Auto da Compadecida* é encenada em 1957 no Rio de Janeiro é considerada um marco do teatro nacional e popular, pois contribuía para a formação do espírito nacional. Esta peça décadas depois se transformou em um filme de grande sucesso. Na obra de Ariano a Igreja e o exército são as únicas instituições capazes de ordenar a sociedade brasileira, os

personagens são barrigudos, feridentos, fedorentos, perseguidos pela seca, pela miséria e pela injustiça, mas que conseguem manter seu orgulho de sertanejo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

2.3. Estereótipos, estigma e preconceitos

Buscamos realizar uma análise crítica da representação distorcida da identidade social do nordestino. O espaço para questionar estas representações que na maioria das vezes não condizem com a realidade, se dá a partir da década de 1960 quando as preocupações com as questões de identidade se intensificam. A autoimagem que o indivíduo projeta, além das heranças histórico culturais, recebem uma grande influência das representações midiáticas.

Porém, a utilização do termo estereótipo data de 1920. Podemos tratar do termo destacando as dimensões psicológica e histórica, que podem ser vistas de forma interdependente: seria um processo de cognição, quando em sociedades com muitos grupos com características diferentes, o estereótipo funciona como um dispositivo que coloca ordem e hierarquia nesta grande diversidade que a vida social apresenta sobretudo nas cidades modernas. Esta abordagem naturaliza a estereotipia e promovem a disseminação nestes espaços de crimes sociais como o racismo e xenofobia.

Desnaturalizando o estereótipo Lippman (1965): "Apresenta os estereótipos como construções simbólicas enviesadas, infensas à ponderação racional e resistentes à mudança social. A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas sobre estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada como um sensível problema para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social.

Logo os estereótipos a exemplo de outras categorias, atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social; a diferença básica, contudo, é que os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais (FREIRE FILHO, 2004, p. 47)

O estereótipo reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um "grupo desviante" a alguns poucos atributos essenciais (traços de personalidade, indumentaria, linguagem verbal e corporal etc.) supostamente fixados pela natureza. Encoraja-se, assim, um conhecimento intuitivo sobre o outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso comum.

O estereótipo é uma estratégia ideológica de construção simbólica que visam a naturalizar, universalizar e legitimar normas e convenções de conduta, identidade e valor que emanam das estruturas de dominação social vigentes. Sua formulação e difusão é um aspecto da luta pela hegemonia- ou seja, da tentativa habitual das classes dominantes de modelar toda a sociedade de acordo com sua visão de mundo, seu sistema de valores e sua sensibilidade, de modo que sua ascendência arregimente um consentimento amplo e pareça natural, inevitável e desejável para todos.

O processo e a prática de estereotipagem estão relacionadas a questões de pertencimento no mundo moderno (à nação e ao passado cultural nacional; a diferentes estágios do progresso civilizacional, mensurados em termos de evolução social e hierarquização racial), como também a questões de poder e autoridade no contexto da construção nacional, do colonialismo e do imperialismo. Muitas das construções estereotípicas do "outro", como representações de outras culturas e outros países, estão enraizadas em nacionalismos do século XIX e em racionalizações pseudocientíficas da diferença racial desenvolvidas naquele período, nas sociedades europeias autoproclamadas modernas.

Quanto ao termo estigma tem origem na Grécia e se refere a marcas corporais que tinham a função de evidenciar alguma característica do indivíduo. Os sinais eram geralmente feitos com cortes ou fogo e avisavam aos demais que seus portadores eram escravos, criminosos ou traidores. O estigma dessa forma se apresenta como um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo (GOFFMAN, 1978).

O encontro de povos com culturas, modos de vida e identidades diferentes rendem inúmeras discussões no campo historiográfico. O contato dos povos europeus com as populações americanas ou encontro dos "bárbaros" com os gregos, por exemplo, abrem espaço para uma reflexão a respeito de como as

relações entre os seres humanos se dão diante de realidades e identidades diferentes. Nestes encontros é possível perceber que o que ocorre é a dominação de uma cultura sobre a outra. Minimiza-se o diferente na intenção de valorizar e engrandecer a sua própria cultura.

Ocorre que, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever sua categoria, seus atributos e sua identidade social. Estas categorias funcionam como “caixas” em que determinados indivíduos são colocados de acordo com algum atributo que possua. Este atributo pode ser considerado bom ou ruim pelo outro. No contexto social estas concepções estabelecidas por este outro são transformadas em expectativas normativas, exigências que se apresentam de modo rigoroso.

Erving Goffman(1978) em seu trabalho analisa como um atributo, seja ele de qualquer natureza, uma característica física, étnica ou social por exemplo, pode interferir nas questões identitárias de indivíduos ou grupos. O autor apresenta a ideia de identidade social virtual e de identidade social real, desenvolvidas quando ocorre este encontro de indivíduos diferentes. Na identidade social virtual o indivíduo tem suas características definidas pelo olhar do outro, sua identidade se resume a como o outro o define. Já a identidade social real faz referência aos atributos que o indivíduo realmente possui. Ela pode negar ou confirmar um estereótipo, contanto que esta definição parta do próprio indivíduo e de sua realidade e não da definição do outro.

Goffman(1978) define o estigma como uma evidência de que um indivíduo possui algum atributo que o torne diferente do outro. Este atributo parte sempre de um ponto negativo, posto que este outro é diferente de si. Um indivíduo ao possuir tal atributo torna-se indesejável, em casos extremos uma pessoa má, perigosa, fraca. Pode ser também que o atributo seja tomado como um defeito, uma desvantagem ou fraqueza.

Podemos dizer então que o estigma é sempre depreciativo e para utilizarmos este termo neste trabalho partiremos da ideia de que ele é uma evidência de que um indivíduo possui um atributo que o torna diferente. Este atributo aqui é o ser nordestino, e para pensá-lo devemos respeitar as relações estabelecidas pelos indivíduos estigmatizados em seu próprio local, período e circunstâncias socioculturais. O estigma é uma linguagem de relações.

De modo semelhante, um garoto de classe média pode não ter escrúpulos de ser visto entrando em uma biblioteca; entretanto, um criminoso profissional escreve: “Lembro-me de que, mais de uma vez, por exemplo, ao entrar numa biblioteca pública perto de onde eu morava, olhei em torno duas vezes antes de realmente entrar, para me certificar de que nenhum dos meus conhecidos estava me vendo.” Um estigma é então, na realidade um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito. (GOFFMAN, 1978, p.13)

O autor apresenta três tipos de estigmas possíveis: as abominações do corpo, as deformidades físicas; culpas de caráter individual, as fraquezas, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, distúrbios mentais, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio, comportamento político radical; estigmas tribais de raça nação e religião. Entrelaçado nestes três tipos de estigma o ser nordestino no Brasil mostra-se um atributo que causa descrédito. (GOFFMAN, 1978)

O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que os ditos normais. Ele sempre possuirá alguma característica que ratifique a sua normalidade. Nesta pesquisa por exemplo, antes do indivíduo ser nordestino ele é também brasileiro, o Estado-Nação Brasil é o que define a normalidade. Assim o indivíduo estigmatizado acredita ser uma pessoa “normal”, um ser humano como qualquer outro, portanto ele também merece um destino agradável e uma oportunidade legítima. Goffman(1978) chama a atenção para outro fenômeno que ocorre neste contexto, a autodepreciação do indivíduo estigmatizado. Podemos ver isto através da construção histórica da região Nordeste com o exemplo que apresentamos anteriormente, quando a região Nordeste e o próprio nordestino se apropriaram da imagem da seca politicamente.

Outra questão é que um indivíduo ao conhecer seu atributo estigmatizado pode professá-lo ou não. No caso um descendente de nordestino ao ser questionado sobre suas origens ele pode, caso queira, apresentar uma outra identidade, como a de europeu por exemplo. Sendo assim este indivíduo reconhece o estigma como algo que o diferencia dos demais.

Goffman (1978) ao tratar desta questão aponta que o indivíduo estigmatizado busca aceitação, em alguns casos o indivíduo estigmatizado pode tentar corrigir diretamente o seu “defeito”. Uma pessoa fisicamente deformada se submete a uma

cirurgia plástica, uma pessoa cega a um tratamento ocular ou um analfabeto a corrigir sua educação. Com a “correção”, no entanto, o indivíduo não passa a ser totalmente “normal”. Ocorre uma transformação do seu ego, pois agora ele tem a prova da correção do estigma. Esta exposição do indivíduo estigmatizado pode levar a vitimização, discurso este que pode ser exemplificado pela disseminação, no senso comum a respeito da região Nordeste e das pessoas vindas de lá.

Diante da situação exposta Goffman afirma também que o indivíduo estigmatizado pode tentar corrigir indiretamente o seu “defeito” se dedicando ao domínio de áreas de atividades consideradas fechadas para indivíduos que possuam tal defeito. O autor ilustra com o exemplo do “aleijado” que aprende ou reaprende a nadar, montar, jogar tênis ou pilotar aviões, ou pelo cego que se torna perito em esqui ou em escalar montanha.

Goffman busca tratar do que ele chama de “contatos mistos” que é quando estigmatizados e “normais” estão na mesma situação social é aí que ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia quando o indivíduo estigmatizado pode se sentir inseguro.

Para a pessoa inabilitada, a incerteza quanto ao status, somada à insegurança em relação ao emprego, prevalece sobre uma ampla gama de interações sociais. O cego, o doente, o surdo, o aleijado nunca podem estar seguros sobre qual será a atitude de um novo conhecido, se ele será receptivo ou não, até que se estabeleça o contato. É exatamente esta a posição do adolescente, do negro de pele clara, do imigrante de segunda geração, da pessoa em situação de mobilidade social e da mulher que entrou em uma ocupação predominantemente masculina. (GOFFMAN, 1978, p. 23)

O estigmatizado tem a sensação de não saber o que os outros estão realmente pensando sobre ele, ele não sabe realmente em qual categoria o “normal” irá encaixá-lo. Ele teme que o outro o defina tomando apenas o estigma como referência. Durante os “contatos mistos” o indivíduo é colocado em evidência por possuir o atributo estigmatizado, O indivíduo estigmatizado ao se encontrar com os “normais” tem sua privacidade invadida. O estigmatizado não se agrada em expor seu atributo ou condição diante destes sentimentos que são desencadeados durante os contatos mistos. Desta forma ele pode responder antecipadamente através de uma capa defensiva.

As diferenças entre identidade social real e identidade social virtual acabam por prejudicar a imagem que o indivíduo estigmatizado tem de si mesmo. Esta

discrepância acaba por afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo, tornando uma pessoa desacreditada diante do mundo que não o aceita. Um indivíduo que possui algum atributo estigmatizante, em ambiente urbano, tende a se agrupar e formar movimentos sociais das mais diferentes naturezas.

“Há também meios urbanos que possuem um núcleo de instituições de serviço que fornecem base territorial para prostitutas, viciados, homossexuais, alcoólatras e outros grupos desacreditados, sendo estes estabelecimentos, algumas vezes, compartilhados por várias classes de proscritos e, outras vezes, não. Finalmente, dentro da cidade existem comunidades residenciais desenvolvidas, étnicas, raciais ou religiosas, com uma alta concentração de pessoas tribalmente estigmatizadas e (diferentemente de muitas outras formações de grupos entre os estigmatizados) tendo a família, e não o indivíduo, como uma unidade básica de organização. (GOFFMAN, 1978, p.32)

O nordestino ao se deslocar para as metrópoles do sul passa a ser o diferente e é carregado de atributos que o tornam desacreditado diante da evolução do discurso de progresso racional disseminado a respeito das regiões sul e sudeste.

Podemos associar as palavras de Goffman a grande presença de migrantes nordestinos nas cidades do Sudeste como Rio de Janeiro ou São Paulo. Nestes locais é possível notar que a comunidade nordestina se estabeleceu em alguns bairros específicos, notabilizando a grande presença de pessoas vindas da região. São Paulo torna-se o grande símbolo da diáspora de nordestinos para outras regiões do país. Estes indivíduos necessitavam ver sua presença representada diante de toda a “modernidade” da nova localidade. Como exemplo podemos citar como a música advinda da região Nordeste se popularizou nacionalmente. Principalmente através da figura de Luís Gonzaga.

Outra de suas tarefas usuais é a de aparecerem como “oradores” perante diversas plateias de normais e estigmatizados; elas apresentam o caso em nome dos estigmatizados e, quando elas próprias são “nativas” do grupo, fornecem um modelo9 vivido de uma realização plenamente normal; são heróis da adaptação, sujeitos a recompensas públicas por provar que um indivíduo desse tipo pode ser uma boa pessoa. (GOFFMAN, 1978, p.34)

Podemos inferir desta forma como o discurso da identidade nacional brasileira foi se especializando aos poucos nos discursos regionais. O que se buscava era fortalecer a identidade nacional enfatizando as diferenças socioculturais e naturalizando-as. Diante da extensão territorial do país e do contato aprofundado, principalmente pós década de 1920, devido aos fluxos migratórios em grande escala,

a ideia que buscavam disseminar era de que todas estas diferenças deveriam ser tomadas como “normais” o que sabemos não se aplicou e nem se aplica na prática.

O indivíduo que possui um estigma busca sentir-se representado publicamente. Esta representação pode ser artística, política ou cultural. ‘Uma versão intelectualmente elaborada de sua perspectiva, e, assim, acessível a maioria das pessoas estigmatizadas’.

É importante enfatizar que, na América pelo menos, não importa se uma categoria particular de estigmatizados é pequena ou esta em má situação: o ponto de vista de seus membros terá provavelmente algum tipo de representação pública. Pode-se, então, afirmar que os americanos estigmatizados tendem a viver num mundo definido literalmente por menos cultos que sejam. Se eles não leem livros sobre a situação de pessoas como eles próprios, pelo menos leem revistas e veem filmes; e, quando não podem fazê-lo, escutam os membros do grupo, porta vozes do problema, em sua localidade. Uma versão intelectualmente elaborada de sua perspectiva e, assim, acessível a maioria das pessoas estigmatizadas. (GOFFMAN, 1978, p. 34-35)

Diante disto entendemos que devemos tornar a reflexão a respeito dos indivíduos estigmatizados pública, pois só através do diálogo estas relações poderão ser desconstruídas, e estes indivíduos conseguirão “encontrar sua caixa”, sua categoria. A questão das identidades em Goffman pode ser entendida como o que de fato sou, o que pensam que sou e o que posso ser diante da vivência social (GOFFMAN, 1978).

Ainda tratando sobre estigma Erving Goffman diz (1978) que a informação social versa sobre o indivíduo ou suas características permanentes. Os símbolos transmitem informação social e estes podem ser de prestígio ou de estigmas. A visibilidade aqui torna-se uma questão crucial. O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo? A tendência é que ele seja definido por aquilo que pode ser percebido, visto.

O estigma é assim a evidência perceptível de algum atributo negativo diante do contexto social, ele pode também configurar-se como uma pista da existência de alguma característica estigmatizante. Existem estigmas focados nas situações sociais ligados a atributos físicos ou perceptíveis, (o sotaque nordestino é um exemplo) outros não influem nas interações face a face como ser portador de alguma doença, a não ser que tal atributo seja revelado de alguma forma. Goffman

aponta que o conhecimento é um caminho possível para o entendimento destas diferenças tão comuns entre os indivíduos (GOFFMAN, 1978).

O conhecimento e a familiaridade em relação ao indivíduo estigmatizado não reduzem o menosprezo. Todos os problemas que se dão no contexto social em que se observa o indivíduo estigmatizado, é influenciado pelo fato de conhecermos ou não tal indivíduo. Então além das identidades real, virtual e social temos também a identidade pessoal que é como o indivíduo percebe-se neste contexto.

O que torna uma pessoa única? A reflexão a respeito da identidade pessoal passa pelo conceito de unicidade, ligada a ela Goffman discorre a respeito das marcas positivas ou apoio de identidade. As características que tornam um indivíduo singular são em essência as mesmas que o tornam similar. Em seu texto o autor apresenta o exemplo das girafas. Todas elas possuem manchas espalhadas pelo corpo, porém, o desenho específico destas manchas faz de cada girafa única. (GOFFMAN, 1978, p. 66)

Goffman (1978) apresenta a identidade pessoal como uma marca positiva ou um apoio de identidade, onde a combinação única de itens da história de vida é incorporada ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade. A identidade pessoal está relacionada com a pressuposição de que um indivíduo pode ser diferente de todos os outros. Cria-se uma história contínua e única de fatos sociais que se aliam aos dados biográficos, formando a identidade pessoal do indivíduo. Sendo assim podemos dizer que os sinais corporificados, quer de prestígio ou estigma, pertencem não a identidade pessoal e sim a identidade social.

Se desconstruir estereótipos e estigmas significa conhecer o Outro, o ensino de História tem muito a ver com a produção deste conhecimento mediante o conceito de empatia histórica.

Segundo Juliano da Silva Pereira (2012) o conceito de empatia foi cunhado no século XIX por Rudol Lotze para caracterizar a habilidade que o público tem em se projetar no objeto artístico. Posteriormente, tal conceito foi assumido pela psicanálise, no sentido de o psicoterapeuta compreender as emoções e razões dos atos de seu paciente. Para a literacia histórica, enfatiza-se o componente cognitivo da empatia, que refere à capacidade de compreender os sentimentos, perspectivas, noções, ideias de outra pessoa, do passado ou do presente. Peter Lee diz que

poderíamos substituir a palavra “empatia” por “compreensão”. Mais precisamente: “compreensão histórica”, que não é um sentimento, “Embora envolva o reconhecimento de que as pessoas possuem sentimentos” (LEE, 2003, p. 20).

A construção de identidade implica na construção da alteridade, e mais do que isto, uma forma de “se colocar no lugar do Outro” (empatia) para entender e respeitar o que este Outro pensa, objetiva, necessita, vivência, rejeita, admira, questiona etc. Porém, mais do que se colocar no lugar do Outro, com a empatia “a nossa compreensão histórica vem da forma como sabemos como é que as pessoas viram as coisas, sabendo o que tentaram fazer, sabendo que sentiram os sentimentos apropriados aquela situação, sem nós próprios as sentirmos (LEE, 2003, p. 21). Assim, Peter Lee entende que a empatia histórica seria a capacidade dos alunos reconstruírem os objetivos, os valores, as crenças do outro, que viveu em outro tempo, aceitando que estes podem ser diferentes dos seus.

CAPÍTULO 3

IDEIAS DE ALUNOS QUANTO AO NORDESTINO EM LONDRINA-PR

A partir daqui o texto se ocupa de tratar a respeito das ideias dos alunos a respeito do “nordestino”, para isto neste capítulo teremos como principal fonte as ideias de alunos. Os participantes da pesquisa são estudantes das três séries do Ensino Médio do período Matutino e Noturno do Colégio Estadual Ubedulha Correa Oliveira situado no Conjunto Luiz de Sá, na Zona Norte da cidade de Londrina.

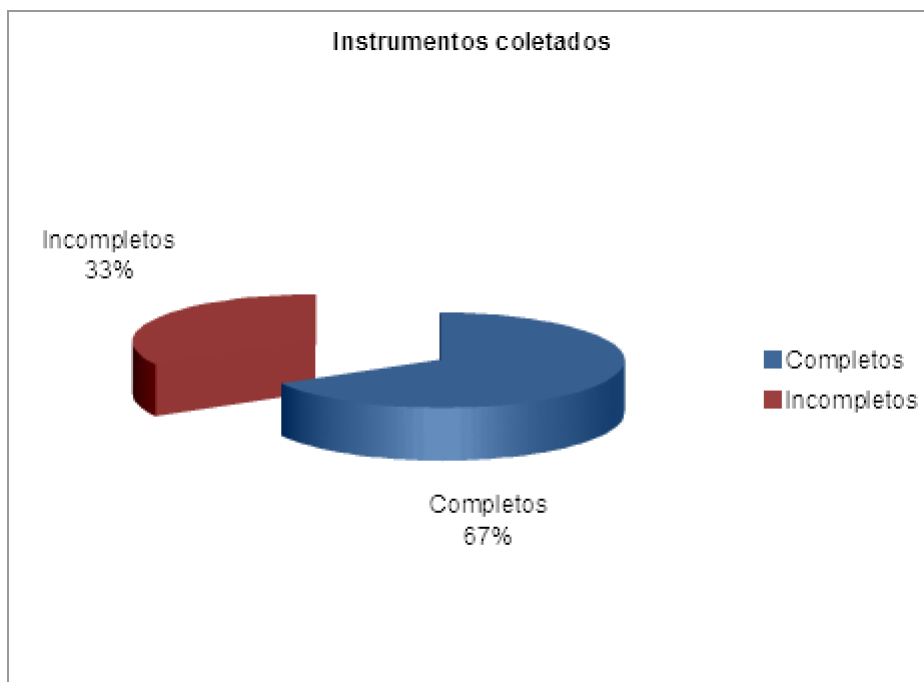
Com o êxodo rural das décadas de 1960 e 1970, em decorrência do declínio da cultura do café na região, a cidade de Londrina foi o principal destino de inúmeras pessoas que passaram a ocupar espaços irregulares no entorno da cidade. No início da década de 1980, através de políticas públicas, a região começou a ser ocupada pela construção de casas populares para atender a população que vinha do campo. A região dos “Cinco Conjuntos”, onde está o Colégio Ubedulha, possui dois polos industriais, sua via mais conhecida via é a Av. Saul Elkind que é um forte centro comercial fazendo com que ela seja a área mais populosa da cidade, com cerca de 120 mil habitantes.

O Colégio Ubedulha é de grande porte e atende os moradores da região ofertando os quatro últimos anos do Ensino Fundamental, os três anos do Ensino Médio, além de Ensino Profissionalizante. A pesquisa foi realizada no mês Dezembro de 2019 com o instrumento que consta em anexo.

O instrumento é composto por vinte e quatro questões divididas em dois blocos. Da questão 01 a 16 procura-se encontrar informações socioeconômicas dos participantes, daí em diante as questões apresentam conteúdos referentes a história de Londrina e a possível presença de um estereótipo sobre o nordestino em suas falas ao abordarem o tema. Para isto utiliza-se trechos da música Asa Branca e textos históricos a respeito da “colonização” da cidade.

Durante a aplicação do instrumento no período noturno foram coletadas respostas das três séries do Ensino Médio, ja no período Matutino o instrumento foi aplicado apenas a uma turma da segunda série. Foram coletados um total de 54 instrumentos.

Gráfico 1: Quantidade de instrumentos coletados- Completos e Incompletos



Fonte: a autora

A metodologia utilizada para interpretar os resultados será a Análise de Conteúdo, ela parte do princípio de que um discurso carrega vários sentidos, sendo assim auxilia na compreensão das representações que o sujeito tem em relação à sua realidade, à sua interpretação daquilo que o rodeia. As respostas a serem analisadas são únicas, pois passam pelo filtro da subjetividade, porém, este pensamento individual está enraizado no social e um influencia o outro. Com isto podemos dizer que estas diferentes representações são ao mesmo tempo individuais e sociais.

Com este trabalho temos como objetivo um olhar mais atento às interpretações do grupo estudado, para isso o trabalho foi realizado da seguinte maneira:

1. *Desmontagem dos textos*: também denominado de processo de unitarização, implica examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.
2. *Estabelecimento de relações*: processo denominado de categorização, implicando construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, as categorias.

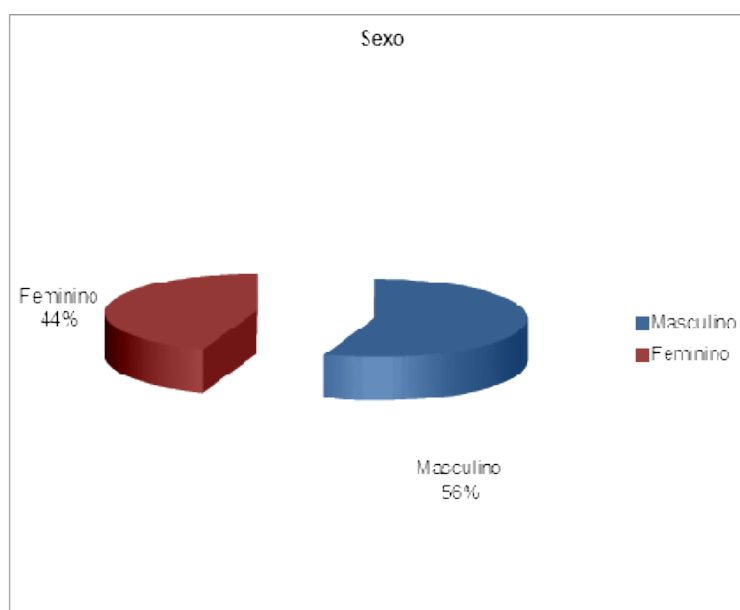
3. *Captando o novo emergente*: a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores.

4. *Um processo auto-organizado*: o ciclo de análise descrito, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo constitui um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos. Mesmo assim é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência do novo possa concretizar-se. (MORAES, 2003, p.191)

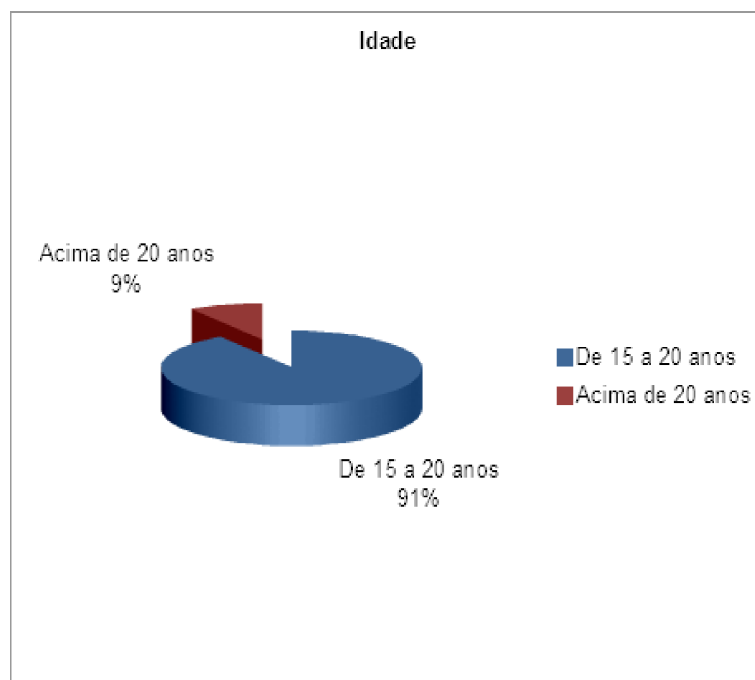
Por considerar a “não resposta” também como uma resposta e para utilizar os dados coletados, as vezes apenas em algumas questões, mesmo os 33% incompletos serão utilizados para compor o quadro de resultados.

Optou-se por apresentar os resultados das questões de 01 a 11 através de gráficos de porcentagem e as seguintes por tabelas com as categorias criadas seguindo a metodologia. A seguir serão expostos os gráficos referentes as questões 01 e 02:

Gráfico 2: Sexo do participante

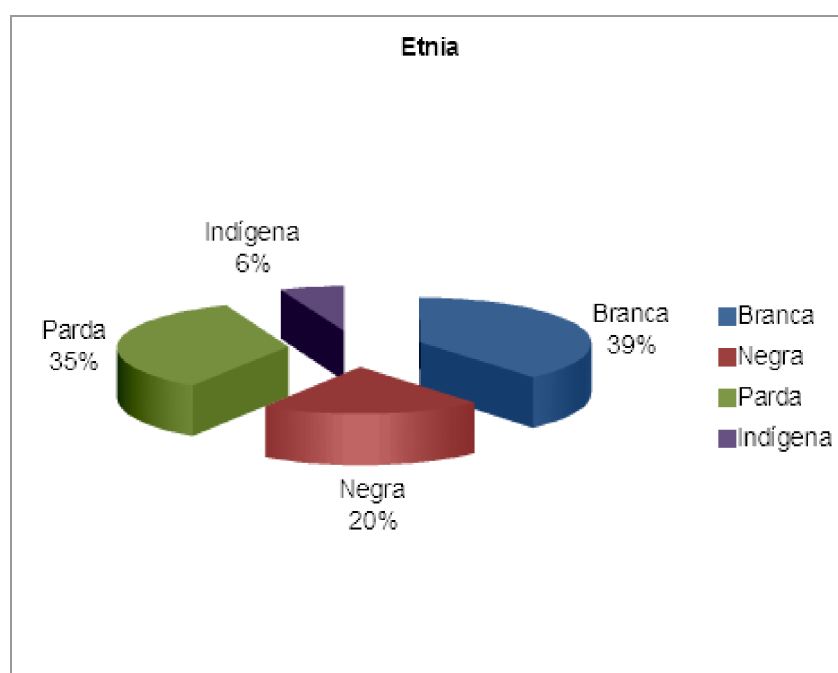


Fonte: a autora

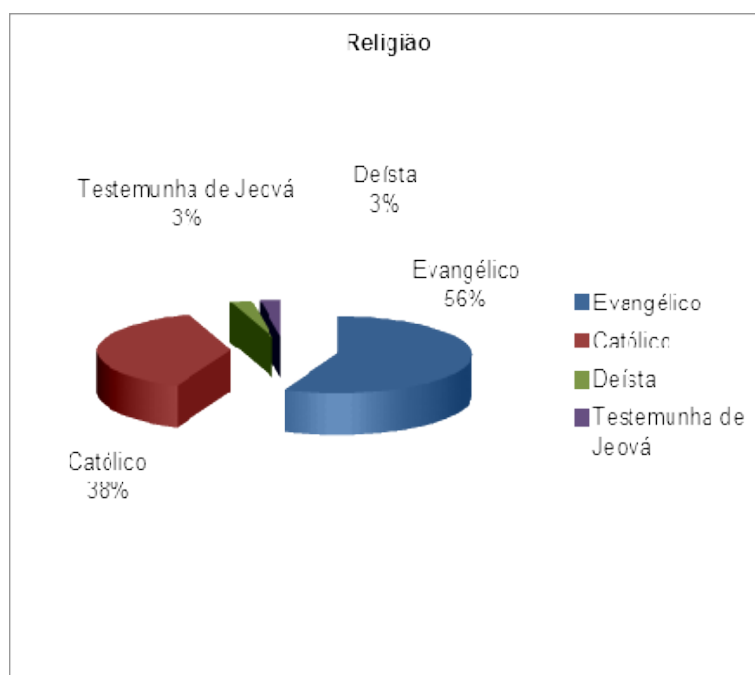
Gráfico 3- Idade do participante

Fonte: a autora

Do total de cinquenta e quatro participantes 56% é do sexo masculino e 44% do sexo feminino. A maior parte 91% tem entre quinze e vinte anos de idade.

Gráfico 4- Etnia do participante

Fonte: a autora

Gráfico 5- Religião do participante

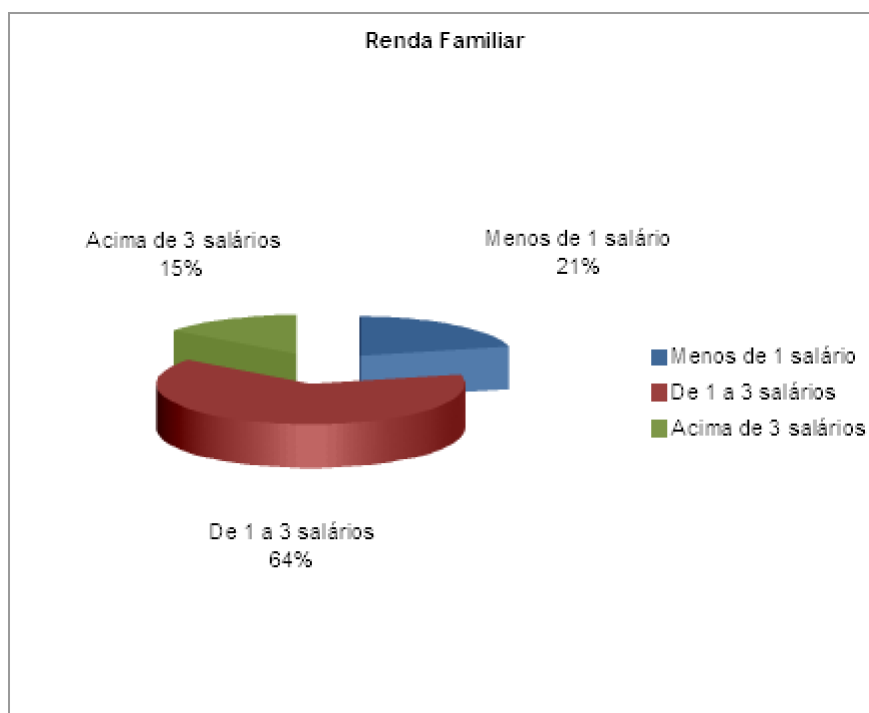
Fonte: a autora

As questões 03 e 04 perguntaram ao participante de qual etnia ele se declarava, e qual religião professava.

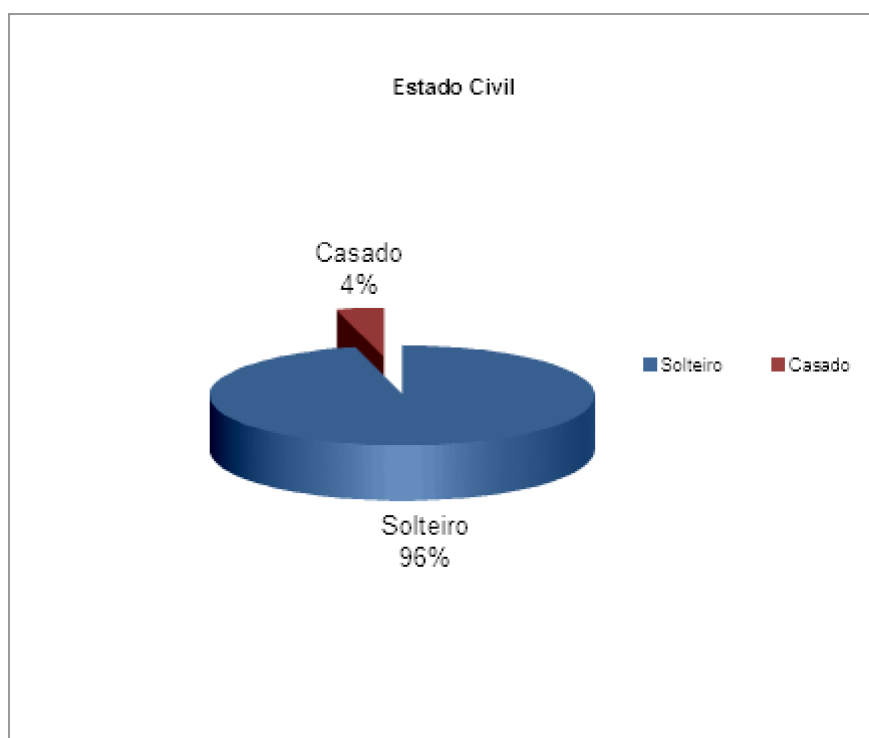
Do total de respostas obtidas na questão três, 39% se declarou branca, 35% parda, 20% negra e 6% indígena. Um participante se declarou mestiço, e outro moreno.

Já na questão quatro 96% dos participantes se declarou cristão, somando os 56% que se professaram evangélicos, e outros 38% que se declararam católicos. No Gráfico 5 aparecem também as religiões Deísta e Testemunha de Jeová com 3% cada. O que corresponde, no quadro de quantidade de respostas, a uma citação cada.¹⁴

A seguir temos os gráficos correspondentes as porcentagens obtidas nas questões cinco e seis.

Gráfico 6- Renda familiar do participante

Fonte: a autora

Gráfico 7- Estado Civil do participante

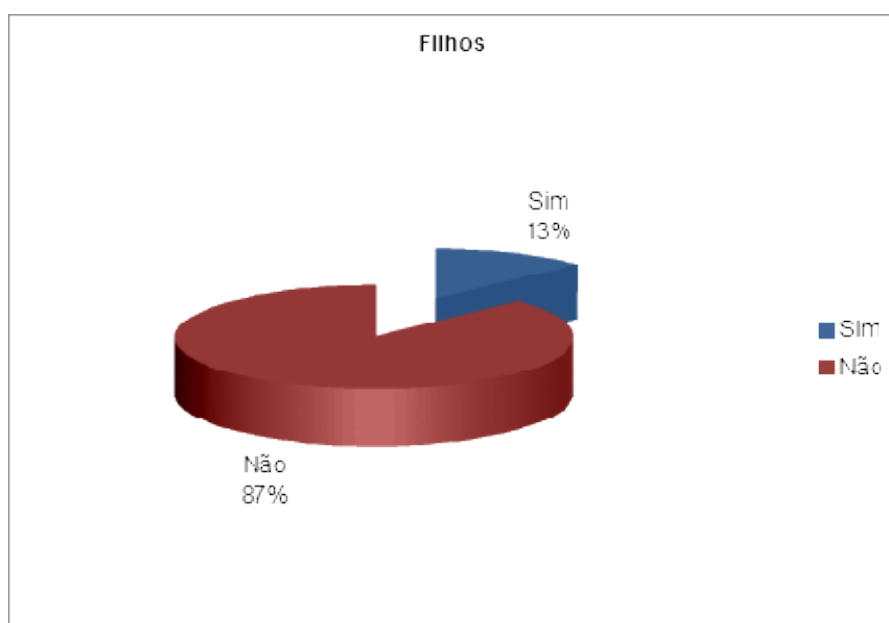
Fonte: a autora

A questão 05 perguntou a respeito da renda familiar dos participantes, a maior parte 64% tem a renda entre um e três salários mínimos. Outros 21% declararam receber menos de um salário e 15% acima de três.

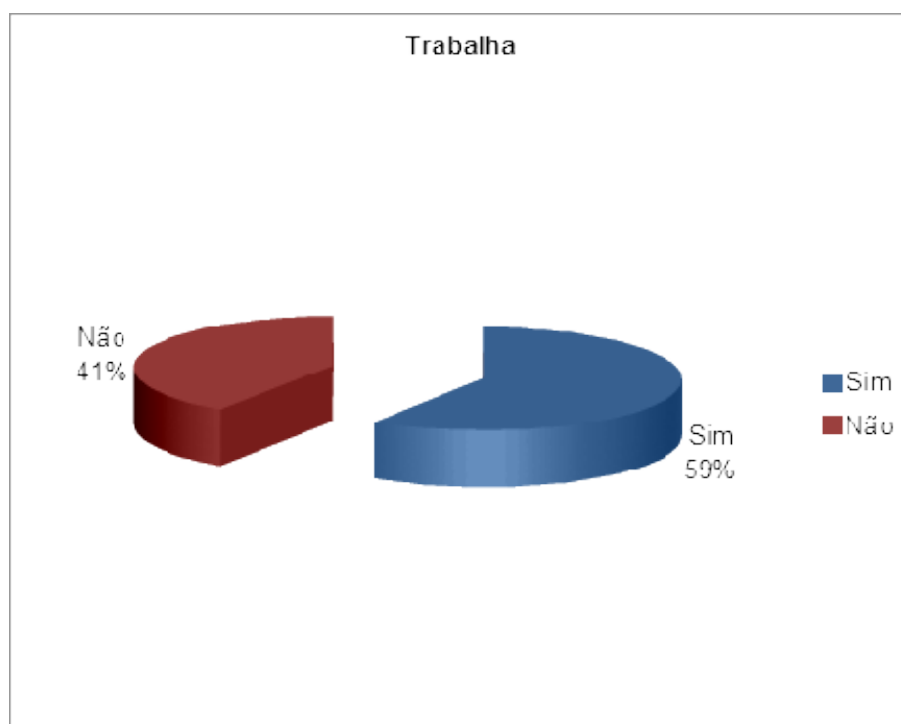
A questão 06 sobre o estado civil teve como resultado 96% se declarando solteiro, sendo que a resposta namorando foi tida como parte desta categoria.

Abaixo temos os gráficos referentes as questões 07 e 08:

Gráfico 8- Participantes com filhos



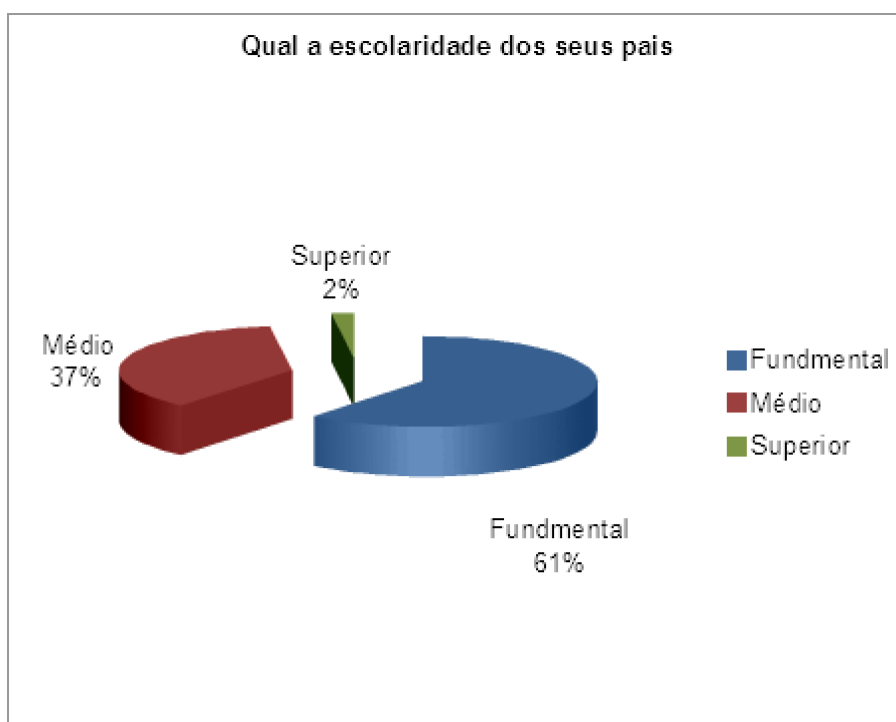
Fonte: a autora

Gráfico 9- Participantes que trabalham

Fonte: a autora

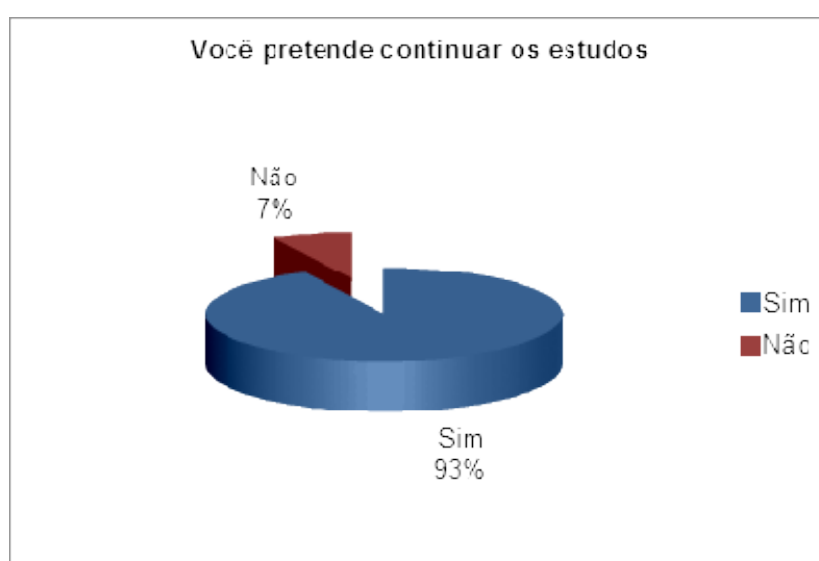
Do total de respostas obtidas na questão 07, 87% dos participantes não tem filhos. Já na questão 08, 41% dos participantes disseram não estar trabalhando, e 59% afirmaram estar. Os que trabalham declararam os seguintes cargos: dois “atendentes de farmácia”, quatro “auxiliares administrativos”, “body piercing”, “auxiliar de produção”, “menor aprendiz”, “uber”, “servente”, “Riachuelo”, “mercado”, “escritório”, “salão de beleza”, “camareira”, duas “babás”, “Mc Donalds”, “estética automotiva”, “vendedor”, “qualidade linha de produção”, “feira livre”, “informática”, “dois atendentes”, “consultor de cosméticos”, “dono de bar”, “repositor”, “padaria” e “loja de ração”.

Nas questões 09 e 10 os participantes foram perguntados a respeito da escolaridade de seus pais e de sua intenção em continuar os estudos após o término do Ensino Médio.

Gráfico 10- Escolaridade dos pais

Fonte: a autora

Do total de respostas coletadas na questão 09, 61% dos pais dos alunos participantes cursou o Ensino fundamental, 37% concluíram o Ensino Médio e apenas 2% tem o Ensino Superior.

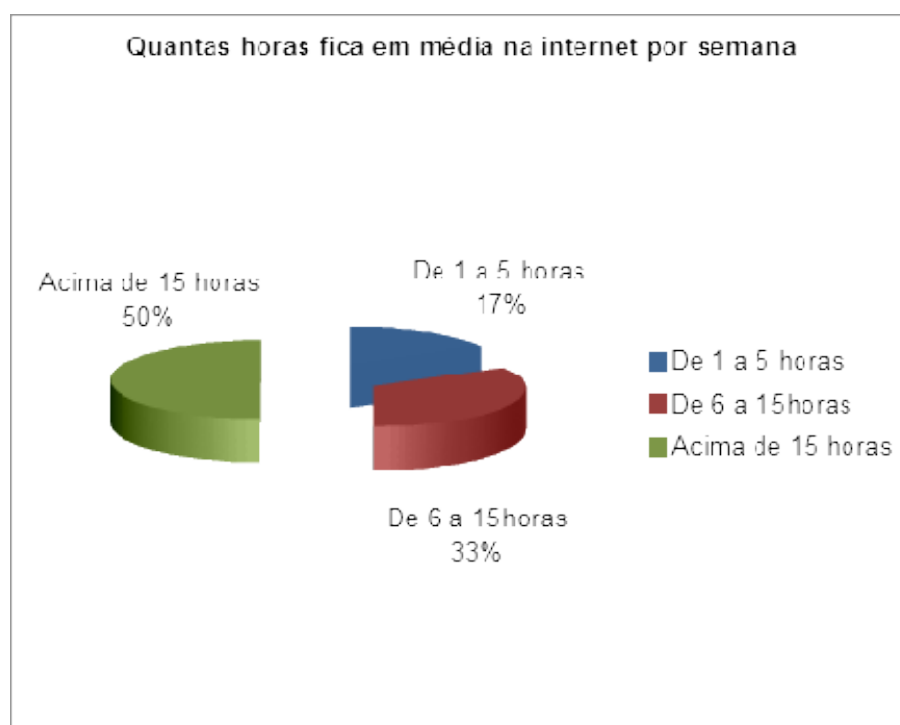
Gráfico 11- Participantes que pretendem continuar os estudos

Fonte: a autora

Quando perguntados se tem interesse em continuar os estudos após o Ensino Médio, a grande maioria 93%, disse pretender dar continuidade aos estudos, através de cursos profissionalizantes ou curso superior. Os cursos citados pelos participantes foram os seguintes: “Estética”, “Artes Cênicas”, “Engenharia”, “Informática”, cinco citaram “Educação Física”, “Engenharia”, “Computação”, dois responderam “Farmácia”, “Engenharia Mecatrônica”, três apontaram “Medicina”, dois “Psicologia”, “Informática”, “Gastronomia”, “Engenharia”, quatro “Direito”, “Cosmologia”, dois “Administração”, “Biologia”, “Análise de Sistemas”, dois responderam “Pedagogia”, quatro “Enfermagem”, “Técnico em Rede”, “Nutrição”, “Radiologia” e “Fisioterapia”.

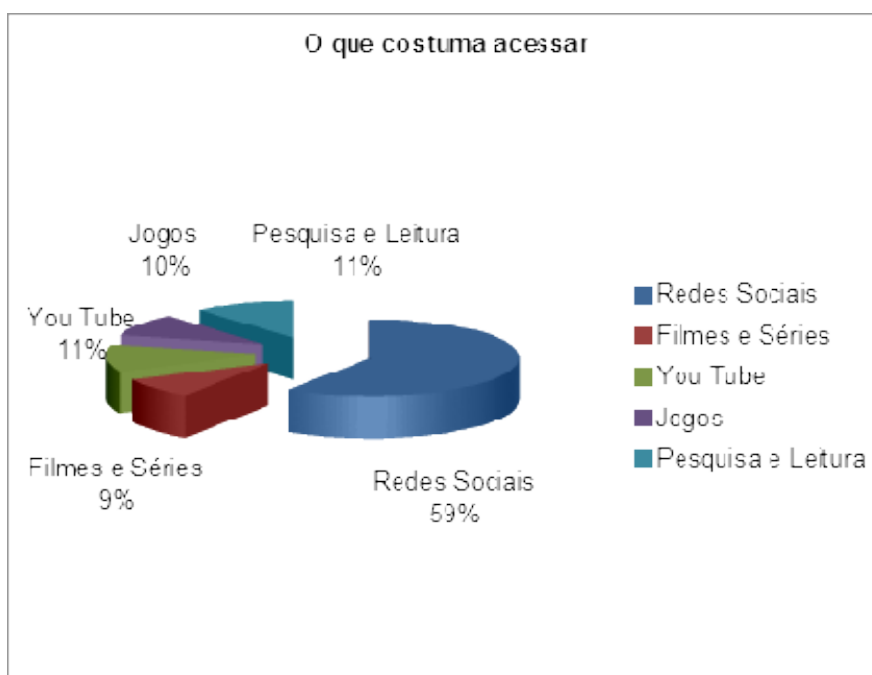
Todos os participantes da pesquisa responderam a questão 11 afirmando que possui acesso a internet, e que a utilizam durante várias horas.

Gráfico 12- Horas semanais na internet



Fonte: a autora

Do total de respostas obtidas na questão 11, 50% afirmou utilizar a internet por mais de quinze horas, 33% de seis a quinze e 17% de uma a cinco horas. Ainda na questão 11 o participante foi questionado a respeito do conteúdo que acessa na internet.

Gráfico 13- O que o participante acessa na internet

Fonte: a autora

Através da análise dos dados podemos dizer que os alunos participantes ocupam boa parte do seu tempo acessando a internet e que 59% deles afirmou acessar principalmente as redes sociais, dentre as quais foram citadas o “WhatsApp”, “Facebook” e o “Instagram”. O “YouTube” é acessado por 11% dos participantes, sendo que esta plataforma oferece uma gama de conteúdos diversos como música, videoaulas, filmes, tutoriais etc. além de canais de conteúdo específicos que produzem com muita rapidez informações que são com a mesma velocidade consumidas. A mesma proporção de participantes 11% afirmou utilizar a internet para realizar leituras e pesquisas, nesta categoria encontramos menções a notícias, sites de compra, pesquisas diversas de temas específicos, e estudos sobre tecnologia. Utilizam a internet para Jogos 10% dos participantes, e outros 9% acessam séries e filmes através de sites específicos ou plataformas como o Netflix.

As questões 12, 13, 14, 15 e 16 indagaram os participantes a respeito de que produtos culturais e comerciais, costuma consumir. Estas questões buscam encontrar pistas a respeito das preferências dos participantes e com qual tipo de produto se identificam. As respostas obtidas foram transcritas e serão apresentadas através de tabelas contendo a categorização e a quantidade de vezes em que apareceu nas respostas tabuladas.

Quadro 2- Grupos musicais e músicas prediletas

SERTANEJO	OUTROS	ROCK	PAGODE	FUNK	MPB	GOSPEL	ELETRÔNICA	RAP	INTERNACIONAL
Sertanejo:10 Trio Para dura Modão Matheus e Kauan Henrique e Juliano Marília Mendonça:4	Dj Guga Acústicos Pop: 3 Raridade Filipe Neto Romanças:2 Castelo de amor	Rock Cazuza Heavy Metal O Rappa Planet Hemp	Pagode: 7 Turma do pagode: 2	Mc Mirella Mc Tati Zaqui Funk:13 Mc Ale	MPB Fala Mansa Nacionais	Gospel: 7 Evangélicas:2	Eletrônica: 9	Racionais Sabotagem Delacruz Matue Rap: 6 Cacife Clandestino Cone Crew Atitude 67 Hip Hop	International: 2 Post Malone Imagine Dragons Guns n Roses Melanie Martinez:2 Billie Elish ACDC Boris Brejcha Wiz Khalifa Snoop Dog internacional
TOTAL DE MENÇÕES EM CADA CATEGORIA									
19	10	5	9	16	3	9	9	14	13

Fonte: a autora

Na questão 12 as respostas foram distribuídas em dez categorias, a maior parte das respostas fizeram menções a quatro: “Sertanejo”, “Funk”, “Rap” e “Internacional”. As categorias são compostas por respostas que indicam o gênero musical ou mesmo nomes de artistas específicos como o de “Marília Mendonça” que foi mencionado quatro vezes na categoria “Sertanejo”. O “Funk” foi mencionado dezesseis vezes, e assim como no Sertanejo alguns artistas foram destacados, no caso desta categoria encontramos as respostas “Mc Mirella”, “Mc Tati Zaqui” e “Mc Ale”.

É importante salientar que algumas vezes o mesmo participante demonstrou em sua resposta menções não apenas a uma categoria identificada, sendo assim, foram encontradas respostas com menções ao “Sertanejo” e ao “Funk” ao mesmo tempo por exemplo.

Outra categoria que recebeu grande número de menções foi a do “Rap”, com quatorze no total. Em seguida foram agrupados na categoria “Internacional” todas as

respostas que citaram artistas internacionais, com o total de 13 menções. Em ordem crescente na quantidade de menções serão apresentadas as outras seis categorias criadas para agrupar a resposta: Categoria “Outros” com 10 menções; Categorias “Pagode”, “Gospel e “Eletrônica” com 9 menções cada uma. Temos cinco menções na categoria “Rock” e três na “MPB”.

Quadro 3- Quais os filmes prediletos

AÇÃO	AVENTURA	COMÉDIA-ANIMAÇÃO	FICÇÃO	DIVERSOS	TERRORE	ROMANCE
Ação:11 Pulp Fiction	Aventura:3 Jogos Vorazes Super Heróis Saga Harry Potter Alice no País das Maravilhas Aventura	Comédia:8 Gente Grande 2 O Pequenino Animações Disney Procurando Nemo Divergente Rei Leão Como eu era antes de você Como eu era antes de você 2	Ficção:4	Séries Histórias reais Histórias Antigas Fantasia Nórdicos Científicos Drama Garota mimada Sintonia	9	Romance:6 Cinquenta tons de cinza Cinquenta tons mais escuros Cinquenta tons de Liberdade Como se fosse a primeira vez Paixão sem Limites Barraca do beijo
TOTAL DE MENÇÕES EM CADA CATEGORIA						
12	7	18	4	9	9	12

Fonte: a autora

No quadro 3 estão expostas as respostas já categorizadas da questão 13. Foram criadas sete categorias de acordo com os generos de filmes indicados pelos participantes. Em seguida os títulos de filmes mencionados foram agrupados nestas mesmas categorias. Os títulos não conhecidos e os gêneros mencionados por apenas um participante, foram agrupados na categoria “Diversos”. As categorias que receberam a maior parte das respostas dos alunos foram “Comédia-Animação”,

“Romance” e “Ação”. Indicando que os participantes buscam conteúdos relacionados aos sentimentos de “amor” e “alegria”.

Quadro 4- Quais os livros prediletos

NE-NHUM	TÍTULOS E AUTORES-DIVERSOS	BÍBLIA	TÍTULOS-AVENTURA	TÍTULOS-ROMANCE
10	Dez segredos da Saúde 100% O caçador de Pipas Tulipa Negra Sócrates Ficção Teoria Caio Botura Livros sobre Guerras O pagador de promessas Didharta Milagres da manhã Seja Foda Entre luz e Treva Literatura O Melhor de mim Fallen O lado difícil das coisas difíceis, a escolha Animação	4	Harry Potter Percy Jackson Harry Potter e a Criança Amaldiçoada Game of Thrones Alice no País das Maravilhas Coraline Shodow hunters Constantine	Cinquenta tons de cinza Um amor para recordar A culpa é das Estrelas Romance Simplemente acontece
TOTAL DE MENÇÕES EM CADA CATEGORIA				
10	19	4	8	5

Fonte: a autora

Na questão 14 buscamos apreender se os participantes possuem o hábito de ler livros. As respostas foram agrupadas em cinco categorias. No caso desta questão a categoria que obteve maior número de resposta foi a de “Títulos e autores diversos”, aqui existem menções a autores e títulos de gêneros variados. Outra categoria com grande número de menções é a que apresenta títulos de aventura, a

categoria “Romance” aparece com cinco menções. A “Bíblia” foi mencionada por quatro participantes, mas a categoria que mais chama a atenção é a “Nenhum”, a segunda em quantidade de respostas, dez participantes afirmaram não ler nenhum tipo de livro.

Quadro 5- Programas de TV prediletos

NÃO ASSISTE TV	DIVERSOS	NOTÍCIA-RIO	REALITY	NOVELAS	REDES DE TV
8	Malhação Eliana Sábado Animado Sessão da Tarde Show de Bola Vale Sorte Tv Globinho Silvio Santos Danilo Gentili Filmes:2 Hora da Aventura Comédia Esportes: (futebol:2; UFC:1) Comida	Globo Repórter Jornal:2 Domingo Espetacular Fantástico: 2	Master Chef: 3 Reality De férias com o ex:2 Bake off :2	3	SBT:4 GLOBO:5 BAND RECORD
TOTAL DE MENÇÕES EM CADA CATEGORIA					
8	17	6	8	3	11

Fonte: a autora

Na questão 15 esperava-se um maior número de respostas afirmando não assistir televisão, por conta do tempo que declararam utilizar a internet. Oito participantes disseram não assistir, a maior parte citou programas específicos ou

algum gênero como esportes, comédia e comida. As redes de televisão aberta também foram mencionadas pelos participantes, sendo a Rede Globo a mais citada com cinco menções, o SBT com quatro e as redes BAND e RECORD com uma menção cada. O “Realitys” são mencionados oito vezes, os “Noticiários” seis e as “Novelas” três.

Quadro 6- Quais os objetos costumam comprar

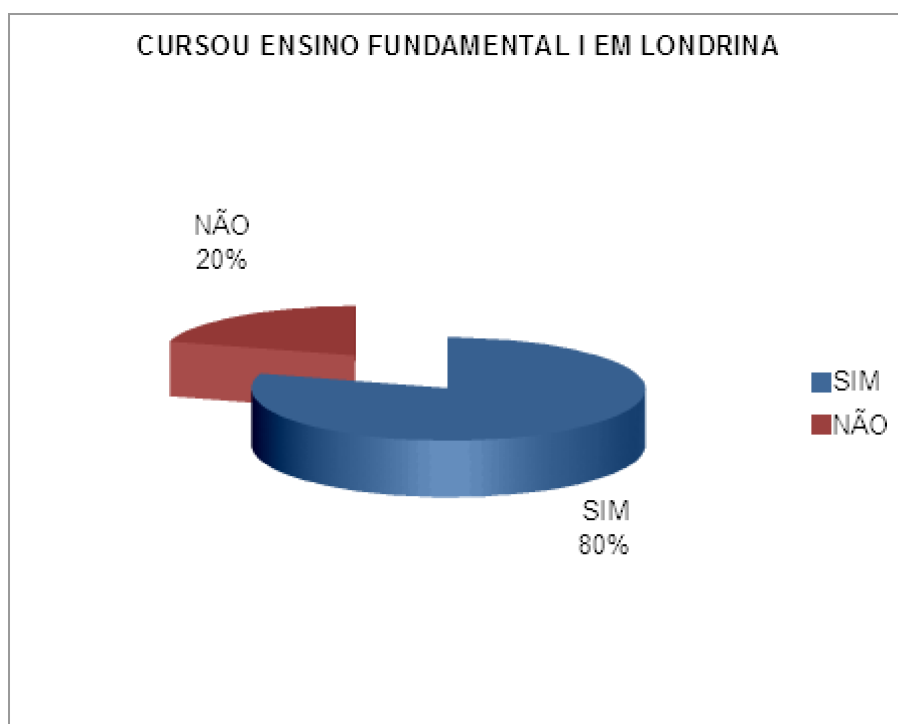
ROUPAS, CALÇADOS E ACESSÓRIOS	ALIMENTOS E BEBIDAS	MAQUIAGEM E COSMÉTICOS	DIVERSOS	
Roupa:24 Tenis:2 Relógio Jóias Sapato:6 Acessórios dia a dia Acessórios:2	Cerveja Comida:2 Bebidas:3 Alimentos	Maquiagem:5 Cremes Produtos para cabelo	Coisas desnecessarias Essencia e Carvão Para Crianças Acessórios para moto Básico Capinha de Celular Fones de ouvido Feminino	Coisas de Personagens Caneta Cateter e Pinças Livros Gift Card:2 Alargador Jogos Objetos para mulher
TOTAL DE MENÇÕES EM CADA CATEGORIA				
37	7	7	17	

Fonte: a autora

A questão 16 finaliza o primeiro bloco de questões socioeconômicas perguntando ao participante que tipo de objetos costuma comprar. A maioria esmagadora das respostas foi agrupada na categoria “Roupas, calçados e acessórios”, demonstrando que os participantes têm muita preocupação com a imagem pessoal. Em seguida temos a categoria “Diversos” que obteve dezessete menções. Nela temos respostas como “capinha de celular”, “fone de ouvido”, “acessórios para moto” entre outros. “Alimentos e bebidas”, “Maquiagem e cosméticos” apresentam sete menções cada uma.

A questão 17 inicia o segundo bloco de perguntas que questiona os participantes a respeito do tema específico desta pesquisa. Os participantes foram indagados onde foi cursado o Ensino Fundamental I, quando a história local é conteúdo abordado em sala de aula. Os conteúdos apreendidos através da educação formal foram brevemente abordados neste trabalho através da análise dos livros utilizados pela rede municipal de educação nas últimas décadas. Estes resultados são de grande importância para a pesquisa, visto que o que se aprende ou não sobre a história local, embasa em grande parte o que suas narrativas apresentam.

Gráfico 14- Cursaram o ensino fundamental I em Londrina



Fonte: a autora

Do total de respostas obtidas na questão, 80% cursou o Ensino Fundamental I em Londrina. Os outros 20% responderam não ter estudado em Londrina e citaram as seguintes cidades: Apucarana, Curitiba, Guarapuava, Sarandi, Cascavel, Paranavaí, Cornélio Procópio, Telêmaco Borba e Marabá. Mesmo entre os 20% que responderam não estudar no município encontramos algumas respostas para a questão dezoito como esta: “*Não estudei em Londrina mas ouvi falar que aqui tinha plantação de café e ir para so no mei da cidade*”. Este tipo de resposta fará parte dos quadros que serão apresentados a seguir.

Quadro 7- Categorização da questão 18

Categoria 1: Não se lembra	Categoria 2: Lugares e monumentos	Categoria 3: Café	Categoria 4: História tradicional	Categoria 5: Genéricas
<p>1.“Não lembro quase nada.”;</p> <p>2“Não lembro”;</p> <p>3“Não lembro”;</p> <p>4“Não me lembro”;</p> <p>5“Não lembro de nada”</p> <p>6“Não lembro de nada. Não sei, mudei pra ca faz pouco tempo.”</p> <p>7“De nada”,</p> <p>8“Eu não me lembro de ter estudado sobre a cidade”</p> <p>9“Ah! Não lembro muito”</p> <p>10“Não estudei aqui”</p> <p>11“Não lembro de nada, lembro só do feudalismo”</p>	<p>1“Aprendi sobre a história de alguns pontos da cidade como a Rodoviária o Museu e a UEL”</p> <p>2“Aprendi sobre o museu, a catedral e como surgiu a UEL”</p> <p>3“Museu, Catedral, UEL sobre a história deles.”</p> <p>4“Era uma cidade pequena na concha com uma igreja católica e poucos lugares, com o passar do tempo a cidade foi crescendo até hoje”;</p>	<p>1“Não estudei em Londrina mas ouvi falar que aqui tinha plantaçao de café e ir para so no mei da cidade”,</p> <p>2“Bom, Londrina foi a pioneira do café, ela tem mais de 80 anos, visitamos museus e vimos como tudo começou.”;</p> <p>3“Eu lembro da maria fumaça carregando os pés de café”</p> <p>4“Londrina é uma cidade de cafezal”, 5“Que a cidade era uma das maiores produtoras de café do Paraná”</p> <p>6“Londrina foi uma cidade que tinha muito café, os antigos que moravam aqui eram índios”;</p> <p>“Londrina é uma cidade muito bonita histórica, cidade do</p>	<p>1“Sua origem, seus feriados, Sua idade”</p> <p>2 “Desde a fundação da cidade, na época em que se chamava Gleba Tres bocas, toda a economia da cidade etc.”</p> <p>3“Aprendi sobre o Lord Lovat que veio para Londrina para empreender no plantil e exploração da madeira, o café era o foco, e ouve a geada negra que acabou com toda uma safra. O museu de Londrina era uma rodoviária e o Hospital Pai era uma estação de trem.”</p> <p>4“Fatos Históricos, Guerras”“Eu me lembro sobre sua fundação, principais atividades econômicas e principais bairros da</p>	<p>1“Só sei que mudou bastante a cidade”,</p> <p>2“Muitas coisas”</p> <p>3“Aprendi muita coisa, as escolas que eu estudei sabem explicar muito bem, respeitam todos e não tenho o que reclamar da cidade”</p>

		<p>café... Museu Histórico com suas lembranças e heranças, época tinha trem.”,</p> <p>“Aprendi sobre o Lord Lovat que veio para Londrina para empreender no plantil e exploração da madeira, o café era o foco, e ouve a geada negra que acabou com toda uma safra. O museu de Londrina era uma rodoviária e o Hospital Pai era uma estação de trem.”</p>	<p>época de sua fundação”</p> <p>5“Londrina é uma cidade muito bonita histórica, cidade do café... Museu Histórico com suas lembranças e heranças, época tinha trem.”,</p> <p>6“Aprendi tudo sobre a cidade de Londrina as principais mão de obra, quem descobriu etc”;</p>	
--	--	---	---	--

Fonte: a autora

A questão dezoito pediu para que os participantes que estudaram o Ensino fundamental I em Londrina fizessem um relato a respeito do que se lembra da história da cidade. As respostas foram distribuídas em cinco categorias: 1. “Não se lembra”; 2. “Lugares e monumentos”; 3. “Café”; 4. “História tradicional”; 5. “Genéricas”. A maior parte dos participantes da pesquisa respondeu não se lembrar de nada a respeito da história da cidade. As categorias 3 e 4 são as duas maiores em quantidade de respostas. Na três “Café”, foram agrupadas as respostas que apontam a cidade de Londrina com referência ao período de maior desenvolvimento econômico, quando ficou conhecida como a “Capital mundial do café”. Ainda na categoria três destacamos uma resposta, que além de falar da importância do café para o crescimento da cidade, menciona a presença da população indígena, que já ocupava o Norte do Paraná, antes do empreendimento da CTNP: “Londrina foi uma cidade que tinha muito café, os antigos que moravam aqui eram índios”.

A categoria 4 “História tradicional” tem uma quantidade de respostas próxima da três “Café”, porém a diversidade de conteúdos abordados nestas respostas também é maior. Nesta categoria agrupamos as respostas que apresentam em seus textos, entre outros, menções a nomes, datas e fatos.

A categoria 2 “Lugares e monumentos” foi criada pois parte das respostas da questão 18 foram citados lugares e monumentos da cidade. Lugares como a “UEL”, “Rodoviária” e principalmente, o “Museu” são citados por grande parte dos participantes, indicando que as narrativas a respeito destes lugares são reconhecidas como representantes da história da cidade.

A questão 19 solicitou aos participantes que indicassem três lugares ou monumentos que considerem históricos, o que uma parte já fez na questão 18.

Quadro 8- Categoria 1 questão 19

Categoria 1: Centro Histórico	
29.“Catedral” 2.“Rodoviária, Catedral, Observatório” “Catedral, Museu de arte que antes era a rodoviária, Concha acústica” 30.“Ferrovia, Catedral, Planetario”; 36. Museu, onde era a rodoviaria, hoje contém uma grande parte da história de Londrina. O Pai que foi a ferroviária um modo de locomoção principal da época.” 40.“Lago Igapó bom para poder relaxar, Shopping bom para comer bem, Rua Sergipe bom para comprar barato”; 11.“Concha Acústica, Zerão” 31.“Ferrovia, Catedral, Planetario”	7.“ <i>Museu de Londrina, Catedral, Concha Acústica</i> ” 38.“ <i>Museu, Catedral, UEL, Bosque, Rodoviária</i> ” 16.“ <i>Museu, Concha Acústica, Mata do Godoy</i> ”, 22.“ <i>Monumento ao passageiro, antiga estação de trem aonde chegava os imigrantes a Londrina.</i> ” 21.“ <i>Museu, Catedral</i> ” 15.“ <i>A praça do Japones, O relógio (que fica no centro), O Centro Cultural Lupércio Luppi.</i> ” 39“ <i>Museu porque é perto do terminal, Relógio de sol porque é perto da rodoviária e a rodoviária</i> ”;
Subcategoria 1.1 Museus	
1.“Museu, Catedral e Rodoviária” 21.“ <i>Museu, Catedral</i> ” 3.“Museu Histórico de Londrina	32“ <i>Museu Histórico, Estádio do café e Centro</i> ” 5.“ <i>Museu praça do Japonês, Concha</i>

<p>(o nome justifica por mim) Planetário de Londrina(conta muitas histórias é só entrar la) Concha Acústica(expõe culturas costumes e diversas histórias)”</p> <p>24. “Museu Histórico de Londrina, Rodoviária, Mata do Godoy.”</p> <p>26. “Museu, Catedral”</p> <p>25. <i>Museu, Mata do Godoy, Lago norte, Igapó”</i></p> <p>37. “Museu, Lago Igapó, Calçadão”</p> <p>4. <i>Museu; Praça do Japonês; Concha Acústica”</i></p> <p>28. “Igapó, Mata do Godoy e Museu”;</p> <p>45. “Catedral, Museu e Bosque”</p> <p>34. “Museu, Shoppings, Catedral”;</p> <p>43 “Museu: porque o museu guarda as informações antigas, na biblioteca etc.”</p> <p>20. “Museu, Igapó, Jardim Botânico”</p> <p>44 “Planetário; Museu, Arthur Thomas”</p> <p>33. “Museu, Planetário e Concha Acústica”</p>	<p><i>Acústica”</i></p> <p>12. “<i>Museu histórico de Londrina, Catedral, Praça Tomie Nakagawa”</i>,</p> <p>14. “<i>Praça Tomie Nakagawa, Museu Histórico”</i>,</p> <p>23. “Os tres lugares ou monumentos são o Museu Histórico, o Museu de arte moderna e a catedral, pois acredito que esses são os lugares que simbolizam a cidade de Londrina.”</p> <p>27. “<i>Shopping, Museu, Uel”</i></p> <p>10. Museu Histórico de Londrina,</p> <p>39 “<i>Museu porque é perto do terminal, Relógio de sol porque é perto da rodoviária e a rodoviária”</i>;</p> <p>7. “<i>Museu de Londrina, Catedral, Concha Acústica”</i></p> <p>38. “<i>Museu, Catedral, UEL, Bosque, Rodoviária”</i></p> <p>16. “<i>Museu, Concha Acústica, Mata do Godoy”</i>,</p> <p>19. “<i>Museu do lado do terminal, Planetário, Arthur Thomas.”</i></p> <p>18. “<i>Museu Histórico de Londrina, Praça Tomie Nakagawa, Concha Acústica”</i>,</p> <p>17. “Museu de Londrina, Catedral”,</p> <p>35. “<i>Museu: pois conta a história da cidade. Lago Igapó: nosso ponto turístico. Av Saul Elkind: que mostra como nossa cidade é evoluída”</i>;</p> <p>46 “<i>Lago Igapó, Museu de Londrina, Avenida Saul Elkind”</i></p> <p>46 “<i>Lago Igapó, Museu de Londrina, Avenida Saul.</i></p>
--	--

Fonte: a autora

Quadro 9- Categorias 2, 3, 4, 5 da questão 19

Categoria 2: Shopping	Categoria 3: Lagos e Parques	Categoria 4: Praça Tomie Nakagawa (Japão)	Categoria 5- Fora do centro histórico
34. “ <i>Museu, Shoppings, Catedral”</i> ;	24. “ <i>Museu Histórico de Londrina, Rodoviária, Mata do</i>	6. “Praça Tomie Nakagawa”	46 “ <i>Lago Igapó, Museu de Londrina,</i>

<p>40. "Lago Igapó bom para poder relaxar, Shopping bom para comer bem, Rua Sergipe bom para comprar barato";</p> <p>27. "Shopping, Museu, Uel"</p>	<p>Godoy."</p> <p>25. Museu, Mata do godoy, Lago norte, Igapó"</p> <p>37. "Museu, Lago Igapó, Calçadão"</p> <p>28. "Igapó, Mata do Godoy e Museu";</p> <p>"Museu, Igapó, Jardim Botânico"</p> <p>44 "Planetário; Museu, Arthur Thomas"</p> <p>42. "Igapó por ser um lugar muito movimentado";</p> <p>46 "Lago Igapó, Museu de Londrina, Avenida Saul Elkind"</p> <p>40. "Lago Igapó bom para poder relaxar, Shopping bom para comer bem, Rua Sergipe bom para comprar barato";</p> <p>35. "Museu: pois conta a história da cidade. Lago Igapó: nosso ponto turístico. Av Saul Elkind: que mostra como nossa cidade é evoluída";</p> <p>16. "Museu, Concha Acústica, Mata do Godoy",</p> <p>19. "Museu do lado do terminal, Planetário, Arthur Thomas."</p>	<p>18. "Museu Histórico de Londrina, Praça Tomie Nakagawa, Concha Acústica",</p> <p>4. Museu; Praça do Japones; Concha Acústica"</p> <p>5. "Museu praça do Japones, Concha Acústica"</p> <p>12. "Museu histórico de Londrina, Catedral, Praça Tomie Nakagawa",</p> <p>14. "Praça Tomie Nakagawa, Museu Histórico",</p> <p>15. "A praça do Japones, O relógio (que fica no centro), O Centro Cultural Lupércio Luppi."</p>	<p>Avenida Saul Elkind"</p> <p>35. "Museu: pois conta a história da cidade. Lago Igapó: nosso ponto turístico. Av Saul Elkind: que mostra como nossa cidade é evoluída";</p> <p>32 "Museu Histórico, Estádio do café e Centro"</p> <p>15. "A praça do Japones, O relógio (que fica no centro), O Centro Cultural Lupércio Luppi."</p> <p>38. "Museu, Catedral, UEL, Bosque, Rodoviária"</p> <p>11. "Concha Acústica, Zerão"</p>
---	--	---	---

Fonte: a autora

As respostas foram distribuídas em cinco categorias: “Centro Histórico”, “Shoppings”, “Lagos e Parques”, “Praça Tomie Nakagawa (Japão)”, “Fora do centro histórico”.

A primeira categoria é a maior estabelecida, e dentro desta achou-se necessário criar uma subcategoria onde estão todas as respostas que citaram “Museus”. A Categoria “Centro Histórico” é entendida aqui como um reflexo do trabalho que vem sendo feito a mais de duas décadas pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina com o projeto “Conhecer Londrina”. Desde a década de 1980 o município buscava proporcionar aos alunos do ensino fundamental I experiências de aprendizado que fossem para além do espaço escolar. De início os alunos eram levados a conhecer alguns pontos da cidade como praças, o aeroporto, pontos da UEL e acervos históricos.

Em 1991 ele foi implementado pela Secretária de Educação contemplando visitas ao Museu Histórico de Londrina como principal parada, e todo o centro histórico que compreende a região do Marco Zero, a Avenida Duque de Caxias e o entorno da Igreja Matriz, onde ficam a Concha Acústica, o Antigo fórum e o Bosque.

Este circuito que privilegia a região do centro histórico é compreendido como instituinte da narrativa oficial da história da cidade. Ocorre que com o passar dos anos novas abordagens surgiram a respeito desta narrativa e em 2002 o projeto foi reformulado, mantendo o circuito do Centro Histórico e oferecendo duas possibilidades de roteiro:

O percurso realizado com maior frequência abrange a região do Marco Zero da cidade; monumentos; edificações de diferentes décadas destacando movimentos econômicos, políticos, sociais e culturais da cidade; parques e lagos; uma caminhada no entorno do quarteirão cultural, onde estão localizados a Igreja Matriz de Londrina, a Biblioteca Pública Municipal, o Centro de Saúde, o Memorial do Pioneiro, o Centro Comercial, a Concha Acústica, os Correios, a antiga Companhia Telefônica, a Secretaria Municipal de Cultura e o Teatro Zaqueu de Melo; além do Bosque Municipal e da “Praça da Bandeira” ao lado da Igreja Matriz, pontos que alguns grupos optam por visitar. A segunda possibilidade corresponde ao trajeto no campus da Universidade Estadual de Londrina, onde os alunos conhecem a Casa do Pioneiro, a réplica da Igreja Matriz de Londrina, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica no Departamento de História, exposições geológicas no Departamento de Geografia, entre outros”.(GONZAGA; CANDOTI, 2017, p 1521)

Com o passar do tempo e o surgimento de novas discussões, o objetivo do Projeto Conhecer Londrina deixou de ser a consolidação da narrativa oficial e passou a se orientar pelas novas maneiras de compreender o ensino de história.

“Priorizamos no decorrer do trabalho, a problematização dos espaços e vivências que se integram aos trajetos, pois a real intenção não é apenas contar a história da cidade, e sim, pensar sobre as versões existentes sobre ela: a versão do colonizador, do trabalhador, da população negra, dos moradores de periferia, dos que professavam diferentes crenças, dos que não frequentavam os bailes ou passeios mais requintados da cidade, dentre outras. Trazer ao conhecimento de alunos e professores as vozes silenciadas na história da cidade tem produzido sentimento de empatia à medida que estes se identificam com as narrativas, as que se reproduzem nos grupos dos quais fazem parte.” (GONZAGA, CANDOTI, 2017, p.1522)

Observando as tabelas com a categorização da questão dezenove percebemos que quase todas as respostas estão em destaque, ou seja, elas estão presentes em mais de uma categoria ao mesmo tempo. É interessante notar que a maioria esmagadora dos participantes citou os lugares contemplados pelos circuitos do Projeto Conhecer Londrina, confirmando sua importância quando abordamos o ensino da história local. A subcategoria 1.1 “Museus” foi estabelecida pois mais uma vez ela esteve presente na grande maioria das respostas. O Museu é visto pelos participantes da pesquisa como o lugar que conta a história da cidade, é a principal referência.

A categoria 3. “Lagos e parques” é a segunda maior em quantidade de respostas, nela foram agrupadas as respostas que citam o Lago Igapó, o Parque Arthur Thomas, a Mata dos Godoy, o Jardim Botânico e o Lago Norte. Lugares como o Arthur Thomas e a Mata dos Godoy são também espaços de aprendizagem fora do espaço escolar para outras disciplinas como Ciências e Biologia, já o Lago Igapó é tido como um ponto turístico de Londrina.

A categoria 4. “Praça Tomie Nakagawa (Japão) é a terceira maior, nela as menções foram diretas a Praça Tomie Nakagawa construída em 2008 em comemoração ao centenário da imigração japonesa. A “praça do japonês” construída a pouco mais de uma década é citada pelos participantes da pesquisa como um lugar histórico, talvez pela forte representação que a imigração japonesa tem na

história da cidade, a imigração japonesa aparece com grande destaque em lugares da narrativa oficial como o Museu Histórico.

A categoria 5 contém as respostas que mencionaram lugares que estão fora do Centro Histórico, que como vimos, é amplamente explorado no ensino de história no fundamental I. A Av Saul Elkind é citada por dois participantes, talvez por ser um forte símbolo da maior região da cidade onde está situado o Colégio Ubedulha. Foram mencionados também o Estádio do Café, o Centro Cultural Lupércio Luppi, ambos na Zona Norte e o Zerão.

A categoria 2 conta com três respostas apontando os shoppings como locais históricos. Apenas um participante disse não conhecer monumentos, nem locais históricos na cidade.

A questão 20 utiliza a música Asa Branca para buscar compreender como os participantes entendem e descrevem a figura do nordestino. As alternativas a,b,c e d tem este objetivo e a categorização sera exposta pelos quadros abaixo:

Quadro 10- Categoria 1 questão 20 A

Categoria 1 : Concorda
3.“Concordo”; 4.“Concordo” 18“Concordo” 11“Concordo” 14“Sim”
Subcategoria- 1.1-: Concorda: Temas da música-música como expressão da realidade
30.“Sim concordo, é retratada a realidade do Nordeste, é vida como ela é”; 34.“Sim porque estão falando a realidade”; 29“Concordo porque a musica retrata tudo como é”; 1.“Tem lugares que chovem pouco”; 23. “Sim porque é um jeito dele tratar e falar dessa terra”
Subcategoria- 1.2: Concorda: Terra seca, falta d’agua, clima quente
2.” É retratado como uma região seca e escassa de chuva e sim concordo” ; ”5. Um lugar quente, sem chuva, sim eu concordo.”; 13“Uma terra seca, muito quente, sim”; “Ar quente, terra quente, pouca agua, sem chuva, sim concordo.” 31 <i>Um lugar quente judiado sem plantação ou gado por causa da seca, pouca água sem chuva. Sim</i> ”; 22.“Sim por que la fala sobre o calor”; 16.O nordeste é retratado na música como um lugar de clima seco, com pouca atividade pluviométrica e eu concordo com essas afirmações.” 8.“É retratado como um lugar muito quente e ruim” 17. “Onde chove muito pouco tudo la é difícil, de plantar, criar gado, não deveria ter mais atenção com mundo tão globalizado. Deveria ser melhor.”

27 “Que é uma etnia sofrida por falta de água”; 36. “Um lugar quente, sem chuva, sim concordo”
Subcategoria- 1.3: Concorda: Pobreza-miséria- sofrimento
20 “O nordeste é retratado como uma terra judiada. Sim concordo não só no nordeste”; 25 “Judiação, quente onde as criações morrem. Sim” 10. Com uma grande dificuldade pois não há água para todos. Sim.” 19 “Como um lugar difícil de viver. Sim” 8. “É retratado como um lugar muito quente e ruim” 17. “Onde chove muito pouco tudo lá é difícil, de plantar, criar gado, não deveria ter mais atenção com mundo tão globalizado. Deveria ser melhor.” 27 “Que é uma etnia sofrida por falta de água”; 31 Um lugar quente judiado sem plantação ou gado por causa da seca, pouca água sem chuva. Sim”;

Fonte: a autora

A música Asa Branca, escrita por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga em 1947, expõe em sua letra temas clássicos ligados a “Região Nordeste”, sendo também parte importante do que Albuquerque chamou de “Invenção do Nordeste”. Em sua letra faz referência a seca, a religião cristã e principalmente ao “retirante”.

Na alternativa A da questão 20, foi solicitado ao participante da pesquisa que dissesse como o Nordeste é retratado na música e se eles concordavam com o que ela apresentava. A análise destes conteúdos coletados resultou em três categorias, a um dos que concordam, a dois dos que não concordam e a três dos que concordam em termos. As três categorias foram divididas em subcategorias de acordo com o tema apontado pelo participante em relação a letra da música.

Seguindo a tendência de análise das questões anteriores a maioria das respostas ficou concentrada na Categoria 1 “Concorda”, sendo que a seca, a falta d’água e o clima quente da região apareceram nas que estão na subcategoria 1.2 conforme exposto na Tabela 10. A pobreza a miséria e o sofrimento também figuraram nas respostas que estão concentradas na subcategoria 1.3. Há ainda aqueles que tomam a letra da música como expressão da realidade na subcategoria 1.1.

Quadro 11- Categorias 2 e 3 da questão 20 A

Categoria 2: Não Concorda	Categoria 3: Em Termos
26. “Como um lugar de sequidão, sertão, sem água. Não concordo pois mesmo com alguns desses problemas, tem muitas qualidades”	15 “Depende do aspecto da visão de cada um”; 21 “Um pouco”

28 “Não” 7“Não concordo”	
Subcategoria 2.1- Não concorda: Pobreza-miséria-sofrimento	Subcategoria 3.1: Em termos: Terra seca , falta d’agua, clima quente
9. “Não, são poucos que sofrem muito com pobreza e falta de agua no sertão” 33.“Ah! que é uma terra sofrida, não concordo”;	12“Um lugar quente, que os animais morrem, que não possui comida e não chove. Talvez uma parte do Nordeste sim.” 35“Em certa forma sim, é um dos lugares mais secos do Brasil, onde muitos locais necessitam de chuva”

Fonte: a autora

Do total de respostas obtidas na alternativa A apenas 9 participantes não concordam ou concordam em termos com o que é retratado na música, cinco não concordam e damos destaque a seguinte resposta: *“Não, são poucos que sofrem muito com pobreza e falta de água no sertão”*. Quatro concordam em termos, destacamos a seguinte resposta: *“Um lugar quente, que os animais morrem, que não possui comida e não chove. Talvez uma parte do Nordeste sim.”* Os temas apontados nas respostas permanecem os mesmos, terra seca, falta d’agua, clima quente, pobreza, miséria e sofrimento.

Na alternativa B da questão 20 foi perguntado se o nordeste retratado na música tinha relação com os seus conhecimentos a respeito da região. O resultado foram cinco categorias.

Quadro 12- Categoria 1 da questão 20 B

Categoria 1: Sim
2“Sim” 3“Sim” 5“Sim” 10.“Sim”, 16.“Sim”
Subcategoria 1.1: Sim: Referência educação Formal
4.“Sim aprendi em sala de aula”; 11.“Sim, Quando estudei vi que tem uma parte do nordeste onde isso realmente acontece, as chuvas são escassas, é lugar bem quente e por isso há falta de comida.” 14.“Sim pois o clima a vegetação, relevo e hidrografia da região nordestina é muito característica.” 30“Sim, já estudei sobre seca no Sertão”
Subcategoria 1.2: Sim - Terra seca, falta d’agua, clima quente

9.“Sim pois lá tem uma grande dificuldade para a chover.” “19.Sim, porque realmente é uma cidade muito quente.” 18.“ <i>Sim, muito calor e falta de qualidade</i> ”
Subcategoria 1.3: Sim - Pobreza-miséria- sofrimento
18.“ <i>Sim, muito calor e falta de qualidade</i> ” 21.“Sim, as pessoas só relatam algo negativo”; 23.“Sim, pois as pessoas estão acostumadas a relatar e ver tudo pelo lado ruim, negativo”

Fonte: a autora

A categoria um foi dividida em três subcategorias, além das que não explicaram e responderam apenas sim, a subcategoria 1.1 traz as respostas em que o participante fez referência a educação formal, a 1.2 aqueles que se referiram a seca, falta d'água e ao clima quente. Finalmente a 1.3 mostra as respostas que utilizam a pobreza a miséria e o sofrimento para compor sua narrativa.

Quadro 13- Categorias 2,3,4 e 5 da questão 20 B

Categoria 2: Sim: Referência a educação informal	Categoria 3: Não há relação com seus conhecimen- tos	Categoria 4: Em termos	Categoria 5: Não sabe ou não entendeu a pergunta.
1.“Sim pois quase sempre vejo a previsão do tempo e segundo a mesma a escassez no Nordeste em relação a chuva é realmente preocupante” 6. “Sim, por causa de memes e amigos que falam isso que são dela” 27“sim por causa de memes e tv.”	8“Não” 13.“Não” 15“Não” 17.“NãO”; 20.“Não” 24.“Não”; 25.“Não”; 26.“Não” 22.“Não”	12.“Nem todo o nordeste é assim eu acho”	28“Não sei”; 29.“Não porque aqui não tem seca e nem é sofrido”;

Fonte: a autora

A categoria 2 concentra as respostas que apontam a educação informal como fonte de seus conhecimentos a respeito do nordeste. Os amigos, a previsão do tempo, os memes e a televisão são citados pelos participantes. Na categoria 3 temos nove participantes que afirmam que seus conhecimentos não tem relação com o que a música expõe a respeito do nordeste, porém não explicam. A categoria 4 “Em termos” possui apenas uma resposta: “*Nem todo o nordeste é assim eu acho*”; e a última categoria é composta por duas respostas, uma que diz não saber e a outra que aparentemente não entendeu a pergunta.

Quadro 14- Categorização da questão 20 C

Categoria 1: Música (artistas e canções)	Categoria 2: Manifestações culturais: Festas, comidas, danças	Categoria 3: Cinema	Categoria 4: Novelas	Categoria 5: Comédia	Categoria 6: Lampião	Categoria 7: Literatura
1. “Luiz Gonzaga, Pitty e a arte chamada capoeira” 2. “Lampião, Gonzaga, junina” 7. “Cuscus, Caju e Castanha, engraçados” 3. “Lampião, Gonzaga, Festa	1. “Luiz Gonzaga, Pitty e a arte chamada capoeira” 2. “Lampião, Gonzaga, junina” 7. “Cuscus, Caju e Castanha, engraçados” 6. “Boi Bumbá” 5. “Cordel Encantado, Comida”,	4. “O auto da Compadecida” 8. “O Auto da Compadecida”, 12. “Tieta, Gabriela, o Alto da Compadecida” 17. “Alto da Compadecida; Masarope, Asa Branca” 19. “Filme Luiz Gonzaga”	5. “Cordel Encantado, Comida”, 12. “Tieta, Gabriela, o Alto da Compadecida” 15. “As aventuras de Poliana falam do Nordeste” 21. “Cordel Encantado” 24. “Novela Cordel	7. “Cuscus, Caju e Castanha, engraçados”	2. “Lampião, Gonzaga, junina” 3. “Lampião, Gonzaga, Festa Junina” 9. “Lampião, Festa Junina, Gonzaga”, 13. “Lampião, Festa Junina, Gonzaga”;	4. “O auto da Compadecida” 8. “O Auto da Compadecida”, 10. “Os sertões de Euclides da Cunha” 11. “Sertãozinho (livro)” 12. “Tieta, Gabriela, o Alto da Compadecida” 17. “Alto da

<p><i>Junina”</i></p> <p>9.“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”,</p> <p>13.“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”;</p> <p>14.“Música, comida festas”</p> <p>16.“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”;</p> <p>17.“Alto da Compadecida; Masarope, Asa Branca”</p> <p>18.“Festa Junina, música Asa Branca e Cactos”;</p>	<p>3. “Lampião, Gonzaga, Festa Junina”</p> <p>9“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”,</p> <p>13.“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”;</p> <p>14.“Música, comida festas”</p> <p>16.“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”;</p> <p>18.“Festa Junina, música Asa Branca e Cactos”;</p> <p>22.“Festa Junina, artesanato, capoeira, frevo”</p>		<p>Encantado: baseado”</p>		<p>16.“Lampião, Festa Junina, Gonzaga”;</p>	<p><i>Compadecida; Masarope, Asa Branca”</i></p>
--	--	--	----------------------------	--	---	--

Fonte: a autora

As respostas da alternativa C da questão 20 foram divididas em sete categorias: Categoria 1. Música (artistas e canções), Categoria 2. “Manifestações culturais: Festas, comidas, danças”, Categoria 3. “Cinema”, Categoria 4. “Novela”, Categoria 5. “Comédia”, Categoria 6. “Lampião” e Categoria 7.” Literatura”. As categorias 1 e 2 são as que concentram o maior número de respostas o cantor

“Gonzaga” é citado várias vezes, talvez por estar exposto no próprio instrumento aplicado. A cantora baiana “Pitty” e a dupla “Caju e Castanha” foram mencionados por um participante cada. Na categoria 2 destacamos a “Festa Junina”, o “Boi Bumbá”, a “Capoeira”, o “Frevo” e comidas como o “Cuscuz”.

A categoria três reúne as respostas que citaram títulos de filmes, sendo que é preciso salientar que boa parte deles foi adaptado da literatura para o cinema, o mesmo ocorre com algumas novelas e minisséries. Sendo assim as respostas que contém títulos, como “O auto da compadecida” estarão tanto na categoria 3. “Cinema”, como na 7. “Literatura”. Cinco participantes mencionaram “Lampião”, ficando na categoria 6, e, a mesma quantidade citou alguma novela, ficando na categoria 4. Um participante disse não lembrar e outro disse não saber.

Quadro 15- Categorias 1 e 2 da questão 20 D

Categoria 1: Sotaque- Modo de falar	Categoria 2: Manifestações culturais (músicas, danças, filmes, festas, roupas, comidas)
1. “sotaque”; 4. “Bichinho, mainha, arretado” 6. “Inté, vortar, entonce, oiei e fornaia” 23. “Sotaque, linguagem, expressões” 8. “Bichinho, Mainha, Arretado” 14. “Oiei Deus do céu, braseiro no sertão” 16. “Dengo, comida, lugares, roupas, festas” 13. “Forte, guerreiro, palavras difíceis, jeito de falar, aparência” 11. “Lingua, comida, lugares, roupas, as festas”, 15 “Sotaque” 5. “Jeito de falar, vestimentas, musica, comida, preguiça kkk”, 21. “Oiei, fornaia, vortar, braseiro, sertão”	10. “Alto da compadecida, folclorica, Humberto teixeira, Luiz Gonzaga.”, 16. “Dengo, comida, lugares, roupas, festas” 13. “Forte, guerreiro, palavras difíceis, jeito de falar, aparência” 11. “Lingua, comida, lugares, roupas, as festas”, 5. “Jeito de falar, vestimentas, musica, comida, preguiça kkk”, 20 “Jeito de falar, vestimentas, música, comida, trabalho” 20 “Jeito de falar, vestimentas, música, comida, trabalho” 22. “Alegres, tem um sutaque legal, é humilde” 2. “Sotaque kk”, Negro, Careca, Rede, Calor”

Fonte: a autora

Quadro 16- Categorias 3, 4 e 5 da questão 20 D

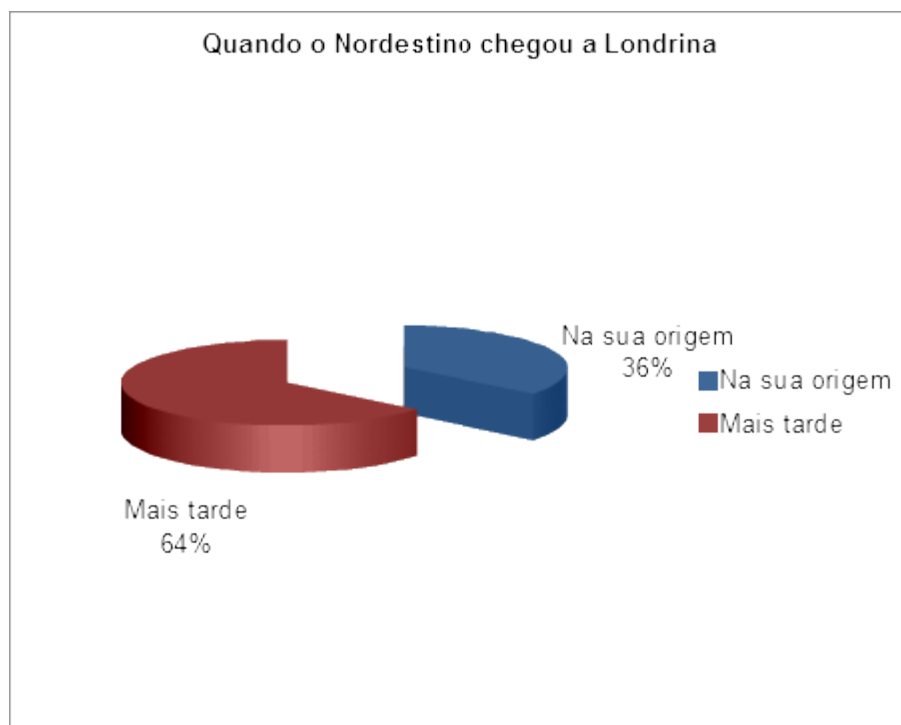
Categoria 3: Humildade; determinação; trabalho	Categoria 4: Estereótipos negativo (ignorância, preguiça, sofrimento)	Categoria 5. Estereótipos positivos: Alegre, legal, otimistas
18“Guerreiros, determinados, humildes” 20“Jeito de falar, vestimentas, música, comida, trabalho” 22.“Alegres, tem um sotaque legal, é humilde” 9,“Determinação, otimista, romance, alegria, teimosia.”	5.“Jeito de falar, vestimentas, música, comida, preguiça kkk”, 17.“Arretado, Simples, Ignorante, legal; família.” 7.“Religioso (cristianismo) Sofrido.”	22.“Alegres, tem um sotaque legal, é humilde” 9,“Determinação, otimista, romance, alegria, teimosia.”

Fonte: a autora

A alternativa D da questão 20 solicitou aos participantes da pesquisa que escrevessem cinco palavras que mostrasse como era um nordestino. As respostas foram distribuídas em cinco categorias. Sendo que as duas maiores foram a 1 e a 2, “Sotaque- modo de falar” e “Manifestações culturais (músicas, danças, filmes, festas e roupas, comidas)”. Em seguida temos a categoria 3. “Humildade, determinação, trabalho” e a 4. “Estereótipos negativos (ignorância, preguiça, sofrimento)”, ambas com três respostas cada. A menor categoria é 5: “Estereótipos positivos: alegre, legal, otimistas” com duas respostas.

Na questão 21 são apresentados aos participantes dois textos que tratam da “colonização” da cidade de Londrina. O primeiro tem como foco o início do empreendimento da CTNP em 1929, e o segundo tratando dos avanços do município e do aumento da população após os anos 1950. Em seguida perguntou-se aos participantes quando os nordestinos vieram para a cidade de Londrina, oferecendo a eles duas opções para escolherem: na sua origem e mais tarde.

Do total de respostas obtidas na questão 21, 64% escolheu a opção mais tarde e outros 36% que o nordestino estava em Londrina desde a sua “origem” em 1929.

Gráfico 15- Questão 21

Fonte: a autora

Dando sequência temos a questão vinte e dois, que pergunta o que o nordestino veio fazer na cidade de Londrina que nos deu o seguinte quadro:

Quadro 17- Categoria 1 e 2 da questão 22

Categoria 1: A procura de trabalho	Categoria 2: Em busca de uma vida melhor
2. "trabalho" 5. "A procura de trabalho, fugindo do calor talvez" 6. "A procura de trabalho e uma vida melhor" 9. "Trabalhar na zona rural" 10. "A procura de trabalho" 12. "Trabalhar" 15. "Trabalhar, ter melhores oportunidades." 22. "Atrás de emprego"; 24. "Buscar trabalho"; 27. "A procura de serviço" 28. "Veio conhecer cidade nova, arrumar um trabalho melhor" 30. "Buscar vida nova, empregos e oportunidades"	1. "Ter um futuro melhor" 6. "A procura de trabalho e uma vida melhor" 7. "Procura de uma vida melhor" 8. "Mostrar sua cultura ou ter uma vida melhor em Londrina" 13. "Buscar melhoria de vida" 15. "Trabalhar, ter melhores oportunidades." 16. "Procurar uma vida Melhor" 18. "Melhorar de vida" 20. "Ter um futuro e uma qualidade de vida melhor" 30. "Buscar vida nova, empregos e oportunidades"

Fonte: a autora

Quadro 18- Categorias 3, 4, 5 e 6 da questão 22

Categoria 3: Conhecer nova cidade- Aprender	Categoria 4: Trocas culturais	Categoria 5: Não sabe- entendeu Não	Categoria 6: Modificar origem a
3.“Conhecer . Saber um pouco 4.“Saber um pouco” 17“Conhecer” 28.“Veio conhecer cidade nova, arrumar um trabalho melhor”	8“Mostrar sua cultura ou ter uma vida melhor em Londrina” 14.“Mais conhecimento para a cultura local e costumes” 19.“Mostrar sua cultura, etc”	23.“Não sei” 11“Não sei” 25“Não sei” 26.“Não sei” 29“Não entendi essa pergunta,”	21.“Para poder modificar sua origem e assim por diante”

Fonte: a autora

Para as respostas obtidas nesta questão foram estabelecidas seis categorias, sendo que as duas maiores categorias são a um e a dois, “A procura de trabalho” e “Em busca de uma vida melhor”, ratificando o nordestino como o retirante, que foge da seca e da miséria na região. As categorias três e quatro possuem quatro e três respostas respectivamente e seus conteúdos dizem respeito as trocas culturais estabelecidas com a migração. Na categoria seis temos apenas uma resposta que diz que o nordestino veio para Londrina modificar sua origem. E na categoria cinco temos cinco participantes que dizem não saber o que o nordestino veio fazer na cidade ou não ter entendido a pergunta. A seguir temos os quadros das questões 23 e 24:

Quadro 19- Categorização da questão 23

Categoria 1: Conhece	Categoria 2:Não conhece	Categoria 3: Conhece: Familiares e amigos	Categoria 4. Eu sou nordestino
2.“Sim porém apenas sei que ele trabalha no Burger King” 9.“Sim, eles são umas pessoas alegres” 15.“Sim, eles	3.“Não”, 1.“Não” 4.“Não conheço nenhum” 5.“Não conheço” 8.“Não”	7. “Sim amigos. São pessoas simpáticas comem coisas diferentes como cuscus.” 13.“Sim conheço, minha vizinha” 19.“Sim, mãe, vó e tia” 27.“Sim meu pai é	6.“Eu sou nordestino”

sairam de sua cidade em busca de uma vida melhor, mas sente saudade de sua cidade linda.” 22. “Sim, conheço um cliente, ela disse que sofre preconceito” 17. “Sim, veio para viver aqui para ter o sustento para sua família” 20. “sim”	10. “Eu não” 11. “Não me lembro” 12. “Não” 14. “Não” 16. “Não conheço” 18. “Não” 23. “Não”; 24. “Não”; 25. “Não”; 26. “Não” 28. “Não” 21. “Não sei”	nordestino e veio refazer a vida em Londrina.”;	
--	--	---	--

Fonte: a autora

Quadro 20- Categorização da questão 24

Categoria 1: Músicos e Cantores	Categoria 2: Conhece, mas não cita	Categoria 3. Não conhece	Categoria 4. Não sabe
2. “Luiz Gonzaga, Pitty e Gonzaguinha isso no Brasil, na cidade a resposta é não.” 4. “Gabriel Diniz”, 5. “Gabriel Diniz” 10. “Gabriel Diniz” 14. “Gabriel Diniz” 17. Gabriel Diniz” 24. “Luiz Gonzaga o maior difusor do nordeste para o Brasil”	3. “Sim, 16. “Sim,	1. “não” 6. “Não” 7. “Nunca ouvi falar” 9. “ Não” 12. “Não” 15. “Não” 20. “Não” 22. “Não” 23. “Não” 25. “Não” 26. Não”	21. “Não sei” 18. “Não sei” 19. “Não que eu me lembre” 13. “Não lembro.” 11. “Não que eu me lembre” 8. Não Lembro.”

Fonte: a autora

As questões vinte e três e vinte quatro perguntam se o participante conhece algum nordestino ou filho de nordestino que ele considere importante para a cidade ou no Brasil. Na questão 23 seis participantes disseram conhecer algum nordestino na cidade de Londrina. Estas respostas estão diretamente associadas ao trabalho, a busca de melhores condições de vida e uma resposta aponta conhecer uma nordestina que sofre preconceito. A maior parte afirma não conhecer nenhum

nordestino na cidade de Londrina, quatro possuem familiares ou amigos que vieram da região e um participante respondeu ser nordestino. Na questão vinte e quatro a tendência continua a mesma, quando questionado sobre o conhecimento de algum nordestino “importante” em Londrina ou no Brasil a grande maioria disse não conhecer ou não se lembrar. Dois disseram ter conhecimento, mas não citaram os nomes. Os nordestinos citados na categoria um são músicos ou cantores, sendo citados os cantores Luiz Gonzaga, Gonzaguinha, a cantora Pitty, e Gabriel Diniz que foi citado por cinco participantes.

Com os resultados obtidos com a aplicação do instrumento percebemos que a maior parte dos estudantes reproduzem os estereótipos a respeito do nordeste e do nordestino que vem sendo construído desde os anos 1920, tanto pelas iniciativas políticas e intelectuais mas, principalmente, por meio de manifestações culturais como a literatura, a música, o cinema, a televisão entre outras que reproduzem o estereótipo do nordestino. Este estereótipo está ligado principalmente ao tema da seca, da pobreza, da miséria e dos movimentos migratórios pelo qual a região passou.

Nota-se que a educação formal tem um papel muito importante na construção das narrativas dos alunos, principalmente quando foram solicitados a tratar da história da cidade de Londrina, porém, percebemos também como o aprendizado em locais não formais também influenciam na construção de suas respostas. A internet, sobretudo as redes sociais, é amplamente acessada por todos os participantes e tem grande influência na construção de seus conhecimentos.

A partir destas reflexões partimos para o quarto capítulo do trabalho onde teremos as entrevistas de quatro nordestinos, que vieram para a cidade de Londrina em diferentes momentos, e se estabeleceram de diferentes modos na cidade. Por que estes entrevistados vieram para Londrina? O Nordeste e o nordestino descritos nas respostas dos alunos é o mesmo que aparece nas entrevistas?

CAPÍTULO 4

O NORDESTINO EM LONDRINA: UM TRABALHO COM ENTREVISTAS

Que contribuições o uso da história oral traz para este trabalho? Sabe-se que o uso de entrevistas como fonte para o ensino de história não é novidade. Estudos realizados apontam alguns equívocos no uso da história oral como fonte. É comum que o chamado “trabalho com entrevistas” tenha como base concepções da entrevista jornalística e os estudos acabam por parecer mais próximos da disciplina de Língua Portuguesa do que da disciplina de História. (ALEGRO, 2007). A história oral pode mostrar como a memória é objeto de contínuas ressignificações. Já que a memória apresenta este caráter de contínua mudança é possível tratá-la como uma “história das memórias”, de pessoas e de grupos. (ALBERTI, 2005)

A sociedade do século XXI está “presa” ao presente, ao cotidiano. A experiência adquirida perde valor diante da imediatividade, o que se percebe é a vivência marcada pela valorização do instante e o “presente não tem conexão com o passado”.

Diferente do que ocorria nas sociedades tradicionais o ouvir a experiência do mais velho, o conhecer origens mitos e lendas que dão sentido a vida em sociedade deixou de ser preocupação individual. No entanto as questões que levam ao sentimento de pertença e identidade não deixaram de existir.

As sociedades de comunicação oral, por exemplo, desenvolveram sofisticadas e eficientes técnicas mnemônicas para evitar variações: o ritmo, a convenção formular, os sistemas de associação, etc. Nem por isso revelam os especialistas, a tradição se deixa cristalizar: a comunicação nunca se faz rigorosamente palavra por palavra, mas absorve variações de escala diferenciada. O caso das culturas orais é interessante porque, nelas, o processo de registro e conservação de informação coincide inteiramente com o processo de sua comunicação, socialização. (MENESES, 2005, p.10).

A história oral é uma metodologia de pesquisa multidisciplinar bastante difundida. A estratégia de ouvir testemunhos para compreender o passado não é nova, mesmo na antiguidade este recurso já era utilizado. Considera-se a invenção do gravador a fita no ano de 1948 o marco para a história oral moderna, a partir disto

desenvolveram-se pesquisas em várias áreas que tinham a história oral como principal fonte de conhecimento. (ALBERTI, 2005).

Destaca-se o seu uso a partir da década de 1960 quando os testemunhos foram vistos como uma forma de “dar voz” as minorias em contrapartida à linha da norte-americana Columbia History Office, que privilegiava o estudo das elites. É neste período que a história oral apresenta uma maior difusão e também são detectados alguns problemas em seu uso. A chamada História oral “militante” restringia seus estudos às “minorias”, a “história de baixo”, dando assim um caráter maniqueísta aos seus resultados. Este quadro só se modificou quando as Ciências Humanas passaram a pensar a história não mais como única, mas sim a reconhecer as múltiplas memórias e identidades. Esta e outras mudanças fizeram com que a história oral passasse aos poucos de “militante” para acadêmica. (ALBERTI, 2005)

No Brasil surgem as primeiras iniciativas na década de 1970 com o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV. No decorrer desta mesma década surgiram iniciativas na região sul do país. Nas décadas de 1980 e 1990 a História oral começa a se consolidar no Brasil e no mundo. (ALBERTI, 2005)

Especificamente para a história o uso de fontes orais se viabilizou por outras mudanças próprias da disciplina que devem ser apontadas. A visão positivista do ofício do historiador, que limitava suas fontes ao documento escrito e de caráter oficial, não reconhecia na “entrevista” uma fonte para o conhecimento histórico, pois a considerava carregada de subjetividades. Hoje esta questão foi superada e se reconhece que até as fontes escritas possuem estas características e neste contexto a própria subjetividade pode constituir-se em objeto do pensamento histórico. (ALBERTI, 2005)

Pode-se dizer que as fontes orais são privilegiadas quando se trata de pensar a memória a partir da história.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no

eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p.9)

Neste sentido a “história oral traz a vida para dentro da história” (THOMPSON, 1998, p.44). A dinâmica do vivido, do tempo presente e a perda de referências do passado fazem com que a relação entre história e memória seja necessária, principalmente no ensino de história. (GRAEBIN; PENNA, 2006).

[...] História Oral, que, sendo uma produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. Além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a história oral empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva. (NEVES, 2000, p. 112)

O uso de fontes orais na história possibilitou uma melhor compreensão da identidade, por exemplo. As narrativas, orais ou escritas, são "narrativas de identidade", são representações da realidade, nelas os narradores comunicam como eles se veem. Através do “contar” indivíduos revelam suas preferências, sua identificação com ideias e grupos e assim demonstram os seus valores. (ERRANTE, 2000, p.142) O contato com estas memórias expostas através das fontes orais fizeram com que os especialistas criassem métodos de análise destas entrevistas que buscam retirar destas memórias contribuições para a pesquisa histórica, as relações entre memória e identidade, entrevistador e entrevistado fazendo com que as fontes orais ocupem um lugar importante no campo de estudos da história social. (GRAEBIN; PENNA, 2006, p.85).

Foram selecionados três entrevistados para compor este trabalho: Meton Araújo de Souza, Dalton Fonseca Paranaguá e Kepler Palhano .As entrevistas fazem parte do acervo do Museu Histórico de Londrina e será utilizada a mesma metodologia do capítulo três, a análise de conteúdo. Desta forma as falas transcritas serão apresentadas através da categorização dos conteúdos abordados pelos entrevistados. Nosso interesse é observar possíveis aproximações ou distanciamentos entre as ideias dos alunos e de um nordestino residente na cidade. Que memórias eles guardam?

Alertamos o leitor que foi realizada uma categorização dos conteúdos da entrevista relativos apenas aos tópicos de interesse dessa pesquisa e não do seu conteúdo total.

Categorização e análise da entrevista de Meton Araújo de Souza

Categoria 1- Origem e trajetória
M: Ta bom. Eu nasci no dia 05 de setembro de 1922, no município de Sobral, Ceará.
M: vim para o sul com 22 anos, vim para Presidente Prudente, nessa época eu me empreguei num hospital sendo enfermeiro. Hospital... Hospital, primeiro hospital de Presidente Prudente dum médico muito famoso de Pernambuco, daquela família de Cavalcante, descendente de judeus né? Ele fundou aquele hospital e eu fiquei 6 anos trabalhando como enfermeiro. Então depois eu trabalhava como enf... eu tava cansado e vieram me oferecer um trabalho, que abriram um porto na divisa de São Paulo com o Paraná. Depois eu fui pra Pelotas, me empreguei na Santa Casa de Pelotas como enfermeiro [barulho de máquinas de escrever].
B: lá em Santa Catarina?
M: não no Rio Grande.
B: Rio Grande do Sul?
M: É, em Pelotas. Depois eu fui pro Rio, eu tinha um primo que era médico, mas ele era engenheiro químico também, e ele [o meu pai que é aquele lá] [aponta pra parede] eu fui trabalhar com ele, ele tinha laboratório.
B: Qual o nome dele seu Meton?
M: Adolfo Correa de Araújo.
B: hum... tá. Seu primo?
M: Meu primo.
B: o senhor foi trabalhar no Rio de Janeiro com ele?
M: Fui, eu fui trabalhar no laboratório dele de homeopatia e la ...
B: Depois do Rio o senhor veio pra cá então?
M: Não, depois eu fui, eu estudei ... estudava na escola [alemã] de homeopatia, era professora alemã eu estudava homeopatia comecei a estudar.
B: Professores alemães?
M: Professores alemães. Eu até entrei naquela faculdade, na praia vermelha também pra estudar, mas eu não tinha recurso parei.
B: Parou.
M: E dai eu voltei pra Presidente Prudente de novo. Levei uma caderneta de acadêmico de medicina, eu já conhecia muito porque já tinha sido enfermeiro, conhecia muito a medicina, e lá eles seguiam muito, os fiscais, mas eu tinha a caderneta de acadêmico eles me deixaram, mas peguei freguês ali [arrumei gente] [risos] [incompreensível].
B: Começou a fama do senhor dai?
M: Ai aumentou a fama daí que eu vim pra Londrina. ¹⁵

¹⁵ Legendas utilizadas na transcrição: B: Barbara Daher Belinati (entrevistadora); M: Meton Araújo de Souza; R: Rui Cabral (fotografo); S: Silvana (funcionária da farmácia); C: Cliente da farmácia; C5: Cliente da farmácia.

“Doutor Meton” como era conhecido na cidade por seu trabalho de médico homeopata não fornece muitos detalhes sobre sua vida no Ceará. Em sua trajetória é possível observar que em um primeiro momento ele não migra para a cidade de Londrina especificamente e sim para a cidade de Presidente Prudente no Estado de São Paulo. Aos vinte e dois anos de idade Meton começou a atuar como enfermeiro em hospital de Presidente Prudente, ali permaneceu por seis anos, quando, segundo suas palavras, “ficou cansado”. Em seguida Meton tem seu primeiro contato com a região Norte do Paraná quando foi trabalhar como balseiro no porto recém-construído na divisa entre os estados do Paraná e São Paulo¹⁶.

Durante um período Meton migra para o Rio Grande do Sul na cidade de Pelotas onde retoma seu trabalho como enfermeiro, em seguida rumo para o Rio de Janeiro onde seus primeiros contatos com a homeopatia são estabelecidos, lá vai trabalhar com um primo em um laboratório e é também nesta cidade que começa seus estudos em uma escola alemã de homeopatia e ingressa também em uma faculdade, a qual não dá continuidade pois segundo ele não possuía recursos para isto.

Meton volta para Presidente Prudente com uma carteira de acadêmico de medicina e por já ter trabalhado como enfermeiro na mesma cidade não encontra problemas para o trabalho de médico homeopata, é a mesma carteira de acadêmico que evita problemas com os fiscais da cidade, fazendo com que seus primeiros fregueses surgissem em Presidente Prudente.

Categoria 2- Trabalho

M: A convivência naquele tempo vinha muita gente do sítio da ... era analfabeto, gente do sítio, pouco lia né. Eu fui, achei meu negócio era distribuição de jornal, fui distribuir jornal, comecei com dez jornais, sobrava ainda.

B; Aham, que jornal que era?

M: Dez jornais, Folha da Noite de São Paulo, e ainda sobrava. E eu não [desacorçoei], fazia propaganda na, no domingo na igreja, soltava boletim pedindo pro povo ler que a [incompreensível] distribuía o negócio, tal, tal e com a vinda de gente preparada de leitura foi desenvolvendo tudo, cheguei a vender ó, quando era dia de jogo, tinha a Gazeta Esportiva e não tinha televisão eu vendia três mil jornal, só de esportivo.

B: E o senhor ganhava como isso daí? O senhor pegava o jornal e ganhava

¹⁶ O trabalho como balseiro é abordado mais adiante em outra categoria desta mesma entrevista.

comissão?

M: Tornei-me representante da imprensa toda aqui e eu ganhava comissão.

B: Quantos por cento que era?

M: É dinheiro olha, calcule você. Eu vendia o jornal por só seis réis e pagava duzentos réis.

B: Nossa [risos].

M: Era dinheiro que rodava... [incompreensível].

B: E o senhor que punha o preço seu Meton?

M: Eu que botava o preço.

B: [risos].

M: Eu pagava o vendedor pra ir vender lá... em outras vilas né. E por exemplo e [abria] ... lá, como é que chama, como é que chama essa avenida aí?

B: Shangrilá?

R: Tiradentes?

B: Tiradentes?

M: Essa aqui [gesto com as mãos] Essa cidade grande que concorre com Londrina.

B: Cambé...

M: Não a grande.

R: Maringá?

M: Maringá!

B: Maringá.

M: Eu fornecia jornal pra lá. Muitas vezes eu arrumava um vendedor, quando eu voltava na outra semana eu saía daqui de noite, viajava de noite.

B: O senhor ia buscar o jornal lá em São Paulo?

M: Não o jornal vinha de trem.

B: Ah, vinha de trem.

M: Pegava no trem e jogava nas cidades já, nestas [viagas] né. Contratava o vendedor pra vender pra toda parte, era vendedor! Chegava e já via você vai pra tal lugar, se vai pra outro se...[bate a mão na mesa] [incompreensível] venda de jornal, principalmente dia de jogo de futebol, não tinha televisão, não tinha nada, era uma venda fabulosa.

B: É

M: Comecei vender jornal, com dez jornal acabei ...

B: Isso foi em 1935?

M: Comecei em 42.

B: 42 né?

M: Quando foi em 50 já vendia mais jornal que ... só Campinas, Santos superava eu.

B=R: nossa!

R: Quando que o senhor começou com a homeopatia em Londrina?

M: Depois eu fui, acabei voltando pro Rio né. Fui espera aí... entrei...

B: Em 75 que o senhor começou aqui com a farmácia homeopática?

M: Eu comecei aqui ... Silvana! [distráido].

B: Não foi em 75 seu Meton?

S: oi!

M: Foi em 75 que eu comecei.

B: É Meton deixou de ser distribuidor exclusivo em 19...quando finalmente abriu sua farmácia homeopática [lendo].

M: É isso aí... eu já to muito esquecido.

B: Né? Aqui ó [mostra o papel].
M: Ai eu comecei.
B: Mas antes disso o senhor é, é ... tentou um outro meio de vida. O senhor pegou uma fazenda, comprou uma fazenda, plantou né?
M: [concorda com a cabeça] É! Plantei café. Isso aí foi o maior erro que eu fiz, porque eu plantei com 300 mil pés de café e quando foi a floração, a primeira floração a geada matou tudo, eu fiquei arrasado.
B: A fazenda é aqui perto? Seu Me...
M: É ali em Tamarana.
B: Ah em Tamarana.
M: Eu plantei, tinha plantado 300 mil pés de café.
B: Isso com o dinheiro que o senhor já tinha juntado do jornal? Da distribuidora de jornal?
M: [concorda com a cabeça] Já tinha é.
B: Deu pra comprar até uma fazenda.
M: Deu ué, comprei uma fazenda, pus [engenho de cana] pus tudo, comprei gado, criei gado. Tinha um gado, até um dia houve uma corrida, aquela tal de... corrida, estouro da boiada [incompreensível] avisei sempre o [incompreensível] cuidado estouro da boiada. Você sabe que um dia estourou o gado o boi assim [gesto com as mãos] se assusta e vem de volta, vem arrebrandando tudo.
B: Nossa!
M: E aconteceu.
B: Aconteceu lá na fazenda do senhor?
M: Na fazenda.
B: E foi pra onde esse gado?
M: O gado voltou...voltaram é...é... volta vai arrebrandando tudo na frente.
B: Nossa!
M: Ai o [incompreensível] bem instruído ele [gesto com as mãos] arruiu assim, mas onde vai levando tudo. E depois ai afirmou, afirmamos. Depois com esse negócio da plantação do café fui deixando o gado, cai na besteira de plantar café, fui à falência com a plantação do café.
B: Perdeu tudo o que ganhou com a distribuição de ...
M: tudo.
B: Perdeu tudo foi com a geada seu Meton?
M: É com a geada.
B: Foi com a geada?
M: Uma geada tão grande [acabou com tudo] [distraído].
B: É? Viu seu Meton depois de 75 anos o senhor perdeu tudo e ai o que o senhor fez da vida?
M: quando eu perdi tudo [incompreensível] fui rico três vez em Londrina.
[vozes ao fundo].
M: Três veiz! Mas eu tinha gente ruim, inveja. Você sabe que a inveja é um perigo né? [...]
B:[...] e o senhor começou com a farmácia, o senhor abriu a farmácia no [pátio] aqui.
M: é depois de toda essa virada eu fui no Rio voltei, aprendi muita homeopatia é que eu vim e montei a farmácia homeopática aqui, e consegui, fiquei té hoje! Já faz mais de trinta anos que eu tenho.
B: e houve muita resistência com relação aos produtos naturais? [incompreensível] de Londrina.

M: Não, os médicos aqui não incomodaram, incomodaram aquela, Silvana!
 S: Oi!
 M: Como é que chama aquele que [incompreensível] trinta anos ai eles não tinha outro meio de ... de ... me acusar.
 S: Aqui, conselho [incompreensível]
 M: Acusaram que eu não tinha.
 R: Conselho regional de medicina.
 M: Que eu já era licenciado, já passei pro licenciado, ainda no tempo do Getúlio, e eles alegaram que eu não era, que eu não tinha, não tinha diploma de farmacêutico, questionei com eles trinta anos agora que eles vieram me deixar [aponta pra mesa].
 B: Agora?
 M: Agora! mas é uma batalha mesmo.
 B: E o senhor assina como os medicamentos?
 M: Os medicamentos eu não tenho registrado, só vendo pra quem vem pegar aqui, os remédios é tudo inventado, ciência mesmo, feito mesmo.
 R: Mas o senhor não patenteou esses remédios?
 M: Não patentei não, só vendo no balcão, se hoje eu vendesse a farmácia pra um [farmacêutico mesmo] comerciante mesmo forte, e ...e... ele fica rico porque eu tenho [menção] pra cura de câncer, de AIDS, de tudo que [incompreensível] já curei câncer.
 B: [...] o senhor pesquisa como? Onde o senhor colhe o material que o senhor faz o remédio?
 M: Eu pesquiso o remédio em mim mesmo, fiz muita pesquisa, também fiz pesquisa da planta, a planta amarga doce, azeda, aquela queimante né? Todas essas planta cura a doença que ela provoca, por exemplo se você vai [cheirar] [pegar] aquela queimante, que é a pimenta né, ela cura aquela doença que é queimação.
 B: E aonde o senhor colhe essas plantas, o senhor tem aonde essas, essas plantas?
 M: Eu... eu fazia [no campo] eu fazia pesquisa das plantas, dos matos no campo lá né, a doce.
 B: Aonde fica esse campo?
 M: Eu saia no campo.
 B: hum.
 M: Qualquer parte eu ia [incompreensível] a doce, a amarga, a queimante e a qual era a outra? Quatro [...]

Nesta categoria damos maior notoriedade aos tipos de trabalho que foram exercidos por Meton já na cidade de Londrina. O trabalho no campo foi o que mais atraiu moradores para o Norte do Paraná, isto seu deu em grande parte pela propaganda feita pela CTNP, que utilizava a fertilidade da terra como um de seus “carros chefes”. Da mesma maneira as condições de compra dos lotes eram facilitadas para aqueles que sonhavam em se estabelecer através da economia rural. Com Meton não foi diferente, em sua fala vemos que possuiu um lote de terra

onde plantou e prosperou por um período até uma geada prejudicar seus investimentos.

Além disso, chama a atenção os trabalhos que exerceu também na zona urbana da cidade. Assim que chega a Londrina Meton torna-se vendedor de jornais, que neste primeiro momento vem do Estado de São Paulo, Meton fala da dificuldade inicial na venda pois a maioria dos novos moradores eram analfabetos e com a vinda de gente “preparada de leitura” desenvolveu seus negócios, contratando outros vendedores e expandido para outras cidades da região.

A homeopatia volta a ser seu principal meio de renda já em 1975, diferente do que ocorreu em Presidente Prudente ainda no início de sua atuação como homeopata em Londrina Meton relata dificuldades para se estabelecer, aponta o Conselho Regional de Medicina como um órgão que o acusava de não possuir o diploma de farmacêutico, dificuldade que conseguiu superar depois de trinta anos. Ainda tratando da homeopatia Meton descreve os saberes que adquiriu em torno do poder das plantas e afirma que o que ele faz é “ciência mesmo”, tendo descoberto a cura para inúmeras doenças como a AIDS e o câncer.

Categoria 3- O espaço e o homem: Características naturais do território

Então naquela época não tinha condução, era difícil, nós pegamo a condução, trem pra Jacarezinho e de Jacarezinho pegamo o cavalo e pegamo u ...u... a condução aqui no porto Alvorada que era apenas um ... um cantinho né. Eu peguei... eu era piloto de ...de...de... barca [incompreensível] era conhecido, conhecia bem a pilotagem de barco a...a...a...a rio [incompreensível] pegamo um [martelão] [martelão] de ... um madeira muito parecida com o cedro, eu me esqueci agora [silêncio] pegamos esse [martelão] [bartelão] até no rio e tinha tanto peixe até no ... tinha tanto peixe que no caminho o peixe pulava assim [gesto com as mãos] dentro do [martelão] [bartelão] né. E seguimo, lugar muito perigoso, ali tinha [reboxo] [reboxo] ficava pra baixo de onde o porto [gesto com as mãos].

B: que rio que era?

M: hum?

B: que rio que era esse seu Meton?

M: era o Paranapanema com ...

B: rio Paranapanema.

M: é, na divisa de São Paulo com o Paraná.

B: com o paraná.

M: e descemos até nonde ia ser o porto [gesto com as mãos] o porto era numa meia parada no canal, tombo do meio e reboxo, esse reboxo era um sumidor ali, e até os índios não andavam mais ali com medo, que ali sumiu muito índio [incompreensível].

B: por isso chamava sumidouro?
M: era um buraco assim...
B: por isso que chamava sumidoro?
M: era um buraco assim...
B: por isso chamava sumidoro?
M: sumidouro. Fazia um buraco [gesto com as mãos].
B: porque sumia ...é
M: embaixo era 100 m de fundura.
B: nossa.
M: sumia [sabe/fazia] uhhhhh... [ruído com a boca]escutava as vezes, 8 km escutava [tinha dia].
B: o ronco do ...
M: o ronco do barulho, do sumidor, sumiu pegou muito índio, esses índio do [canaã] né.
B: mas que será que era isso em?
M: hum?
B: que sera que era isso hein?
M: era um buraco assim, formou um buraco assim no reboxo assim.
B: hummm
M: fundura muito grande, ali fechava e levava o que passava ali ia a 100 metro de fundura. Caísse ali uma canoa, um barco ou uma pessoa não saia mais. E ali que eu fiquei entre esse reboxo e o topo do meio, o topo do meio é ali um topo de água assim [gesto com as mãos] e ... e tinha uma parada no meio foi ali que eu... fomo montar o barco né pra passar o povo de São Paulo pro Paraná, naquela época a companhia de terras...

Para a categorização não tomamos a entrevista linearmente, na categoria três, *O espaço e o homem: características naturais do território*, Meton trata do tempo que trabalhou como balseiro no rio Paranapanema, na divisa entre os estados de São Paulo e Paraná, ainda no início do empreendimento da CTNP. As descrições que Meton faz da natureza são extremamente ricas e se configuram como uma fonte privilegiada quando vamos tratar das relações que se estabeleceram entre o homem e o espaço. Outro ponto interessante nesta fala é que a presença indígena é citada por Meton, notamos que isso ocorreu apenas quando este foi falar dos aspectos naturais, não quando solicitado a tratar de aspectos políticos ou econômicos.

4.2- Categorização e análise da entrevista de Dalton Fonseca Paranaguá

<p>Categoria 1- Origem¹⁷</p> <p>D:[...] pessoalmente eu posso, eu posso... dizer que eu sou a quarta geração dos Paranaguá, a origem se fez com o Marquês de Paranaguá, chamava-se João da Cunha Vistosa, chefe do gabinete do imperador Pedro II, homem de confiança do Imperador[...]mas já antes, o Marquês ocupava, ocupou espaços como governador em Pernambuco e chefiou o gabinete Paranaguá. Ele passou a liderança política pra meu avô, meu avô era um vaqueiro [incompreensível] no sul do Piauí, chamava-se Joaquim Nogueira Paranaguá e deixou as suas propriedades pra estudar [incompreensível] no seminário das Mercedes em São Luís, foi companheiro de [incompreensível] Coronel Benjamin José Nogueira e lá chegando ele viu que não era aquilo que ele queria, pegou navio em São Luís e foi pra Salvador pra fazer medicina, ao chegar em Salvador, procurou, procurou o seu tio que era o Marquês que era governador da Bahia, dizendo sua proposta de estudar medicina e quando terminar me entregue o diploma por favor, ele entregou o diploma e o Marquês disse agora você vai pro Piauí pra fazer política, não fica no mesmo partido que eu, era o partido conservador e o partido liberal, e vai fazer política [...]ele como médico exerceu a profissão e entrou na política, foi deputado federal, foi senador e foi governador do Piauí.</p>
<p>Categoria 1.1. O Nordeste (Piauí)</p> <p>D: quando a senhora diz que isso é um espetáculo é uma coisa muito interessante porque a minha terra, o sul do Piauí foi muito bem começada, começada com um colégio, um colégio americano, o meu avô conseguiu missionários nos Estados Unidos, da junta [incompreensível] pra implantarem um colégio, e esse colégio era o único museu num raio de 600, 800, 1000 quilômetros, e é uma região muito importante porque a senhora não encontra analfabeto lá, nem mendigo, a ...a... é uma terra definida como vida de gado, a família ocupa esse espaço na educação, na saúde e no desenvolvimento de uma forma geral de progresso como um todo, e lá nós nunca trabalhamos com [verba pública] nós criamos uma [moeda] chamada [arroba de gado] se a senhora chegar lá com um caminhão e disser assim: eu to vendendo esse caminhão aí [eu chego] [incompreensível] e diz assim: quantas arroba a senhora quer pelo caminhão?</p> <p>C: ainda hoje é mantido esse uso?</p> <p>D: desde os anos 50.</p> <p>C: é uma região de pecuária.</p> <p>D: é uma região de pecuária, uma região de pecuária.</p> <p>C: e não sofre os problemas da seca?</p> <p>D: não sofre, porque é uma região de transição entre a região norte e a região nordeste, ela não ia inclusive nem na [incompreensível] da seca, nas políticas de [incompreensível] da seca, então a, a, é, é a [superação] é a última fronteira agrícola do Brasil, última fronteira, estão chegando lá agora, inclusive</p>

¹⁷ Legendas utilizadas na transcrição: D: Dalton Fonseca Paranaguá; C: Conceição Geraldo (Entrevistadora)

conterrâneos nossos desses [holandeses/redondezas] do Paraná, tão migrando pra lá pra implantar esse “know how” que já implantaram aqui e implantar lá no Piauí e [coça a garganta]

Dalton Fonseca Paranaguá diferente de Meton Araújo de Souza vem para a cidade de Londrina em outro momento, já na década de 1950. Dalton descreve-se como pertencente a uma família de políticos, tradição que segundo ele vem desde os tempos do Brasil Império. Em sua fala mostra que a família é detentora de prestígio político e de posses no nordeste do país, ao falar de seu avô aponta a formação acadêmica que recebeu e o “legado” que deixou em sua região. Na sua subcategoria *O Nordeste*, especificamente o estado do Piauí, Dalton continua a tratar de sua origem que por si só foge ao estereótipo de migrante nordestino que está presente na sociedade brasileira. Um dos pontos mais interessantes é que quando a entrevistadora questiona sobre os problemas de seca no estado do Piauí Dalton aponta uma fala extremamente interessante quando abordamos este tema.

A ideia de que o Nordeste é uma região castigada pela seca, cercada de miséria e fome é quebrada, principalmente quando atentamos para o fato de que o entrevistado está tratando de um estado específico, o Piauí. E mais de uma região também específica do estado. É comum ao se pensar sobre o Nordeste ocorrerem generalizações, não respeitando as especificidades de cada estado ou região. Dalton descreve sua terra como um espaço de transição, entre o norte e o Nordeste, que não está na região de seca e que desenvolve sua economia principalmente a partir da terra.

Categoria 2- Trajetória

D: [...]o fato é que eu fui terminando o meu curso, fiz um concurso pra marinha, e ... fiquei na marinha de guerra durante um ano servindo três [ponta torpedeiros] [incompreensível]. *E em 1954 o presidente Getúlio dava um tiro no peito pelas pressões políticas, e o Carlos Lacerda que era o líder da oposição dizia que o Brasil tava num [mar de lama], mar de lama muito semelhante com esse que o Collor nos deixou, mas não posso comparar um governo com o outro, porque o saldo do governo Collor foi altamente positivo, a lei da exportação, o livre mercado, a lei da oferta e da procura, a liberdade, hum... a liberdade como um todo, a liberdade e a democracia, foi o saldo do governo Collor.* Então [coça a garganta] é importante, é importante dizer também que nessa ocasião, de perceber que o mar não estava pra peixe, [cabo mudando de almirante] financiado pela cia [incompreensível] a inversão da ordem da hierarquia nas forças armadas, eu peguei meu boné e desci nesse paraíso que é o norte do Paraná.

C: aí a pergunta que eu lhe fiz no começo, como é que o senhor descobriu o norte do Paraná.

D: um colega meu de marinha que era médico no hospital evangélico do Rio de Janeiro [sabor] de que eu estava em desencanto da marinha me pergunto se eu conhecia Londrina, eu disse não, não conheço, vale a pena você ir pra lá, eu fui convidado mas eu tenho uma boa situação aqui [incompreensível] vou ficar aqui, mas se você quiser ir poucos dias depois eu recebi uma visita do seu Elias César [incompreensível] que foi diretor do hospital Evangélico muitos anos foi me fazer o convite pra vir pra cá, e então eu vim, cheguei no fim de Abril de 1955, e aqui já estou cidadão londrinense, nesses quarenta anos.

Dalton possui formação de médico, e teve passagem pela cidade do Rio de Janeiro como militar especificamente na marinha. É interessante notar que durante toda a sua fala o entrevistado trata de “temas políticos”, atribuímos isto a sua atuação como prefeito e secretário de saúde. Uma das motivações para a sua mudança para a cidade de Londrina eram as condições que o serviço militar se encontrava, segundo ele estava ocorrendo uma “inversão nas hierarquias”, e percebendo que “o mar não estava para peixe” decidiu migrar para o Norte do Paraná. Fica sabendo da fama da cidade de Londrina através de um amigo médico que sabia de seu descontentamento diante das condições em que estava vivendo na cidade do Rio de Janeiro, mas é através de um convite de um colega de profissão que decide vir para a cidade de Londrina em 1955.

Categoria 3- Discurso oficial a respeito de Londrina e do Paraná

eu considero um privilégio morar em Londrina porque ela é a terceira cidade do Sul do país, só que ela é a terceira, mas é a primeira em qualidade de vida no Brasil. Na história da humanidade nenhuma cidade foi capaz pelo seu povo de montar sua infraestrutura, Londrina foi, e [coça a garganta] isso se explica também pelo começo da cidade, foi começada pelos ingleses, e houve no Paraná um fenômeno muito interessante, porque o Paraná é apenas 2,5% do território nacional, e esses 2,5% há uma cobertura hoje, toda essa área é coberta de comida, coberta de alimento, é um jardim o Paraná, e se nós analisarmos o Paraná historicamente nós vamos perceber que foram preciso 300 anos para conquistar 1/3 e 40 anos para montar uma civilização nos 2/3 seguintes, então [coça a garganta] é ... hoje Londrina é uma cidade conhecida no mundo, no mundo todo, muito mais conhecida do que as capitais brasileiras, então [coça a garganta] [telefone toca] eu percebi tudo isso na minha vivência aqui nesses anos.

C: [incompreensível] [telefone tocando]

D: na minha vivência esses anos eu percebi um vapt vupt do crescimento do norte do Paraná, um salto, ai quando eu fui pra secretaria de saúde, o Paraná era o décimo quarto estado do Brasil, e hoje é o primeiro, tá mais bem organizado, é um estado tranquilo, povo trabalhador, o forte do Paraná são as colônias, as colônias... e essas colônias são todas miscigenadas, *é um país que tudo é miscigenado no Brasil, a gente tem hoje a nação de correntes*

integradas, a... todos falando a mesma língua, a razão de ser unidade nacional e... um povo extremamente trabalhador e criativo né, porque foi capaz de valorizar a economia e deixar o governo falando sobre planos né... então [coça a garganta] nós temos, nós temos em 1950, nos anos 50 o [incompreensível] falava sobre o Brasil país do futuro, hoje nós falamos de uma realidade de um país de primeiro mundo né, é bem verdade numa vivência da democracia e, e com uma situação, em qualquer canto as instituições estáveis é a economia estável [inaudível] é a melhor nação do mundo, não tem povo melhor do que o povo brasileiro.

Na categoria três vemos novamente o discurso oficial a respeito de Londrina e do Norte do Paraná na fala do entrevistado. Aqui especificamente temos a ênfase dada a presença inglesa na região e mais uma vez a ideia de que o Paraná seria o “celeiro” do Brasil é apresentada, com uma expressão diferente, “jardim”. A quantidade de dados expressos em números também é grande nesta entrevista, mais uma vez atribuímos este tipo de discurso a carreira política de Dalton.

Categoria 4- Trabalho

C: interessante, aí o senhor chegou em londrina atuando como médico, o senhor era clínico geral ou já veio como especialista?

D: é.

C: por que naquele tempo era mais clínico geral?

D: é, eu cheguei preparado porque é a melhor medicina de então no Brasil era a do Rio de Janeiro, e eu tive a oportunidade de ser diretor de cadeira de clínica de cirurgia chefiada pelo professor [incompreensível Vieira Guimarães, era então diretor do Instituto Nacional do Câncer e eu aprendi a trabalhar em grupo, e eu preparava os pacientes pros docentes e pros professores operarem então, isso me deu uma experiência muito grande e quando eu aqui cheguei, não havia nenhum grupo constituído, eu formei o primeiro grupo, que chamava Pentágono, e esse grupo funcionou inicialmente no Hospital Evangélico. A partir desse grupo surgiram inúmeros, incontável de grupos, hoje nós temos na cidade duas avenidas de grupos médicos, duas avenidas, a Souza Naves e a Bandeirantes, ali que tudo, todo aquele... vamos dizer toda essa infraestrutura na área de saúde fez parte de um planejamento meu a curto, a médio e a longo prazo que permitia essa realidade que nós temos não apenas em Londrina, mas no Paraná, essa interação e a presença da saúde em todos os municípios e a qualidade de vida com a água tratada em todos os municípios, porque quando eu fui pra secretário de saúde...

C: em que ano foi?

D: é de 1966, foi o Paulo Pimentel, foi governador dos avanços que pediu pra fazer um projeto que atendesse a todos os municípios paranaenses, na área de saúde, então ao invés de fazermos uma medicina assistencial, dando remédio, nós dizemos uma medicina por atacado, há um fenômeno, chamado [fenômeno de new graid a mortalidade infantil ela sobe até o dia que se põe água tratada, nesse dia cai a mortalidade infantil, e eu presidi o conselho diretor da Sanepar, então ditei toda a política de saúde daquele ano, daquela ocasião que estive lá até hoje, tá toda ela aí, e o governador Roberto Requião

tem uma expressão muito feliz quando diz que o Paraná é o Brasil que ta dando certo [o Collor roubou, o Collor roubou] todos os estados, mas o Paraná não teve vez, e ...a, a, a porque que não teve vez? Porque está semeado. Vejam os senhores como é triste e é trágica a situação do estado de São Paulo, basta um dia de chuva pra aquela cloaca a céu aberto que é o tietê encher, e batizar o povo dentro das casas com os esgotos do Tietê, é uma situação trágica sobretudo num governo falido, num governo falido, uma situação trágica, aqui no Paraná, os ingleses construíram o progresso em cima do espigão, aqui não tem problemas de enchentes, que todas as capitais tem, inclusive Curitiba.

C: doutor Dalton quando foi que o senhor começou a participar da vida política aqui em Londrina, no norte do Paraná, ou no Paraná?

D: eu comecei a participar da vida política quando nasci, eu sou na minha origem né? A minha cidade o meu pai foi prefeito, inicialmente foi intendente.

C: é? Então agora [nos conta] quando o senhor começou na vida política aqui, porque o senhor trouxe todo esse [now how] familiar de séculos né? [incompreensível].

D: é, é, é.

C: é...

D: então, é qual foi sua pergunta?

C: como o senhor entrou na política aqui em Londrina, norte do Paraná?

D: ah sim! Eu entrei na política, eu entrei na política por convite do governador Paulo Pimentel, ele em campanha precisou dos meus empréstimos, do meu profissional, eu o atendi, e a noite ele fazia comício aqui na esquina da rua Sergipe, e pediu que eu comparecesse ao palanque, eu fui ao palanque e fiz um discurso, entre outras coisas, mas seria uma geadada muito complicada se tivéssemos um governador do Sul, era o [Bento].

C: [risos].

O: professor [incompreensível].

C: [risos] do eleitor?

D: mas viu como é que eu disse né? Viu como é que eu disse né? [risos].

C: [risos] e aí a partir que ele [eleito] primeiro [chamaria] [incompreensível] secretaria da fazenda, e disse [pior] você avisa o Paranaguá que ele vai ser secretário de saúde, ai o [Orlando] chegou aqui e pediu a auxiliar dele o Rui Carneiro pra me avisar que eu ia ser secretário de saúde,

A categoria trabalho é de grande importância neste texto, pois, como já apresentado ao tratarmos da entrevista de Meton, as falas transcritas sugerem uma oposição ao estereótipo do nordestino. Dalton chega a cidade de Londrina para atuar como médico, mas como já assinalado também segue a carreira política, não só na cidade mas também no Estado Paraná.

4.3. Categorização da entrevista de Kepler Palhano

Categoria 1. Trabalho

WS: Essas entradas dos ingleses, pelas trilhas já tinham sido abertas? Foram

quantas entradas? O senhor acompanhou, foram quantas vezes?

KP: Foi uma única vez.

WS: Isso foi em 270 senhor e aí estava aqui, foi antes de 30 é claro?

KP: Uma só, esse 30 já estava abrindo, foi em 30, foi em 28,29 enquanto fazia o levantamento para fazer as demarcações. Comecei pelas terras de Nova Esperança que é juntamente do vale do Jataí com Piquiri, com o Ivaí aliás. É onde tinha as maiores concessões. Quando demarcaram, retirava a cada,

Quilometro um pouco de Terra que foi mandada para a Inglaterra.

WS: O senhor e os irmãos. Todos são engenheiros e geólogos né ?

12

KP: Todos

WS: Se formaram em... na univer... Sim. Mas lembra da universidade? A universidade do Rio de Janeiro.

KP: É no Rio? É eu, eu me formei em Niterói.

WS: Em Niterói.

KP: Não era universidade. Era escola de agronomia... era agronomia... Ah nem me lembro mais. Interessante eu não queria estudar nada disso, não sabe? Eu queria estudar medicina. Mas o vestibular de medicina, naquele tempo era duro, muito duro... e...eu me matriculei na escola de farmácia e odontologia do estado do Rio. Porque naquele tempo existia transferência do segundo ano de farmácia para o terceiro ano de medicina, que era equivalente. Mas entrou o tal de Chico Sapiência né. Nós o chamava de Chico Sapiência. Não me recordo o nome dele não. Era Francisco não sei de que. Fez uma reforma do ensino e cortou essa transferência. Ai eu abandonei.

Categoria 2. Origem

WS: Seu Kepler... é o seguinte... [rindo] nasceram no Maranhão? Estudaram no Rio de Janeiro?

11

KP: É.

WS: A família no Maranhão era... uma família bem aquinhoadada, bem de vida?

KP: Eram todos engenheiros, todos os meus tios.

WS: Digo a... o seu pai?

KP: Meu pai também.

WS: Era engenheiro também?

KP: O meu pai... ele tinha... casa muito boa, tinha sítio, tinha uma porção de coisas. Ele... foi pro Amazonas ajudar a construção da... daquela estrada de ferro.

Ao considerar a entrevista podemos perceber que as respostas dos alunos são contrárias ao relato de Kepler Palhano. Foram criadas duas categorias que

mostraram ser as que mais se destacaram nas respostas obtidas, a função que os nordestinos exerceram na cidade e em que período chegaram.

Kepler Palhano, maranhense sai de sua cidade para estudar, não sai fugindo da seca e também não é analfabeto. É engenheiro e se não o fosse buscaria profissões que em nenhum momento foram citadas pelos alunos.

A ideia de que todo nordestino é pobre também é quebrada a partir deste relato. Palhano descreve a situação de sua família no estado do Maranhão como detentora de grandes posses. Não estavam deixando sua terra natal por “passar fome”. Também em Londrina o nome Gleba Palhano é uma referência de *status* social valorizado.

Podemos perceber também que, diferentemente das respostas dos alunos, o nordestino está presente no início da cidade exercendo papéis importantes, não citadas em nenhum momento pelos estudantes.

Através do relato de Kepler Palhano podemos perceber como as ideias de Goffman (1978) esclarecem o resultado aqui alcançado. O aluno ao ser questionado apresentou o nordestino através das representações que seu meio social lhe proporcionou. O diferente foi visto como inferior, este resultado se confirma quando solicitados a indicar um nordestino na cidade, a grande maioria não o fez e os que indicaram apresentaram uma descrição diferente da encontrada durante este trabalho.

Respeitando as particularidades dos entrevistados, buscamos estabelecer categorias que pudessem “conversar entre si”. Com os apontamentos feitos aqui enxergamos algumas possibilidades para a abordagem da história da cidade de Londrina. O que se pretendeu neste capítulo foi principalmente apresentar as falas dos migrantes nordestinos, e pensar estas entrevistas como suporte importante quando o objetivo é tratar da presença de um grupo excluído das grandes narrativas tendo o objetivo de problematizar e desconstruir um discurso que vem sendo, ainda hoje, homogêneo na história da cidade, bem como o estereótipo que existe a respeito do nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou durante a graduação tendo como principal objetivo problematizar a ideia de “Pequena Londres” que está consolidada no senso comum e é corroborado na memória e história oficial do município. Pudemos perceber isso ao tratar da presença nordestina na exposição de longa duração do Museu Histórico de Londrina e no livro didático Viver é Descobrir. Notamos que ao longo dos anos, no caso do livro didático, outros grupos sociais foram sendo absorvidos pela narrativa histórica a respeito de Londrina, e que, é possível perceber esta mudança através das respostas dos participantes.

A fundamentação científica da Educação Histórica esta baseada sobretudo pela Epistemologia da história e pela historiografia. Como vimos a historiografia ja demonstrou que o conceito histórico existente a respeito do nordestino vem sendo construído cultural e politicamente desde a década de 1920 (ALBUQUERQUE, 2011). O que percebemos é que mesmo existindo a discussão historiográfica a respeito da construção do nordeste e do nordestino, ao serem questionados os jovens participantes elaboraram suas respostas pautando-se principalmente em filmes, memes, novelas e figuras públicas que muita das vezes reforçam o estereótipo negativo do nordestino.

Entendemos que a intervenção no processo de ensino aprendizagem é necessária quando as ideias substantivas se mostram claramente pautadas por estereótipos. Neste sentido tomamos a educação histórica associada as ideias de Lee como metodologia privilegiada para esta intervenção. Esta perspectiva aproxima o conhecimento histórico escolar com a epistemologia da história. Desta forma aponta a apreensão de alguns saberes como essencias para a compreensão histórica.

- a) Saber ler diferentes fontes históricas, com suportes diversos (fotografia, pinturas, documentos escritos, depoimentos orais, cultura material).
- b) Saber selecionar fontes para confirmação ou refutação de hipóteses.
- c) Saber entender o nós (identidade) e os outros (alteridade), em diferentes tempos e espaços.
- d) Saber levantar novas hipóteses de investigação (GERMINARI, 2010. p.28)

Os itens expostos no texto de Germinari (2010) concordam com a proposta deste trabalho que é a seleção e leitura de fontes históricas, e principalmente saber entender o nós e os outros. No último capítulo deste trabalho foram apresentadas entrevistas de nordestinos como fonte para pensar sobre a participação nordestina na história de Londrina. Entendemos que as fontes são importantes para a desconstrução destes estereótipos. Pensar o passado historicamente, com base em fontes e na historiografia, permite que o conhecimento histórico se torne uma ferramenta diante das desigualdades existentes na estrutura social vigente.

Atualmente o ensino de história local está previsto para as séries iniciais do ensino fundamental, porém, optar por utilizar a história local como metodologia na disciplina de História com jovens dos três anos do ensino médio possibilita uma reflexão sobre a relação entre a micro e a macro-história.

O estudo da localidade ou da história regional contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de se ver mais de um eixo histórico na história local e na possibilidade da análise de microhistórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 139).

Assim como no caso do conceito histórico do nordestino que foi desconstruído por Albuquerque (2011) a historiografia a respeito da cidade de Londrina também desconstruiu a ideia de “Pequena Londres”.

Podemos dizer que ao considerar os resultados desta pesquisa, a cultura do café, os pontos do Centro Histórico e principalmente o Museu, continuam sendo a principal referência quando são questionados a respeito da história de Londrina.

Nossa fonte, a coleção didática Viver e Descobrir mostrou que desde a primeira edição de 1988 até a mais nova consultada, de 2008 percebe-se que, com o avanço dos anos estes temas aqui ditos como “clássicos” da antiga historiografia da cidade continuaram a figurar na obra.

Novas abordagens também foram observadas nas edições vistas neste trabalho. Outros grupos, como o nordestino começaram a aparecer nas páginas do manual.

Acreditamos que estas mudanças epistemológicas e historiográficas vem sendo absorvidas pela educação básica. Tomemos as respostas, onde também foi possível notar que outros espaços foram indicados como históricos. Não só os

grandes centros estão presentes nas respostas. Novas abordagens estão sendo feitas ao ensinar a história. Este trabalho contribui para que estas novas práticas se consolidem.

Diante disto entendemos que ao ensinar história, sobretudo a história local, é de extrema importância que cada vez mais o ensino deva absorver os grupos excluídos das narrativas oficiais. Confirmou-se no caso dos nordestinos o estereótipo construído ao longo do tempo, e quando questionados sobre a presença deles na história da cidade os participantes em sua maioria, não souberam indicar, ou se valeram da figura do retirante. O nordestino que aqui apareceu foi o da música, o do filme, o da novela. Por isso entendemos que uso de fontes como as entrevistas apresentadas no último capítulo, sejam de grande valia ao tratar da história destes sujeitos já que fogem do estereótipo que ainda está cristalizado.

Referências bibliográficas

- ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso:** civilização e barbárie em Londrina – 1930/1960. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP. Assis (SP), 1991.
- ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de. **Participação social dos operários de origem rural em área urbana, Londrina, Pr.** Curitiba: Grafipar, 1981.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla M. (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5. ed., São Paulo: Cortez, 2011.
- ALEGRO, Regina Célia. Considerações acerca da experiência de elaboração e aplicação de manual para coleta e tratamento de relatos orais no ensino básico. In: CERRI, Luis Fernando (org.). **Ensino de História e Educação olhares: em convergência.** Ponta Grossa: UEPG, 2007.
- ARAÚJO, Meton Souza. Nome do entrevistador: Barbara Daher Belinati. Legendas utilizadas: B= Barbara Daher Belinati; M: Meton Araújo de Souza; R: Rui Cabral (fotógrafo do M.H.L); F: Filho de Meton Araújo de Souza; S: Silvana. Data: 16/11/2005. Local: Rua Euclides da Cunha, 340- Jardim Shangrilá- Zona A Transcrita: Gisele da Silva Oliveira. Revisada: Aline Fernanda Souza de Oliveira. **Acervo do Museu Histórico de Londrina “Pe” Carlos Weiss.**
- ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado:** representações da política em Londrina 1930-1975. Londrina: Eduel, 1998.
- ARIAS NETO, José Miguel. **O pioneirismo:** discurso político e identidade regional. In: Revista Brasileira de História. Vol.14, nº.50. São Paulo: ANPUH, 1994
- ASARI, Alice Yatiyo; TUMA, Magda Madalena. **Aspectos históricos, físicos, econômicos e institucionais do município de Londrina: Documento Consulta.** In: Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Londrina, 1978.
- BARBOSA, V. DE L. Ensino de História local: redescobrimo sentidos. **Sæculum – Revista de História,** n. 15, 31 dez. 2006.

BARCA, Isabel. O papel da Educação Histórica no desenvolvimento social. In: **Educação Histórica teoria e pesquisa**. CAINELLI, Marlene, SCHIMIDT, Maria auxiliadora- Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CAMBIAGHI, Salette Magdalena. O povoamento do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Vol 2. Londrina: Edições humanidades, 2007.

CANCIAN, Nadir aparecida. **Cafeicultura paranaense 1900-1970: estudo de conjuntura**. Curitiba: Grafipar, 1981.

CERNEV, Jorge. **Liberalismo e colonização: o caso do Norte do Paraná**. Londrina: Eduel, 1997.

CHAGAS, M. de S. “*Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus*”. In: **MINOM – ICOFOM - Atas do II EIE/ IX ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www.brasilcidade.org.br/museu/artigos_03.php
Acesso em: 01/09/13

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da educação**. ASPHE/FaE/UFpel, Pelotas (8): 141-174, set. 2000.

FRANCO, Alexia P.; VENERA, Raquel A.S. A Memória e o Ensino de História hoje: um desafio nos deslizamentos de sentidos. In: ZAMBONI, Ernesta (org.). **Digressões sobre o ensino de História**. Memória, História Oral e razão histórica. Itajaí: Maria do Cais, 2007.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **ECO-PÓS**, vol. 7, nº 2, p. 45-71, 2004.

GAGO, Marília. **Pluralidade de olhares: construtivismo e multiperspetiva no processo de aprendizagem**. Maputo: EPM-CELP, 2012.

GEJÃO, Natalia Germano. **A produção do conhecimento histórico escolar mediada pelo o uso da imagem fotográfica: o governo de Getúlio Vargas e a**

relação com a classe trabalhadora (1930-1945). 2010. 228 folhas. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

GERMINARI, G.; BUCZENKO, G. (2012). História local e identidade: um estudo de caso na perspectiva da educação histórica. **História & Ensino**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Zahar Editores, 1978.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; PENNA, Rejane Silva. Contar a vida, pensar a história- Experiências na utilização das fontes orais no ensino da História. In: **História & Ensino**, Londrina, v.12, p.83-100, ago.2006.

GRAVITOL, K. **Viajante incansável**: a trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising no Brasil. Dissertação (mestrado)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GUIA DOS MUSEUS BRASILEIROS/INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Brasília: Instituto brasileiro de Museus, 2011.

JOFFILY, José. **Londres Londrina**. Paz e terra, 1985.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª edição. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

LAVILLE, C. Em educação histórica e memória não vale a razão. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. UFMG, n°41, p.13-42, jun/2005.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I. **Perspectivas em educação histórica**. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga - Portugal: Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho, 2001.

LEE, Peter. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, I. (Org.). **Educação histórica e museus**. Braga: Centro de Investigação em Educação; Instituto de Educação e Psicologia; Universidade do Minho Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga - Portugal: Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho. 2003.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina – 1959-2000**. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013

LIMA, Leilane Patricia de; POLO, Mario Junior Alves. Reflexões sobre o papel de educador de museus. In: **Boletim Museu Histórico de Londrina—Londrina-** Pr: Universidade Estadual de Londrina, v.1, n.1, jul./dez. 2009, p p. 23-31.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. London: The Free Press/ Collier Macmillan, 1965.

LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1980.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do Teatro da memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. Nova Série. São Paulo, v.2. jan/dez, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 – 1924)**. Maringá: EDUEM, 1994.

MONBEIG, Pierre. A zona pioneira do Norte-Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico**. Vol 2. Londrina: Edições humanidades, 2007.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: **Ciência & Educação**: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

NEVES, L. A. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In: **História Oral**, 3, 2000, p. 109-16.

NORA, Pierre. Entre memória e História A problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo: CEDUC, n 10, dezembro/1993, p. 7-46.

OLIVEIRA, Margarida. FREITAS, Itamar. Currículos de História e expectativas de aprendizagem para os anos finais do ensino fundamental no Brasil (2007-2012). In: **Revista História Hoje** (Revista eletrônica de história e ensino). Junho de 2012.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o Caso do Paraná**. Hucitec, 1981.

PARANAGUÁ, Dalton Fonseca. Nome dos entrevistadores: Professor Olympio Luiz Westphalen e Professora Conceição Aparecida Duarte Geraldo. Legendas utilizadas: D: Dalton; O: Olympio; C: Conceição; M: Marta Data: Não informada. Local: Não informado. Fita: FC.0156-A. Transcrita: Gisele da Silva Oliveira. Revisada por: Aline Fernanda Souza de Oliveira. **Acervo do Museu Histórico de Londrina “Pe” Carlos Weiss.**

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004.

PRIORI, Angelo. **História do Paraná: século XIX e XX.** Maringá: Eduem, 2012.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Apropriações de alunos do ensino médio quanto à história da cidade de Londrina-PR. **Tempo e Argumento**, v. 09, p. 60-95, 2016.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História.** São Paulo. Vol. 9, nº 19, pp. 219-243, 1990. Disponível em http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3887 Acesso em 28 de março de 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1998.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná” histórias e fantasmagorias.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Pequena história do Paraná.** Melhoramentos. 1950.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná.** Professores, 1967.

WHITE, Hayden. **Meta-História.** Universidade Johns Hopkins: 1973.

ANEXOS

Nome (opcional) _____ Série: _____

1) Sexo: _____ 2) Idade: _____

3) Etnia: _____ 4) Religião: _____

5) Renda familiar: () menos de 01 salário mínimo (R\$998)

() de 1 a 3 salários mínimos

() de 3 a 5 salários mínimos

() mais de 5 salários mínimos

6) Qual seu estado civil? _____

7) Tem filhos? _____ Quantos? _____

8) Você trabalha? _____ No que? _____

9) Qual a escolaridade de seus pais? _____

10) Você pretende continuar os estudos? _____ Qual o curso?

11) Tem acesso à Internet? _____ O que costuma acessar?

_____ Quantas horas
fica em média na Internet por semana? _____

12) Quais seus grupos musicais e/ou músicas prediletas?

13) Quais os filmes prediletos?

14) Quais os livros prediletos?

15) Quais os programas de TV prediletos?

16) Quais os objetos que costuma comprar?

17) Você cursou o ensino fundamental I na cidade de Londrina? Se não diga a cidade em que estudou.

18) Se você estudou em Londrina faça um breve relato sobre o que aprendeu a respeito da história da cidade. O que você se lembra?

19) Aponte ao menos três lugares ou monumentos que você considere histórico na cidade de Londrina. Justifique suas escolhas:

20) Abaixo temos partes da letra de Asa Branca, música interpretada por Luiz Gonzaga e muito conhecida por tratar da Região Nordeste do Brasil. Leia os trechos da música abaixo e responda:

Quando oiei a terra ardendo Qual fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação[...]	[...]Hoje longe, muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar ai pro meu sertão[...]
[...]Que braseiro, que fornaia Nem um pé de prantação Por falta d'água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão[...]	[...]Quando o verde dos teus olhos Se espalhar na plantação Eu te asseguro não chore não, viu Que eu voltarei, viu

<p>[...]Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão Entonce eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração[...]</p>	<p>Meu coração[...] Trechos da música Asa Branca Compositores: Humberto Teixeira / Luiz Gonzaga</p>
---	--

Como o Nordeste é retratado na música? Você concorda com a forma de como o Nordeste é retratado?

• O Nordeste retratado na música apresenta relação com seus conhecimentos a respeito da região? Se sim explique:

• Aponte pelo menos três produções artísticas/culturais que, na sua opinião, representem o Nordeste. (Livros; filmes; música; pinturas; festas; novelas etc.)

• Escreva cinco palavras que mostrem como é um(a) nordestino(a):

21) Leia e reflita:

“No dia 20 de agosto de 1929, George Craig Smith, paulista, descendente de ingleses, partiu de Ourinhos - SP chefiando uma caravana de mais ou menos doze pessoas com destino às terras roxas do Norte do Paraná. Essa caravana iniciaria o desbravamento das matas, reconhecimento e loteamento da maior empresa colonizadora da América do Sul, dona de 500.000 alqueires de terras cobertas com matas virgens que impressionaram Lord Lovat em 1924. “

(<http://www.uel.br/museu/complementares/colonizacao.html>)

“Londrina, já nos anos 50, emergiu no cenário nacional como importante cidade do interior

do Brasil. Neste período, apresentou considerada expansão urbana em razão da produção cafeeira no norte do Paraná, em especial na cidade de Londrina, o que levou à intensificação do setor primário de toda região. Nesta década a população passou de 20.000 habitantes para 75.000, sendo que quase metade se encontrava na área rural.”

(<http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=5>)

Os textos acima referem-se ao início da colonização de Londrina. Quando, você acha que os(as) nordestinos(as) vieram para Londrina?

() na sua origem () mais tarde

22) O que você acha que o(a) nordestino(a) veio fazer na cidade de Londrina?

23) Você conhece algum(a) nordestino(a) ou filho(a) de nordestino(a) em Londrina? Se sim conte o que sabe sobre ele(a).

24) Você já ouvir falar de algum(a) nordestino(a) considerado “importante” na cidade? E no Brasil? Cite os nomes.
